

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Raul Brandão
Memórias



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Raul Brandão

Memórias

Volume I

Publicado originalmente em 1919.

**Raul Germano Brandão
(1867 – 1930)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 494



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Raul Brandão: “*Memórias*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

BIOGRAFIA

Nasceu Raul Germano Brandão na invicta cidade do Pôrto, em 1867, e faleceu em Lisboa, em 1930. Raul Brandão, segundo o desejo dos pais, seguiu a carreira militar. De fato, aos vinte e um anos, assentou praça e chegou a alcançar o posto de capitão, no que se reformou, em 1912. Mas seus pendores literários serviam de derivativo aos afazeres do exército, pois, desde seus anos de mocidade, colaborou intensamente na imprensa lisboeta e nos periódicos da província. Foi fundador, diretor ou redator de diversos jornais do Porto e de Lisboa, distinguindo-se pelo seu senso de analista e profundo psicólogo dos conflitos humanos, seu tema constante, além dos dotes de pensador e estudioso dos problemas sociais.

Seu estilo poderoso, temperamento humaníssimo, mereceram do crítico João Gaspar Simões, em *O Mistério da Poesia*, este brilhante julgamento: “Raul Brandão era psicologicamente um poeta, “um grande poeta”; suas obras pertencem ao domínio da criação poética, embora o seu aspecto formal indique o contrário”. E, quanto ao estilo:

“O seu estilo: O seu estilo... imprime à sua obra aquela promessa de eternidade que ele não pode encontrar na vida”.

Cultivou o conto (*Impressões e Paisagens*, 1890), o romance (*História de um Palhaço — Vida e Diário de K. Maurício*, 1896, mais tarde refundido com o título de *A Morte do Palhaço* e o *Mistério da Arvore*, 1926; *A Farsa*, 1903; *Os Pobres*, 1906; *Húmus*, 1917; *O Pobre de Pedir*, 1931), o teatro (*O Gebo e a Sombra*, 1923; *O Rei Imaginário*, 1923; *O Doido e a Morte*, 1923; *O Avejão*, 1929), as memórias (*Memórias*, 3 vols., 1919, 1925 e 1933), a historiografia (*El-Rei Junot*, 1912; *A Conspiração de Gomes Freire*, 1914), a literatura de viagens (*Os Pescadores*, 1923; *Ilhas Desconhecidas*, 1927).

Referências bibliográficas:

1. Massaud Moisés: *A Literatura Portuguesa através dos textos*, 22ª Edição. Editora Culturix. São Paulo, 1997.
2. *Primores do Conto Universal: Contos Portugueses*. Seleção e organização do Prof. Jacob Pentead. Editora Edigraf. São Paulo.

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	1
ALGUMAS FIGURAS.....	7
O MONUMENTO.....	31
PÓ DA ESTRADA.....	43
A SOCIEDADE ELEGANTE.....	134
O MUNDO POLÍTICO.....	143
NOTAS.....	156

MEMÓRIAS

VOLUME I

AOS MORTOS

PREFÁCIO

Janeiro de 1915

Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habito: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura duma pedra. Não sei – nem me importo – se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espetáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até ao juízo final. Nunca fui homem de ação e ainda bem para mim: tive mais horas perdidas... Fugi sempre dos fantasmas agitados, que me metem medo. Os homens que mais me interessaram na existência foram outros: foram, por exemplo, D. João da Câmara, poeta e santo, Corrêa de Oliveira, um chapéu alto e nervos, nascido para cantar, Columbano e a sua arte exclusiva, e alguns desgraçados que mal sabiam exprimir-se. Conheci muitos ignorados e felizes. Meio doidos e atônitos. O Nápoles ainda hoje dorme sobre a mesma rima de jornais?... Outro andava roto e dava tudo aos pobres. O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho lhe coube em sorte. De dor também.

A que se reduz afinal a vida? A um momento de ternura e mais nada... De tudo o que se passou comigo só conservo a memória intacta de dois ou três rápidos minutos. Esses, sim! Teimam, reluzem lá no fundo e inebriam-me, como um pouco de água fria embacia o copo. Só de pequeno retenho impressões iam nítidas como na primeira hora ouço hoje como ontem os passos de meu pai quando chegava a casa; vejo sempre diante dos meus olhos a mancha azul -

ferrete das hidrângeas que enchiam o canteiro da parede. O resto esvai-se como fumo. Até as figuras dos mortos, por mais esforços que faça, cada vez se afastam mais de mim... Algumas sensações, ternura, cor, e pouco mais. Tinta. Pequenas coisas frívolas, o calor do ninho, e sempre dois traços na retina, o cabedelo de ouro, a outra-banda verde... Passou depois por mim o tropel da vida e da morte, assisti a muitos fatos históricos, e essas impressões vão-se desvanecidas. Ao contrário, este fato trivial ainda hoje o recordo com a mesma vibração a morte daquela laranjeira que, de velha e tonta, deu flor no Inverno em que secou. O resto usa-se hora a hora e todos os dias se apaga. Todos os dias morre.

Lá está a velha casa abandonada, e as árvores que minha mãe, por sua mão, dispôs: a bica deita a mesma água indiferente, o mesmo barco arcaico sobe o rio, guiado à espadela pelo mesmo homem do Douro, de pé sobre a gaiola de pinheiro. Só os mortos não voltam. Dava tudo no mundo para os tornar a ver, e não há lágrimas no mundo que os façam ressuscitar.

Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e dourada, a Cantareira, no alto o Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. Aqui ao lado morou a minha avó; no armário, metido na parede como um beliche, dormiu em pequeno o meu avô, que desapareceu um dia no mar com toda a tripulação do seu brigue, e nunca mais houve notícias dele. Lembro-me da avó e da tia Iria, de saia de riscas azuis, sentadas no estrado da sala da frente, e possuo ainda o volume desirmanado do *Judeu* que elas liam, com o *Feliz Independente do Mundo e da Fortuna e a Recreação Filosófica* do padre Teodoro de Almeida. Ouço, desde que me conheço, sair do negrume, alta noite, a voz do moço chamando os homens da campanha: – Ó sê Manuel, cá pra baixo pro mar! – Vi envelhecer todos estes pescadores, o Bilé, o Mandum, o Manuel Arrais, que me levou pela primeira vez, na nossa lancha, ao largo. Há que tempos! – e foi ontem... A quarenta braças lança-se o ancorote. Na noite cerrada uma luzinha à proa; do mar profundo – chape que chape – só me separa o cavername. Deito-me com os homens sob a vela estendida. Primeiro livor da manhã, e não distingo a luz do dia do pó verde do ar. Nasce da água, mistura-se na água, com reflexos baços, a claridade salgada que palpita no ar vivo que respiro, no oceano imenso que me envolve. Iça! iça! – e as redes sobem pela polé, cheias de algas e de peixe, que se debate no fundo da catraia. Voltamos. Já avisto, à vela panda, o farolim, depois Carreiros; um ponto branco, além no areal, é o Senhor da Pedra, e a terra toda, roxa e diáfana, emerge enfim, como aparição, do fundo do mar.

A onda quebra. Eis a barra. Agora o leme firme!... As mulheres, de perna nua, acodem à praia para lavar as redes, e o velho piloto-mor, de barba branca, sentado à porta da Pensão, fuma inalterável o seu cachimbo de barro. O azul do

mar, desfeito em poalha, mistura-se ao ouro que o céu derrete. Mais barcos vão aparecendo, vela a vela: o

Vai com Deus, a Senhora da Ajuda, o Deus te guarde, e os homens, de pé, com o barrete na mão, cantam o *bendito*, tanta foi a pesca. – Quantas dúzias? – Um cento! dois centos! – Nas linguetas de pedra salta a pescada de lista preta no lombo, a raia viscosa, o ruivo de dorso vermelho, ou, no Inverno, a sardinha que os batéis carregam do mar inesgotável, estivado de prata todo o cais. Às vezes o peixe miúdo e vivo é tanto que não bastam os almocreves com os seus burros canastreiros, as varinas com os seus gigos, nem as mulheres de saia ensacada e perna à mostra, para o levarem, apregoando-o, por essa terra dentro. Dá-se a quem o quer, faz-se o quinhão dos pobres. Em Setembro são as marés vivas. Mais tarde cresce do mar um negrume. Acastelam-se as nuvens no poente, e forma-se para o Sul uma parede compacta que tem léguas de espessura. A voz é outra, clamorosa, e, à primeira lufada, bandos de gaivotas grasnam pela costa fora, anunciando o Inverno que vem próximo. O quadro muda, e os homens morrem à boca da barra, na Pedra do Cão, agarrados aos remos, sacudidos no torvelinho da ressaca, o velho arrais de pé, as duas mãos crispadas no leme, cuspidando injúrias, para lhes dar ânimo, e todo o mulhério da Póvoa, de Matosinhos, da Afurada – vento sul, camaroeiro içado –, com as saias pela cabeça, salpicadas de espuma e molhadas de lágrimas: – Ai o meu rico homem! o meu filho, que não o torno a ver! – E chamam por Deus, ou insultam o mar, que, Inverno a Inverno, lhos leva todos para o fundo.

O que sei de belo, de grande ou de útil, aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor o do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois não aprendi coisa que valha. Confusão, balbúrdia e mais nada. Vacuidade e mais nada. Figuras equívocas, ou, com raras exceções, sentimentos baços. Amargor e mais nada. Nunca mais... Nunca Londres ou a floresta americana me incutiram mistério que valesse o dos quatro palmos do meu quintal. Nunca caça às feras no canavial indiano foi mais fértil em emoção e aventura que a armadilha aos pássaros na poça do Monte, com o Manuel Barbeiro. Uma nora, dois choupos, a água empapada, e, entre as ervas gordas como bichos, pegadas de bois cheias de tinta azul; refletindo o céu implacável de Agosto. Os pássaros com as asas abertas desconfiam e hesitam: a sede aperta-os o sol escalda-os. Mal pousam na armadilha, agarramo-los com ferocidade. Chiu!... Uma andorinha descreve lá no alto um círculo perfeito, e vem, no voo desferido, arrepiar com o bico a água estagnada. Toca numa palheira de visco – é nossa! Já tiveste nas mãos uma andorinha? É penas e vida frenética. E essa vida pertence-te!... Só ao fim da tarde regressava a casa com os bolsos cheios de rãs e os olhos deslumbrados. Nenhuma figura torva, nem o Anticristo, me comunicou terror semelhante ao do inofensivo Manco da esquina, que escondia de manhã a barba, que lhe chegava ao umbigo, entre o peito e a camisa, para a sacar de noite, quando saía à estrada... Sou capaz de te dizer qual o tom róseo de certos dias, quando o

pessegueiro bravo encostado ao muro floresce. O murmúrio da minha bica não me sai dos ouvidos até à hora da morte. Quase todos os meus amigos – o Nel, que não tornei a ver... – são dessa época. Doutras impressões mais tardias não restarão vestígios, mas tenho sempre presentes os mesmos pinheiros mansos – que já não existem – acenando para a barra, e alta noite acordo ouvindo o rebramir do mar longínquo. Nos dias de desgraça é sempre a mesma voz que chama por mim... Olha, olha ainda e extasia: e o rio parece um lago, e um bando de gaivotas desfolhadas alastra sobre a tinta azul, com laivos esquecidos do poente. Bóia espuma na água viva que a maré traz da barra... E não há cheiro a flores que se compare a este cheiro do mar.

Agosto de 1910

Aos 23 do mês passado morreu meu pai amachucado, exausto e pobre. Encontrão dum, repelão de outro, assim foi até à cova. Tinha 67 anos incompletos. Não podia mais. Encontraram-lhe alguns cobres no bolso. Há muitos anos que se arrastava, e só tinha de seu uma alegria e um repouso: os domingos. Aos domingos metia-se no quarto, calçava uns chinelos, e toda a tarde chorava lágrimas sem fim sobre um velho romance de Camilo. Minha mãe pouco mais durou, com um olhar de pasmo. Lá ficou a velha casa abandonada... Sobe a lua no céu, e a sombra no monte. Seis árvores, quatro paredes – tudo aqui me enche de saudades. A bica continua a correr, mas outras sedes se apagarão naquela água. Outros virão também sentar-se no banco de pedra... Só me resta a tua mão querida, que a meu lado segura a minha mão. Os mortos chamam por nós cada vez mais alto... Olho para ti e os teus primeiros cabelos brancos fazem-me chorar.

Setembro de 1910

Hoje acordei com este grito: eu não soube fazer uso da vida!

O que me pesa é a inutilidade da vida. Agarro-me a um sonho; desfaz-se-me nas mãos; agarro-me a uma mentira e sempre a mesma voz me repete: – É inútil! inútil!

A aquiescência, o sorriso: pois sim... pois sim... – a necessidade de transigir, o preceito, a lei, fizeram de mim este ser inútil, que não sabe viver e que já agora não pode viver. Não grito de desespero porque nem de desespero sou capaz.

A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos – e não cremos ainda. O passado desapareceu,

de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem teto, entre ruínas, à espera...

Não entendo nada da vida. Cada dia que avança entendo menos da vida. Contudo há horas, as horas perdidas – e só essas – que queria tornar a viver e a perder.

Deus, a vida, os grandes problemas, não são os filósofos que os resolvem, são os pobres vivendo. O resto é engenho e mais nada. As coisas belas reduzem-se a meia dúzia: o teto que me cobre, o lume que me aquece, o pão que como, a estopa e a luz.

Detesto a ação. A ação mete-me medo. De dia podo as minhas árvores, à noite sonho. Sinto Deus – toco-o. Deus é muito mais simples do que imaginas. Rodeia-me – não n sei explicar. Terra, mortos, uma poeira de mortos que se ergue em tempestades, e esta mão que me prende e sustenta e que tanta força tem...

Como em ti, há em mim várias camadas de mortos não sei até que profundidade. Às vezes convoco-os, outras são eles, com a voz tão sumida que mal a distingo, que desatam a falar. Preciso da noite eterna: só num silêncio mais profundo ainda conto ouvi-los a todos.

Nunca os meus me chamaram tão alto. Sentam-se a meu lado. Rodeiam-me, e pouco a pouco o círculo da minha vida restringe-se a um ponto – a cova.

Teimo: há uma ação inferior, a dos mortos, há uma ação exterior, a da alma. A inteligência é exterior e universal e faz-nos vibrar a todos duma maneira diferente. Destas duas ações resulta o conflito trágico da vida. O homem agita-se, debate-se, declama, imaginando que constrói e se impõe – mas é impelido pela alma universal, na meia dúzia de coisas essenciais à vida, ou obedece apenas ao impulso incessante dos mortos.

A minha alegria em velho consistiria em ter aqui meu pai para falar com ele. Não é só saudade que sinto: é uma impressão física. Agora é que acharia encanto até às lágrimas em termos a mesma idade, conversarmos ao pé do lume e morrermos ao mesmo tempo...

Fevereiro de 1910

Isso que aí fica não são memórias alinhadas. Não têm essa pretensão. São notas, conversas colhidas a esmo, dois traços sobre um acontecimento – e mais nada. Diante da fita que a meus olhos absortos se desenrolou, interessou-me a cor, um aspecto, uma linha, um quadro, uma figura, e fixei-os logo no canhenho que

sempre me acompanha. Sou um mero espectador da vida, que não tenta explicá-la. Não afirmo nem nego. Há muito que fujo de julgar os homens, e, a cada hora que passa, a vida me parece ou muito complicada e misteriosa ou muito simples e profunda. Não aprendo até morrer – desaprendo até morrer. Não sei nada, e saio deste mundo com a convicção de que não é a razão nem a verdade que nos guiam: só a paixão e a quimera nos levam a resoluções definitivas. O papel dos doidos é de primeira importância neste triste planeta, embora depois os outros tentem corrigi-lo e canalizá-lo... Também entendo que é tão difícil asseverar a exatidão dum fato como julgar um homem com justiça. Todos os dias mudamos de opinião. Todos os dias somos empurrados para léguas de distância por uma coisa frenética, que nos leva não sei para onde. Sucede sempre que, passados meses sobre o que escrevo – eu próprio duvido e hesito. Sinto que não me pertencem... É por isso que não condeno nem explico nada, e fujo até de descer dentro de mim próprio para não reconhecer com espanto que sou absurdo – para não ter de discriminar até que ponto creio que não creio, e de verificar o que me pertence e o que pertence aos mortos. De resto isto de ter opiniões não é fácil. Sempre que me dei a esse luxo, fui forçado a reconhecer que eram falsas ou errôneas. Sou talvez uma árvore que cresce à sua vontade, pernada para aqui, pernada para acolá, à chuva e ao vento. Não admito poda. Perco horas com inutilidades, e passo alheado e frio diante do que os outros contemplam extasiados. Admiro, por exemplo, muito mais, perdoem-me, a vida ignorada do meu vizinho, o sr. Crasto, que morreu de oitenta anos, curvado, a lavrar a terra, do que a do senhor Hintze Ribeiro, que considero inútil e destituída de toda a beleza.

Por isso, repito, muitas folhas destes canhenhos serão mal interpretadas, talvez alguns tipos falsos. Só vemos máscaras, só lidamos com fantasmas, e ninguém, por mais que queira, se livra de paixões. No que o leitor deve acreditar é na sinceridade com que na ocasião as escrevi. Poderão objetar-me: – Então com que destino público tantas páginas desalinhadas, de que eu próprio sou o primeiro a duvidar? É que elas ajudam a reconstituir a atmosfera duma época; são, como dizia um grande espírito, o lixo da história. Ensinam e elucidam. Foi sempre com a legenda que se construiu a vida. Sei perfeitamente que a história viva tanto se faz com a verdade como com a mentira – se não se faz mais com a mentira do que com a verdade. Para gerar um acontecimento é preciso criar-lhe primeiro a atmosfera propícia. “Algumas palavras sob caricaturas grosseiras, dispersas pelos campos, formaram uma lenda na imaginação popular, concernente ao rei, à rainha, ao conde de Artois, a madame de Lamballe, ao pacto da fome, *aos vampiros que sugam o sangue do povo*, etc. Dessa lenda – que ele acha útil – saiu a grande revolução” – diz um historiador. A gente nunca sabe ao certo se da infâmia poderão nascer coisas belas... A mentira, o boato, o que se diz ao ouvido, o que se deturpa, e que tanta força tem, a meada de ódio, de ambição e de interesses, que não cabe na história com H grande, tem o seu lugar num livro como este de memórias desprezíveis. Eis uma razão. Tenho

outra ainda: torno a ver e a ouvir alguns mortos. Recordo, o que é necessário a quem cada vez mais se isola com o seu sonho e as suas árvores. Isto aquece quase tanto os primeiros anos da minha velhice como o lume que arde até Junho na lareira desta casa.

Cantareira, Foz do Douro – 1918

ALGUMAS FIGURAS

Janeiro de 1900

Urbano de Castro, com um olho torto e um chapelinho afadigado, na aparência reservado e sardônico, sai-se encantador na intimidade. Os seus amigos adoram-no, o Câmara, o Schwalbach, a antiga roda do *Correio da Manhã*. Trouxe para o jornalismo uma grande leitura de clássicos – conhece muito a língua – e uma forma irônica e precisa: em meia dúzia de linhas incisivas deixa o adversário a sangrar. Os políticos temem-no tanto, que uma das condições impostas pelo José Luciano, quando do pacto com o Hintze, foi que o Urbano terminasse na *Tarde* com O espírito de S. Ex.a.

Eis algumas máximas de Urbano de Castro:

- A paciência é uma virtude de capote e lenço.
- Quanto mais leve é a cabeça da mulher, mais pesada é a do marido.
- Os homens públicos são como os papéis de crédito – o que hoje tem uma alta cotação, amanhã não vale, e inversamente.
- Quando tiveres muitos argumentos, não empregues senão os melhores. Quando não tiveres nenhum, emprega todos.
- A paternidade é, muitas vezes, um rótulo. A garrafa é a mesma, mas o vinho é outro.
- Viúva rica, com um olho dobra, com outro repica.
- No coração mora-me Deus, no fígado o diabo.
- Mortal é o contrário de imortal. Imortal é o que é sempre. Logo, mortal – é o que não é e nunca.

– Teologia – a arte de fazer compreender aos outros aquilo que nós não entendemos.

– De todas as armas, a mais difícil de manejar é o pau... de dois bicos.

– Jornalista – fabricante da opinião pública. Cada um afirma que a única, genuína, é a da sua lavra.

– Se os homens de mais juízo pensarem a sério em muitos dos meus atos, hão de reconhecer que não têm juízo nenhum.

– O suicida tem para mim um lado simpático – não se julga insubstituível.

Junho de 1903

Depara-se-me hoje o Garrido, redondinho, baixo, de bigode grisalho e um ventre de proprietário. Nunca se altera nem perde a paciência. Jovial? Não, triste e falando sempre baixinho. Tem ganho fortunas, tem dissipado fortunas com o mesmo ar inalterável. Houve ocasiões em que todos os teatros do Rio representaram peças com o seu nome. Está cheio de dívidas. E o seu ideal, o ideal desta existência de acaso, com aflições de morte, ou dispersa pelo Brasil entre dois números de opereta – pan! pan! pan! – e dinheiro atirado a rodos, é um casebre no campo, duas árvores num retalho de horta viçosa e uma nora pingue que pingue no fundo do quintal. E não escrever uma linha.

Um agiota não o larga. É este velhinho paternal, de cabelos brancos, que faz recados, deita as cartas ao correio e leva couro e cabelo. Parece inofensivo. Começou a vida por criado de servir e esfolou os patrões. Afirma que o Garrido ó capaz de arrancar dinheiro a um morto:

– Este senhor Garrido dá-me cada aflição! Até me faz criar caspa!

Fevereiro de 1900

A paixão deste homem ó não ter um livro de jeito. G... só escreveu três folhetos, e por aí ficou o seu talento. Espremido, não deu mais. É no entanto uma figura epigramática e nítida de conversador e um tipo curioso de boêmio lisboeta. Dormiu nas escadas dos prédios, pertenceu ao grupo que o Fialho arrastava pelas ruas até antemanhã, dispersando com ele o ouro da sua esplêndida fantasia. Para essa meia dúzia de boêmios improvisou o grande escritor as suas melhores sátiras. Uma noite, no café, G... aludiu à sua obra, e logo do lado o

Fialho acudiu: – A tua obra, bem sei... Vinte e cinco cartas a vinte e cinco amigos pedindo vinte e cinco tostões emprestados.

G... embezerrou. Mas passados minutos aproveitou uma pausa no diálogo para perguntar com indiferença ao Fialho, que tinha casado rico, há pouco, com uma mulher que gastou a vida a esperá-lo no fundo da província:

– Ó Fialho, fazes favor de me dizer que horas são... no relógio do teu sogro?



D. João da Câmara

Fevereiro de 1903

Vejo sempre diante de mim o D. João da Câmara. Já cansado e asmático, olhando por cima das lunetas, e falando baixinho, com receio, uma modéstia no dizer, e um medo de magoar... A barba espessa, a grenha espessa e um chapelinho posto ao lado completam a figura um pouco mole. É quase um santo. Joga e jejuia. Dá tudo o que tem. Exploram-no.

– O que me perdeu na vida foi não ter energia. Nunca me decido. – E mais baixo:

– Isto vem talvez dos jesuítas que me educaram. Tive alguns condiscípulos que são homens notáveis e ninguém dá por eles.

Vive de noite, com uns e outros, ao acaso, nos bastidores dos teatros, ou encantado com uma ceiazinha na taberna que descobriu no Arco do Bandeira. Se encontra o Pinturas, está perdido: não se largam mais. Vai sempre para casa de manhã, e a sua vida é tão aflitiva que desejaria, como o Schwalbach, que o metessem algum tempo no Limoeiro, para não pensar no dia seguinte.

Ontem contou-me isto, que é encantador:

– Não me importava nada de ter catorze filhos em vez de sete. São muito meus amigos. O Vicente nunca sai de casa sem me dar um beijo. Eu estou sempre a dormir...

Esta manhã – estava acordado, mas fingi que dormia, quando aquele rapagão me entrou no quarto, pé ante pé, para não me acordar, e beijou-me...

E fica extático.

Às vezes fala-me das peças que há de fazer, do *Sermão da Montanha* e de outra, com tipos de sonhadores que se alimentam de mentira e dum passado que nunca existiu, forjado ponto por ponto. Assobia-se, por exemplo, um trecho de ópera, e logo este atalha: – Bem sei, é da *Dinorá!*... Tempos que já lá vão! O que eu vivi com Fulano e Sicrano, e as ceias que demos juntos! – Tudo ilusão! tudo sonho! Vai-se a ver nem sequer conheceram as pessoas de quem falam... Outras vezes conta-me a sua vida:

– O que eu tenho sofrido! Tive muitos dias de angústia... Nessa noite *O Pântano* caíra. Toda a gente dizia mal de mim. Nos bastidores a intriga fervia, com a Lucinda à frente. Saí do teatro a pensar no que havia de empenhar no dia seguinte. Fui para casa muito tarde. – Não haveria que pôr no prego? – Por fim descobri uma casaca e, ainda muito cedo, saí com o embrulho debaixo do braço, num papel de jornal. O papel amolecia, á casaca rompia para fora, e eu batia de prego em prego. Sete horas da manhã... Estavam todos fechados. Num disseram-me com segura: – Não emprestamos sobre casacas. – Fui a outro e esperei no portal que abrisse. Lembro-me como se fosse hoje. Chovia a potes. Defronte, estava uma carroça, com um cavalo branco. Era um burro, pele e osso, a cabeça metida numa linhagem, a comer. E eu, no portal, com o embrulho já todo roto debaixo do braço, invejei aquele cavalo!... Já não joga. Mas antigamente ia todos os dias para casa, às cinco horas, tendo perdido tudo: – Foi nessas noites que imaginei as minhas melhores peças... – Cuidadosamente punha sempre de lado um tostão para o americano – e quase sempre sucedia também que um velho fidalgo das suas relações lhe pedia o tostão emprestado para um cálice de vinho do Porto, que se habituara a beber aí pelas três da madrugada. O D. João dava-lho, e lá ia a pé para a Junqueira, a sonhar nas peças, sob a lufada, molhado até aos ossos, de casaco de alpaca.



Columbano – Auto-retrato

Junho de 1903

Passei a noite em casa do Columbano, com o Rafael Bordalo Pinheiro. Durante o jantar falou sempre. Todo ele mexe, todo ele é caricatura e imprevisto: os olhos, o nariz, as mãos, e até o bigode, que se encrespa, desenham e imitam. – Era um homem com um olho assim... – E logo o olho se lhe enviesava. Em rapaz o seu sonho era o teatro. Chegou a ter lições de Rosa pai. Está um pouco cansado. Queixa-se muito. Amua. – Ninguém faz caso de mim... – Estranha quando o não vão esperar à estação – e está sempre a

chegar das Caldas e a partir para as Caldas. Depois esquece-se e põe-se a rir. Depois torna: – Eu não jogo, mas lá em casa todas as noites jogam e pedem-me dinheiro emprestado. – Agora arremeda este e aquele de quem fala. Conta que em Paris ouviu ao rei dizer: – Isto aqui é uma terra, lá é uma piolheira. – E que o infante, quando lhe perguntaram: – Então, cm Londres, que tal com aqueles príncipes todos? – Mal, mal... eu sou um príncipe asa de mosca...

E acaba – é nas vésperas do jantar que lhe vão oferecer no Teatro D. Maria – por dizer: – Veja o senhor que desgraça a minha! Daqui a pouco não posso fazer a caricatura de ninguém!

Efetivamente lá estavam no banquete todos os homens imponentes, os conselheiros, os políticos decorativos, a série completa das figuras do *Antônio Maria*. Não faltou ninguém à chamada. E nos camarotes aplaudiram-no com delírio as lisboetas pálidas de que troçou em tantas páginas de gênio. Confundiram-no e arrasaram-no. Creio que foi a primeira vez que perdeu a linha.

Gostou sempre de fazer partidas. É o Schwalbach quem conta:

– O imperador do Brasil, logo que chegava ao teatro, metia-se no camarote, descalçava as boas e calçava com regalo uns chinelos. Uma noite o Rafael, que estava no Rio, foi pé ante pé, meteu a mão pela cortina e roubou-lhe as botas. O pobre homem não se desconcertou: saiu de chinelos, atravessou de chinelos a multidão, saudando para a direita e para a esquerda, desceu até ao pátio, e meteu-se de chinelos na carruagem.

Os seus últimos dias passou-os a suspirar por um bocadinho de sol. Doente, prostrado, todas as manhãs perguntava: – O sol?... está sol? – E os dias seguintes cuspinhentos e sujos, daquela chuva que enegrece as almas e transforma as ruas de Lisboa cm charcos de lama pegajosa. Outra manhã – e ele acordando da prostração: – O sol? quero ver o sol... – Mais chuva, maior negrume ainda. Morreu num dia, e no outro dia, o do enterro, o sol resplandeceu sobre Lisboa, aquecendo-a e dourando-a.

Dezembro de 1900

Latino Coelho, contado por Maximiliano de Azevedo:

– Tinha coisas absurdas: estava sentado a conversar e levantava-se sem mais nem menos, compunha a trunfa, e ia espreitar à janela. Era todo de enguiços. Nunca saía a passeio de dia. E que memória! Dizia-se-lhe qualquer banalidade, e ele, daí a meses, repetia-a palavra por palavra. Discursos que revelam o

conhecimento inteiro duma época, como o de Camões, que leu na Academia, e que foi escrito das sete às onze da manhã, e lido ao meio-dia, compunha-os com extrema facilidade.

Duma vez estava ele em casa politicando com alguns amigos reformistas, o Mariano, o Lopo Vaz e não sei quem mais. Discutia-se a revolução de dezanove de Maio. O Latino, dando um jeito à trunfa, chegou à janela e viu o carro, puxado a mulinhas, do Saldanha:

– Aí vem o duque... E aposto que vem para cá.

Efetivamente o carro parou à porta. Era o Saldanha. O Latino foi recebê-lo noutra sala, e depois dos cumprimentos habituais, o Saldanha perguntou-lhe:

– Sabe a que venho? Venho saber a sua opinião sobre o dia de ontem.

– Mas não tenho opinião nenhuma...

– Não se recuse, Latino. Peço lhe como amigo.

– Então, marechal, deixe-me dizer-lhe que quem como V. Ex^a conquistou um nome glorioso com a espada, não deve servir-se da canalha para fazer o que fez. A sua situação é deplorável.

– Não me diga isso! E se eu aproveitasse a situação para firmar de vez a liberdade em Portugal e salvar o País?

– Se V. Ex^a quisesse...

– Mas é que quero, e para isso venho ter consigo.

Combinaram que o Latino redigiria os decretos ampliando as liberdades públicas, tornando-as Efetivas, e convocando constituintes com poderes amplíssimos.

– O maior segredo... – recomendou o Latino.

Nessa noite não dormiu. Acompanhado dum amanuense do Ministério, redigiu os decretos, que no dia seguinte o próprio Saldanha foi buscar, metendo-os dentro da pasta. Mas fosse que os amigos que lá estavam em casa tivessem desconfiado; fosse que o Saldanha desse à língua, o que é certo é que o rei foi prevenido a tempo por alguém que lhe disse:

– O Saldanha vai trazer-lhe uns decretos. V. Majestade não os assine, ou está perdido.

Quando o Saldanha chegou ao Paço, o rei abraçou-o:

– Pois o duque ajudou a conquistar-me o trono e não quer que os meus filhos reinem? Nem talvez eu chegue até ao fim da vida no Poder...

Saldanha, que era um fraco, recuou. Daí a dias encontrou-se com o Latino, que lhe disse:

– V. Ex^a não podia deixar-me dormir a minha noite sossegado?

– Por três vezes – conclui Maximiliano – o Latino me contou isto. Já tenho querido descobrir os decretos. Devem estar em casa do irmão, num quarto interior, onde a traça vai roendo os papéis do grande escritor...

Um dia, o Saraiva de Carvalho foi propor a revolução ao Latino:

– Mas há de ser tudo assassinado – toda a família real.

– Isso, não! – protestou logo o Latino.

Morreu virgem, como Newton. No dia de sua morte, estava o cadáver na cama, apenas coberto com um lençol. Alguém disse para o Maximiliano:

– Bastaria arrancar aquele lençol para descobrirmos o segredo de toda a sua existência.

Junqueiro dizia de Latino:

– Sim, é um homem admirável, que em lugar de c... tem duas castanhas piladas!

Maio de 1903

Um jornal publica hoje esta notícia:

PÓVOA DE LANHOSO, 29. – Faleceu, sepultando-se hoje, o sr. dr. Joaquim da Boa Morte Alves de Moura, da freguesia de Santo Emilião, bacharel formado em filosofia e matemática pela Universidade de Coimbra.

O povo apelidava-o de santo, pelas suas sublimes virtudes cristãs. Tinha 92 anos de idade; o falecido fora frade agostinho.

O homem a quem estas secas linhas se referem era, na verdade, um santo. Deixou tudo para viver perto de S. Martinho do Campo, entre cavadores e a gente pobre da terra, que o adorava. Vi-o muitas vezes passar na estrada, todo branco, minguado, com o burel, que nunca quis largar, no fio, e os sapatos rotos. Era Efetivamente formado em filosofia e matemática, e até por vezes fora convidado para lente da Universidade de Coimbra. Recusou sempre, recusou tudo. Há entre as duas povoações, S. Bento e S. Martinho, que ficam à beira da estrada da Póvoa de Lanhoso, uma fonte que brota da raiz duma árvore. Perto fica a ermida. Ali se costumava sentar, horas e horas embebido nas suas meditações. Em que cismava? Decerto no passado longínquo...

Lembram-se duma narrativa de Alexandre Herculano, que se chama, creio eu, “O último dia de convento”? Um frade chora ao deixar para sempre a cela caiada, onde passou a vida inteira. Assim D. Joaquim da Boa Morte contava também as últimas horas de convento. Velhinho, trêmulo, vivendo de esmolas, recolhido por caridade em casa de duas mulheres, que o cuidavam, nunca esqueceu o convento, a cela, o dia de separação.

E, ao pé da árvore, junto ao fio límpido de água, lhe ouvi mais duma vez contar o que sofrera.

– E dos seus companheiros, lembra-se? Teve mais tarde notícias? E ele, com os olhos rasos de lágrimas:

– Viveram ainda dispersos por esse mundo. Há anos, há muitos anos, recebi dum deles um recado, esta palavra: – “Adeus!” Foi o último.

Agora acompanhava-o sempre um rapazinho. Com a vida, ia-se-lhe desfeito o burel, rotos os sapatos. Deixara de dizer missa, mas o povo daqueles lugares, que é ingênuo e crente, consultava-o nas suas doenças e nos seus sofrimentos. É que D. Joaquim fazia milagres. Escusam de sorrir... O milagre é uma comunicação entre pessoas que têm radicada e viva esta força enorme: – a fé. D. Joaquim da Boa Morte curava as criaturas simples, as mulheres, as crianças e os homens da serra, que o iam visitar, com boas palavras, e, quando muito, com alguns cachos de uvas, que ele próprio colhera e lhes distribuía, depois de benzidos.

Antes de morrer pediu que o enterrassem embrulhado na manta coçada que pertencera a sua mãe e que tinha guardado no fundo da arca. Essa velha manta como eu lha invejo! Era num farrapo assim, como um resto de calor e de ternura, que eu queria ir aconchegado para a terra. Nem a eternidade das eternidades, nem o isolamento, nem o frio dos frios conseguiriam jamais trespassá-la.

Que descanse em paz. Quem escreve estas linhas deve-lhe uma das maiores, mais elevadas e puras impressões que tem recebido na vida. A sua grande figura só desaparece da terra depois de ter feito muito bem e estancando muitas lágrimas.

Julho de 1903

O Silva Pinto, a respeito do Cardia, que há três dias, em plena mocidade, meteu uma bala no coração:

– Eu não faço como ele, não me vou embora, porque tenho duas crianças, o Mário e o Raul. Era decerto a isto que o Manuel se referia ao escrever: “Não faço falta a ninguém.” Isto atura-se lá a sangue-frio e determinadamente! Matava-me para me ver livre destes bandalhos!

E os olhos enchem-se-lhe de lágrimas, arrasta a perna apegado à bengala, e sacode a cabeleira branca. Parece um trapo amolgado, mas resistente ainda: – Arre, bandidos!

De repente, sem transição, põe-se a rir:

– Sabe de quem me rio? Lembrou-me o Camilo, que tinha uma língua viperina e dizia mal de toda a gente. Um dia, em Seide, falei-lhe neste e naquele, disse mal de todos. Por fim: – Sempre me refugio em Vítor Hugo, para ver se você também diz mal dele...

E o mestre:

– Esse velho não era nada tolo!

Ri-se. Depois fica outra vez triste:

– Aquelas páginas de Hugo, quando o avô vê entrar o neto ferido pela porta dentro!

O Fialho, descrevendo o Cardia, esse rapaz ingênuo, insinuante e espontâneo, que aos dezenove anos se lembra de estourar o coração com uma bala, por causa duma reles cantora de quarenta e dois anos – o Fialho diz:

...era isto e aquilo e uma mão enorme atirada para aqui e para acolá a toda a gente, apertando a nossa.

O que nunca mais me esquece são aqueles olhos tristes e a boca moça sempre a sorrir!...

Fevereiro de 1904

Hoje almoço em casa do Schwalbach com o Bulhão Pato, o Câmara, o João Chagas, o Antônio Bandeira, etc. O Bulhão Pato é um homenzinho seco e resistente, de cabeleira e pêra branca – miniatura do alentado Pato caçador que todos nós imaginamos ao ler-lhe algumas páginas. Engelhou. Parte no dia 20 para S. Miguel, de passeio...

Quando morrer, desaparece com ele toda uma época: – Meu rapaz, podes ter lido todos os filósofos; que se não tiveres sentimento... Minha mulher, uma velhinha, lá fica... Não vai comigo, porque recolhemos em casa uma pequena pobre, pobríssima, e queremos-lhe como se fosse nossa filha. Sentamo-la à nossa mesa... Bem sei que há por aí uns moços que dizem mal de mim. Não me importo. Quando vejo um rapaz de talento abro-lhe logo os braços.

No fim do almoço, beija a mão às senhoras. Conviveu com o Herculano, ouviu-lhe dizer: – Isto dá vontade de morrer! “Que faria – acrescenta – se vivesse hoje!” – O Conservatório lembra-lhe o Palmeirim – “que foi da minha criação”. – É simpático, vivo e cheira a outros tempos: conserva, como o linho guardado no fundo dum armário, o perfume da maçã. E que contraste com os outros, com o Chagas, com o Schwalbach, sempre aflito e sempre despreocupado, com o Antônio Bandeira, que, sob uma aparência fútil, é prático como o diabo, e que conta que foi uma noite em Roma, com alguns portugueses, mulheres e guitarras, bater o fado para as ruínas do Coliseu! Depois, por *blague*, sustenta com o Chagas que ninguém devia ter mais de duzentos e cinquenta gramas de princípios.

Março de 1904

Encontrei hoje o Marcelino Mesquita: ventas largas, marcas de bexigas, barba com muitas brancas aparada rente, chapéu desabado, capinha curta e olho vivo. Tipo crestado do sol, materialista e seco.

– A gente, quando chega a certa idade, tem de se isolar para não viver numa perpétua irritação. Olhem agora se eu encontrava o Pequito ministro, o Pequito de quem a gente fazia troça em rapaz! E muitos outros, que aos quarenta anos começam a desafinar-nos os nervos... Vivo no Cartaxo, num descampado: a quinta fica entre duas estradas. Não passa lá ninguém... Leio, fumo, e trabalho. Tinha um moinho; primeiro acrescentei- lhe uma cozinha, depois um quarto: agora tenho lá uma casa. E já não posso viver sem o ruído das mós. O meu quarto fica mesmo por cima. Daqui a oito dias, com as macieiras em flor, aquilo é adorável...

Abril de 1909

Vi o Mariano nas Câmaras. É um cadáver, com uma sobrecasaca riquíssima de gola de veludo. Nunca fisionomia exprimiu maior cansaço, indiferença ou desprezo, a pálpebra caída, o olhar vazio de expressão. – Que me importa! que me importa!...

Parece um morto, farto de sofrimento e de gozo, e, sob aquela aparência de cético, raros se magoam como ele. Toda a vida tem sido ludibriado. Contam que a mulher passa horas a descompô-lo. Ele, sentado, escreve tiras e tiras de papel, a tarefa do jornal, sem dizer palavra nem levantar a cabeça. Duma vez chamou-lhe tudo quanto lhe veio à boca, e ele, inalterável, curvado sobre os linguados, sem lhe dizer palavra... Por fim, ela, desesperada, berrou-lhe:

– És um estúpido!

Ele, então, parou, ergueu a cabeça e, muito calmo:

– Tem-me chamado tudo, mas estúpido é a primeira vez! E continuou a escrever.

Por fora uma aparência de cético, por dentro uma sensibilidade enorme. Anda sempre metido em complicações e negócios, em caminhos-de-ferro, em pedaços de África, baía do Lobito, etc., e afinal não passa dum sonhador que tem as propriedades de Azeitão hipotecadas em catorze contos de réis.

Setembro de 1903

O José Antônio de Freitas, homem de tetras medíocre, é um conversador admirável. Se conseguisse escrever como fala, e desse à prosa aquela vida que dá à palavra, seria um grande escritor. Pequeno, branco, na ponta dos pés, sempre a segurar as lunetas, todo ele nervos:

– Dei-me muito com o Castelo-Melhor. Um dia começou a magicar que estava pobre, porque no Banco de Portugal lhe não quiseram, como sempre se fez, descontar uma letra só com o nome dele. Disse ao Barros Gomes: – Vai beber da merda! – E saiu furioso. Daí começou a imaginar que tinha caído na pobreza e alugou o jardim para o circo Whittoyne. Uma vez saí com ele dum baile pela madrugada e acompanhei-o a casa. – Sobe. – Tenho ainda que escrever para o Brasil... – Insistiu, subi – e ei-lo a clamar no quarto:

– Que diriam meus avós se vissem ali o circo e os palhaços!... – Estava desesperado. Descompu-lo.

Passaram-se anos e morreu de repente. Vestimo-lo naquele mesmo quarto, e, altas horas da noite, ouvimos, de súbito um clamor era o circo Whittoyne que ardia. E eu assisti ao espetáculo do cadáver, iluminado pelo clarão do incêndio, ali onde o ouvira evocar com desespero os seus mortos. Foi tudo ao enterro. O povo abria alas, e quando chegamos ao cemitério e quisemos pegar ao caixão, veio de roldão uma chusma de cocheiros e vadios, que no-lo arrancaram das mãos, e, erguendo-o no alto dos braços, levaram-no até à cova...

– O Eça usou toda a vida bentinhas ao pescoço. Vi-lhos eu, que dormi por diferentes vezes com ele no mesmo quarto...

Depois fala no Resende...

– Se vivesse, era decerto o chefe do partido conservador. Que homem encantador, polido e cético! E tinha uma poderosa ascendência magnética sobre nós todos. O médico, já quando ele estava muito mal; recomendou-lhe ares do mar. Passeava num bote no Tejo. Umas vezes ia eu com ele, outras o Soveral, e levávamos-lhe botijas com água quente, porque sentia sempre um frio mortal. Estou a ver o Soveral, com uma botija em cada mão. O *Rabecão*, um jornal de caricaturas do tempo, disse que nos íamos emborrachar todas as noites para o rio. Muito nos rimos... Pois o Resende, ateu toda a vida, morreu como um crente.

Foi ele que se esmurrou com o Eça numa das pirâmides do Egito. Nessa viagem ouviram ambos missa no túmulo de Jesus, em Jerusalém. O Eça caiu logo de joelhos; quando levantou a cabeça para ver o quadro, dois ou três mil

peregrinos tinham com ele ajoelhado sob o mesmo impulso irresistível: só a seu lado, de badine e sobretudo no braço, se conservava de pé, sem perder a serenidade nem a linha, um único homem: o Resende.

Os vencidos da vida, depois que se juntaram, diziam mal uns dos outros. Não se podiam ver.



Guerra Junqueiro

Março de 1900

Há meses que Junqueiro não aparecia na Praça onde outrora era certo, à noite, rodeado de esbirros, e discutindo política ou arte com alguns amigos mais íntimos. Ei-lo agora de volta, depois dumas febres palustres apanhadas nessa longínqua quinta que replanta de vinha lá para a Barca de Alva.

Vem curioso. Têm por acaso os senhores notícia dum Junqueiro adunco e janota, mefistofélico, com ditos em brasa explodindo sobre o último acontecimento, e conhecem talvez a lenda da casa de hóspedes célebre da Rua dos Retroseiros, donde em tempos saíram gritos subversivos, panfletos, versos, teorias filosóficas, sátiras e revistas do ano, e onde – consta dos arquivos da Polícia – morou o próprio Diabo em pessoa, na intimidade do poeta?... Lembram-se? Depois, noutra fase da vida, viram-no talvez autoritário e feroz, com o mesmo perfil em bico de águia sob um chapéu mole e gasto, atacar o velho Padre Eterno?... Pois aí o têm agora filósofo e cristão. Parece um pregador socialista-tolstoiano, um santo cavador de barba negra e inculta: traz ainda terra pegada nas mãos e uma roupa velha, a que só faltam alguns remendos cosidos à última hora... Usa uma camisola de lã e diz assim: – Eu não me visto: cubro-me.

Chega da Barca de Alva, um terreno enorme lá para a raia, entre pântanos, que reuniu leira a leira, depois duma cena que dava um capítulo à Balzac. É ele mesmo quem a evoca em meia dúzia de traços, e a gente vê logo dum lado os cavadores tartamudos e hesitantes, do outro o Senhor Poeta, como eles lhe chamam, com um livro de cheques na algibeira, encafuando- os a todos na sala do cartório: – Se chegam a concertar-se, era uma discussão para séculos. Pediam-me uma fortuna! – Um a um compareceram diante do tabelião: – Quanto quer? Assine! – e saíam logo por outra porta.

Já pouco a pouco a lenda se forma, discutindo-se a nova tebaida, que daqui a anos será visitada como Vale de Lobos e Seide. Que procuram os nossos grandes

escritores, desde Herculano a Fialho, na Natureza, que pouco nos dá em troca do muito que lhe damos? Afastar-se dos outros ou esquecer-se a si próprios? Talvez as árvores e os montes nos preparem melhor para o sepulcro e para o verme, ainda que eu julgue que não há como um 6º andar, com livros e papéis, e um cinematógrafo no rés-do-chão, para acabar com a vida.

Seria um curioso estudo aquele que comparasse Vale de Lobos, Seide e a quinta de Junqueiro, a decoração escolhida por três homens superiores – o fundo de três grandes retratos. Na Barca tem o poeta uma casota de cão, com os muros ainda em osso e uma varanda onde passeia todo o dia, infatigavelmente. De quando em quando escreve na cal da parede versos ou contas. Seide, num cair de tarde outoniça, lembra a alma de Camilo. Há lá um calvário de árvores decepadas que parecem forcas. Há lá uma casa trágica, pintada de amarelo. Um ermo, que, a meia légua da estrada, fica no cabo do *Mundo*, e que parece escolhido de propósito para esconder uma desgraça ou combinar um crime. Pior: ficou na casa abandonada, no âmbito, nas pedras, alguma coisa daquela alma dilacerada de cético e de crente, misto doloroso que só tinha como solução o infortúnio. O que se ouve são risos ou gritos de dor? Depressa! depressa!... Parece que ele anda ainda por aqui, sardônico e imenso, desgraçado e imenso.

Vale de Lobos, se uma vez o avistarem, não emociona duma forma toda diferente, e não diz bem com a alma de Herculano?... Quanto a Junqueiro, a sua paisagem querida é indubitavelmente a transmontana, grave, revolta e grandiosa como o seu gênio.

Camilo não encontrou decerto resignação nas árvores, nem nos montes, porque, para o mestre, em toda a Natureza só o homem existia: – Não há na sua obra uma árvore – nota o poeta... Nem Guerra Junqueiro por ora se isola. Está na luta com os seus livros, as suas teorias, a sua maneira suprema de discutir e de encarar os problemas do universo.

– Para viver na aldeia é preciso – diz ele – ser João Brandão ou Francisco de Assis.

De forma que a Barca de Alva não é bem uma tebaida para o poeta. Os senhores vão agora conhecê-lo sob este aspecto novo – agricultor. E Junqueiro, agricultor; tem ainda gênio: inventa e descobre. Quatrocentos cavadores desbravam-lhe a terra, que deve produzir um vinho magnífico. O mosquito propaga a febre. O jornaleiro macilento bate o queixo com sezões. Ele ordena, dirige e resolve as questões agrícolas muito melhor que os lavradores da região, de quem diz:

– Plantam vinhas como quem joga na batota – ao acaso!

Ouçam-no! Desfilam os jornaleiros, que adquirem logo uma vida extraordinária, as bocas que não falam, a Maria Colhona, que tem filhos de toda a gente, filhos para o Brasil, filhos para soldados, filhos para a desgraça, os seres deformados e enormes, os tipos que se transformam em símbolos... Descobriu um novo processo para evitar que a enxertia, essa operação cirúrgica, como ele lhe chama, falhe, e, sob as suas ordens, trabalham alguns centos de homens, que se encostam às enxadas para ouvirem o Senhor Poeta... Não é raro vê-lo súbito, tempo úmido, perigo para as vides, abalar para a quinta com sacos de sulfato. Adivinha, pressente melhor a Natureza que os sábios – e cria. Tudo o que toca toma sob as suas mãos um aspecto novo, tão certo é que os homens de gênio, como quer Carlyle, são sempre superiores e inéditos.

E de que maneira paradoxal ele expõe as suas teorias! Nervoso, pequeno, calcando o lajedo da Praça, a morder a ponta do charuto, que giganteias formas de sonho não vai criando aquela mágica palavra!... A sua fantasia é eminentemente decorativa.

– Sabem – dizia o poeta uma noite –, sabem que cismo na forma de transformar toda a agricultura? Acabaram-se os pobres, a fome, os anos tristes! Para o vinho, daqui em diante, não bastarão tonéis como torres e para o pão arcas como prédios. Uma carrada de bois será apenas suficiente para carregar uma abóbora, e um simples cacho de uvas dará vinho para dúzias de borrachões. Como? Aplicando às árvores, às vides, às plantas, enfim, o método de Brown-Séguard. O sábio dá a um organismo gasto uma vida assombrosa, injetando-lhe a vitalidade de coelhos. Calculem o resultado desse sistema aplicado na agricultura...

Um castanheiro dura séculos, tem uma vida extraordinária. É mais que uma árvore – é uma força. Apodera-se dos montes. As suas raízes alastram, os seus ramos tocam no céu. Imagine que injeto pólen de castanheiro numa vide... Obtenho logo uvas como as da Terra da Promissão. Dum pé de melancia tiro um fruto capaz de carregar um carro. Três maçãs metem no fundo uma nau.

Junqueiro, na intimidade, é prodigioso de gênio, de imprevisto, de elevação. Vê os fatos mais simples com um olhar que os engrandece. Assombra de pitoresco e de inédito. O homem de gênio é, como todos os homens, filho da mesma lama, mas, por acaso, vão nesse húmus lágrimas, águas correntes, detritos de florestas, restos de nuvens e a emoção profunda da Natureza. Por isso sabem tudo, sentem tudo... É pena que as suas conversas, os seus fragmentos, esses pedaços de sonho e de vida, atirados com febre, perdidos, e decerto esquecidos, se não possam juntar, porque dariam um dos aspectos mais extraordinários do seu gênio. Seria esse, talvez, o seu melhor livro. Assim, por exemplo, as catedrais de Espanha, onde Jesus está preso e a ferros, a explicação

prodigiosa dos Cristos de madeira – o Cristo dos soldados, o dos ladrões, o dos cavadores, da sua sala de jantar, únicas obras de arte de que não quer desfazer-se, e a sua filosofia, a maneira superior como encara o universo e ilumina o desconhecido...

Pois aí o têm de novo no Porto, de barba hirsuta, embrulhado num casaco coçado, com um ar iluminado de Santo. Direis que vai pregar às multidões. Demais, já há anos que ele escrevia:

Tolstoi o meu sapateiro...

E um dia, ao saber Camilo cético, Camilo com noites de sombrio desespero, palpando a coronha do revólver, não foi de propósito procurá-lo para lhe pregar Deus?

Era numa dessas tardes trágicas de Seide, de que o grande escritor fala nos Serões. A Natureza chorava, revolvida: a acácia de Jorge batia-lhe devagarinho nos vidros. Quem é que o chama? Atormentado de dores, ouve vozes, vê fantasmas, e sai do horror com blasfêmias e sarcasmos. Junqueiro encontra-o mergulhado na dolorosa tinta do crepúsculo, com a pala com que escrevia sobre os olhos, absorto, calado, desesperado, o rosto marcado de dedadas, “esboçado numa argila cor de mel”, segundo o retrato de Ricardo Jorge. Eu tinha-lhe medo... O poeta tenta arrancá-lo ao negrume que o envolve: desenrola teorias, explicações, argumentos; ataca-o a fundo, persuade-o talvez... Já o julga abalado e convertido, quando dessa figura, só osso e dor, saem enfim estas palavras irônicas:

– Sim, sim, Junqueiro, você convencia-me se eu não tivesse ainda no estômago, desde o almoço, três bolinhos de bacalhau, que me estão aqui como três Voltaires.

Março de 1904

Veio a Lisboa acompanhar, por solidariedade, os lavradores do Douro o poeta Guerra Junqueiro. É outro homem, que perdeu talvez em exterioridades mas ganhou em funda emoção. Tendo-se-lhe um dia deparado universais interrogações no caminho; tendo encontrado frente a frente, ao meio da vida, ideias abaladoras, que só o homem de gênio pode encarar sem o pavor e o deslumbramento que o grande mistério comunica – as raízes do universo –, ele mudou de rumo, tão simplesmente como se praticasse o ato mais banal da existência. Sendo já um dos maiores poetas da Europa – quis ser também um santo... Durante anos procurou como Fausto o segredo da Vida no fundo dos laboratórios. E noutra fase do seu espírito decorativo, tendo entrevistado, pelo

poder do gênio, novas veredas a tentar, seguiu-as, fazendo experiências que a ciência de hoje plenamente confirma.

Guerra Junqueiro está na mesma: alguns fios brancos a mais na grande barba de santo, começo de calva amarelada no alto da cabeça, chapéu baixo, uma simplicidade de traje que vai bem com a simplicidade verdadeira ou fictícia da sua alma. E sobre isto os olhos terríveis que nos fitam e nos adivinham até ao fundo. A conversa é prodígio que evoca, ilumina, toca em todos os problemas da vida, dando-lhes uma grandeza e novos aspectos que entontecem.

Fala-se a propósito dum livro, e ele diz, não palidamente, nem decerto com as inexactidões com que reproduzo, o seguinte:

– É um livro interessante. O autor conseguiu deixar falar a parte de inconsciente que cada um de nós traz consigo... Porque, meu amigo, a porção do infinito que cabe a cada homem é exatamente a mesma. O camiseiro ali defronte e um homem de gênio têm na alma idêntico quinhão. Somente, o camiseiro não consegue encontrá-la nem pode exteriorizá-la. Porquê? Porque só pensa em camisas. O homem é o universo reduzido... Que cada um pudesse deixar-se narrar – e teríamos a mais maravilhosa história do *Mundo*.

E como incidentalmente se refira à ciência, ei-lo que se desvia por outro esplêndido caminho:

– As últimas descobertas modificaram completamente a ciência. Em um terremoto. E eu entrevi isto mesmo: há anos que chegara ao seguinte resultado: – radiação universal e desassociação dos átomos. Fiz experiências, que me deram resultados incompletos, procurei homens de ciência, que não me quiseram atender. Um dia vim de propósito a Lisboa falar a Sousa Martins e expus-lhe as minhas teorias. Ouviu-me... Quando me fui embora, encolheu decerto os ombros. E, no entanto, passados anos, vejo confirmado experimentalmente tudo o que eu previra... Que quer?...

Faltavam-me, como compreende, os meios de verificação. Precisava de fatos. Cala-se um momento e depois continua:

– Hei de publicar, depois da *Oração à Luz*, que sai brevemente, uma série de memórias com os resultados dessas experiências. A vida – é o Amor e a Dor. Procurar as suas leis, eis tudo. Seguir-se-á a minha teoria filosófica. Adivinhei todo este terremoto que se deu intimamente na ciência. Hoje, a matéria não existe: já a definem – associação de energias. Que é feito dos materialistas? A ciência futura será portanto o estudo de energias. Por último publicarei uma introdução à ciência, visto não poder escrever essa obra: seria a revisão dos trabalhos de Spencer – a tarefa de toda uma vida.

– E tem muitos documentos?

– Tenho tudo pronto. Necessito apenas de encontrar a forma precisa, a forma matemática, para exprimir as minhas ideias.

Incansável. É de ferro. Pequeno e mirrado, passeia horas e horas a conversar...

Não conversa – monologa.

De Barca de Alva diz:

– A minha casa de jantar tem uma mesa e cadeiras de pinho. Depois de comer, quando quero um palito, corto-o na mesa.

Ramalho definido por Junqueiro: – um pinheiro com uma melancia em cima.

Junqueiro, na Redação do *Mundo*:

– Daqui a pouco reparto a minha fortuna com as minhas filhas e o que me restar dou-o aos pobres.

Há outro Junqueiro de que a caricatura se apoderou, o Junqueiro do *bric-à-brac*. O Junqueiro que a má-língua do Porto afirma que percorre disfarçado as ruas de Espanha, com um burro pela arreata, apregoando: – Há por aí quem tenha louça para vender? – O Junqueiro que foi procurado um dia no hotel, em Salamanca: – Está cá o grande poeta Guerra Junqueiro? – Não conheço – disse o porteiro. Mas ele vem sempre para aqui. É um homem de barbas... – teimou, explicou o outro. – “Ese es Guerra, el antiquario!...”

Mas até no Junqueiro caricatural algumas linhas são indispensáveis para completar o retrato. Há neste grande homem uma máscara. Sinto uma parte que se deve ao arranjo – e que é a inferior, e outra em que ele obedece à raça e que é a mais viva, a que tem raízes nos mortos. Melhor: o homem é sempre um tablado onde vários fantasmas se despedaçam. Há mãos que nós puxam para o fundo, há outras que nos procuram levantar cada vez mais alto. Deus nos livre de julgar os mortos!

Junqueiro, de volta do Buçaco, indignado:

– E não aparecer um doido, com um grande martelo, que deite tudo aquilo abaixo! Qualquer dia botam as árvores a terra e põem pedraria até à Pampilhosa!

Dezembro de 1907

Encontro-o hoje em Lisboa, emagrecido, com um velho casaco comprado num adelo e muitas rugas, finas como linhas, ao canto dos olhos. E, como o José de Figueiredo lhe fale no Rodin:

– É verdade, passei um dia inteiro com o Rodin, a explicar- lhe a sua obra. Disse- lhe: “Você é um grande artista mas, exatamente como em todos os grandes artistas, a melhor parte da sua obra é inconsciente. Porque em todos nós a razão é nada, o que é grande é o inconsciente. Aquela cabeça que você tem no Luxemburgo, emergindo da pedra – é assim, é aquilo... Mas falta- lhe não sei quê de simbólico que ligue a cabeça à pedra. Assim, choca, é brutal. É como o *Pensador*, a estátua que está no Panteão. Toda a crítica francesa tem tentado explicar aquela estátua, e ainda ninguém disse as palavras necessárias. Eu lhas digo: aquilo não é o *Pensador*, nem o *Pensamento*: é o primeiro pensamento em cabeça de homem. Dispa você um tipo de verdadeiro pensador, Kant, ou Dante, por exemplo, e encontra um corpo deformado. Porque o pensamento pesa mais do que montanhas. Devora. O que você fez foi uma besta, um gorila, um homem capaz de arrastar calhaus. Pois bem: inconscientemente fez uma grande obra de arte: o primeiro pensamento na cabeça de homem. Esse primeiro homem atlético, ao deparar-se-lhe o primeiro pensamento, essa flor abstrata, fica dominado, subjugado: cai-lhe o Atlas em cima e esmaga-o...” E adeus, são horas de partir para o comboio.

D. José Carracido, professor de química biológica na Universidade de Madrid, homem ilustre e que conhece perfeitamente a literatura portuguesa, diz assim de Junqueiro (D. José Carracido fala português pausadamente):

– O senhor Junqueiro, grande poeta, é um místico... Está agora no misticismo. O senhor Junqueiro e eu passeávamos juntos no jardim de Vila do Conde, de cá para lá – e o senhor Junqueiro pregava a piedade e o amor. Uns rapazinhos acendiam balões para uma festa, e eu e o senhor Junqueiro passeávamos de cá

para lá... O senhor Junqueiro pregava a piedade e o amor, e um dos balões caiu na cabeça do senhor Junqueiro, que levantou a bengala e deu com ela no rapazinho... E nós continuamos a passear de cá para lá, e o senhor Junqueiro a pregar a piedade e o amor...



Fialho de Almeida

Março de 1903

Fialho não é este janota de pálio rico, com uma jóia tão grande, que parece falsa, na gravata de veludo. Fialho era outro estranho tipo, intratável e pobre, com o pêlo ralo e a boca enorme cheia de sarcasmo. Um príncipe de gabinardo, que fazia cair as peças do alto do galinheiro, a um gesto seu irrespeitoso. Seguia-o a malta atônita de matulas suspeitos e jornalistas de ocasião, que deslumbrou de sonho e atascou em sonho. – Fialho! Fialho!... – Esses aplaudiram-no e amaram-no... Esquecidos

do frio e da pobreza, não despregavam os olhos daquele sonho desconforme. – Fialho! Fialho!... – Depois sumia-se num terceiro andar, ou procurava os pobres que não pedem: só a mão sai da noite e implora. Havia uma velha – nunca mais me esquece – ali à porta do Montepio, que fazia parte do muro alto e espesso, e a quem ele, ao dar-lhe esmola, afagava a cabeça... Depois, amargo, feroz, insuportável, ei-lo tornava com sarcasmos, transtornando as figuras decorativas, cheias de veneras, que, à sua voz, desatavam às cambalhotas como palhaços. Vi-o exasperado, vi-o atordoado de frases, como quem quer fugir ao próprio fantasma. Vi-o mergulhar numa absorção dolorosa e desaparecer na noite, em correrias que duravam até de manhã, pelos bairros escusos ou pelas azinhagas de crime, num debate perpétuo de que saía lívido, exausto, e com a máscara transtornada. Este que fala do seu vinho: – Livros?... O que eu trato de editar é um vinhinho branco lá de Cuba... – este que vem, de quando em quando, a Lisboa, deslumbrar-nos com um novo e horrível fato, é outro Fialho, que talvez tenha saudades dessa vida absurda de outros tempos...

Fialho! Fialho!... Pronuncio este nome e diante de mim desfila o assombro, panfletos, a obscenidade e o gênio – farrapos arrancados a ferro e tão vivos que mal ousa tocar-lhes – o estouro dum bexiga de entrudo – ironia e esgares. E logo gritos! e agora gritos!... Ouço a dor, sinto a dor, sinto-a sempre através da forma imprevista, dum audácia e dum ritmo incomparável, escorrendo sonho, aflição, miséria, sinto-a até nos ímpetos de mau gosto, nos pontapés aos leitores surpreendidos e irritados. Está diante de mim aquela boca enorme, aquela figura de gabinardo e chapéu mole que nas noites de tristeza e abandono me dizia: – O que eu sofri! o que eu sofri... – Vejo-o sempre invejar o barqueiro louro e sardento de que fala nos *Gatos*, belo como um éfebo à proa

do seu barco. – Como eu queria ter saúde e ser forte! – Deu-lhe Deus o mais rico quinhão que imaginar-se pode, a língua incomparável para exprimir a quimera e a dor, e esse macaco sem fé esbanjou-a com o mais absoluto impudor: serviu-lhe para a chacota. Transtornou tudo, engrandeceu tudo, riu-se de tudo. As descrições perderam a proporção, as figuras a realidade, transformadas em figuras de dor ou de grotesco; a própria cidade ressurgiu a uma tinta lívida de antemanhã, com a casaria a escorrer vício e aspectos tétricos... É isto, sim, mas isso criou-o ele de pobreza e desespero, criou-o de gritos que nunca ninguém lhe ouviu. – E maior! ficou maior! A sua obra só tem outra que se lhe compare, a de Camilo. Exigem-lhe um livro harmônico – *Os Cavadores*. Porque é que toda a gente reclama dos outros aquilo de que eles são incapazes? A obra de Fialho não podia ser senão esta, aos arrancos e enorme. Fialho via os pormenores através duma lente, e deturpava tudo, deformava tudo, dando gênio à própria obscenidade. Nunca conheceu Barjona, nunca viu Barjona, e, com duas ou três anedotas, criou uma figura com um relevo que falta ao medíocre Barjona da realidade. Precisou sempre de se exagerar para se encontrar. Sacrificou o seu melhor amigo a um dito, é certo, mas começou por se sacrificar a si próprio.

Foi sempre o primeiro a sofrer. Houve tempo em que alguém o definiu um doente com inveja das doenças dos outros... Desatou então a gargalhar com lágrimas nos olhos. Perdeu o pé. Arrancou as asas disformes ao Sonho e rojou-as com maldade no enxurro.

– Encharcou-as de lama e empoou-as de estrelas... O vestido ficou, mas era o dum espectro... Não nos podemos medir todos pela mesma craveira. Fialho tem de tudo na alma: a casa de hóspedes, a existência reles de estudante, a pobreza, as mil saburras, os pequenos nada que gastam, desgastam, e transformam, e uma alma vibrátil, um feixe de nervos (capaz de tempestades que se domam com uma palavra) ligado a uma enchente de sonho e a um orgulho doentio, como os que sentem dentro de si, e o suportam, um mundo desconhecido e nunca dantes navegado. Fialho, se o virassem do avesso, escorria ternura... É também um tímido capaz de todas as audácias, e que sai da doença e do isolamento com desespero e escárnio. Esta figura, tão conhecida de todos nós, não é a exata expressão da sua alma. Ainda hoje ninguém se entende...

Silva Teles, por exemplo, conheceu um estudantinho aplicado e medíocre, que se chamava José Valentim Fialho de Almeida; há ainda, talvez, quem se recorde dum moço de botica reservado e triste; e, o que o mais extraordinário, de outro Fialho, respeitoso, que não podia suportar o exagero alheio, e de outro, noctâmbulo e feroz, com risadas estrídulas de sarcasmo – e de outro, de outro maior, de outro espectro, que vem aqui sentar-se a meu lado na sua trágica mudez. No fundo, talvez tudo aquilo fosse dor. No fundo, bem no fundo, quando irrompia numa frase cruel, não era aos outros que dilacerava, era a si

próprio que se dilacerava, e tão a sério que todos o víamos sangrar. Reparem: pouco a pouco a figura range de dor. Arfa através da sua obra. É o filho do professor de instrução primária, daquele homem severo, de quem dizia baixinho: – O meu pai foi duro! o meu pai foi tão duro! Era um homem sem ternura... – É o praticante de botica, alheado e transido, o neto deformado de cavadores, que inveja a sociedade distante, e que só aos ímpetos se atreve a enchê-la de sarcasmos. Que inveja o grande escritor, o desgraçado Fialho, o homem de gênio que passou a vida a fazer chacota das veneras, das academias, das elegâncias, dos grotescos cobertos de patacos – que lhe faziam falta? Tanta tinta, tanto desespero calcado e recalado, tanta contradição e pobreza, e uma luta de noites e noites de que sai amarfanhado – e com páginas soberbas! Mas tu não vês que no dia em que te roçares por eles estás perdido, como no dia em que a cobra perde o veneno? Vai-se-te o melhor do teu gênio... – Não, eu ri-me, eu sofro... – Tantas páginas belas! – Se soubesses como isso se paga! – Então explica-te... – Não posso, não sei. Até dos ídolos postiços que deito abaixo me ficam saudades...

Nem eu próprio sei o que quero. Pobre Camilo, que estourou a cabeça de desespero; pobre Antero, exilado e em debate com uma sombra com que não podia arcar; pobre Fialho, pobre cavador de gênio, em perpétua discussão com os seus mortos, em luta consigo e com os outros e no fundo um reverente – foi-o sempre – saindo em farrapos deste inferno a que se chama a vida!...

Da sua existência oculta faz parte uma figura de dor, calcada e recalada, sobre a qual outra se encarniça com desespero. Talvez seja a verdadeira... Contentemo-nos em fixar duas ou três aparências, apontando neste canhenho algumas anedotas frívolas... Se ele pudesse gritar, gritava ainda. Dessa figura contraditória restam farrapos – mas que farrapos! dessa luta suprema existem vestígios, que nunca encarei sem espanto... Vi-o algumas vezes ao amanhecer num 3º andar no Arco do Bandeira, quando ele caía exausto sobre a banca de tortura, à luz dum candeeiro de petróleo, com um frasco de álcool ao lado e o cobertor enrodilhado nos pés. A máscara lívida estava de todo mudada. Era outro! era outro! Surpreendi-o em noites, nos giros sem destino pela Graça, pela Penha, pelo Monte – quando o seu dedo apontava boqueirões de treva, tropéis de casaria, sítios ermos onde duas ou três oliveiras torcidas se ajuntam para concertar um crime, ou, pior ainda, nas horas de amargo descalabro, em que, dorido e sem frases, procurava fugir de si próprio para muito longe. Não queria então que ninguém o seguisse nas caminhadas que duravam até ao dia – ele e a dor, ele e a noite! Amigos, silêncio...

– O que eu sofri! – dizia ele. – Tiveram-me preso oito anos numa botica ali na Bemposta, ao pé da Escola do Exército, na idade em que queria viver.

Estragaram-me a vida, encheram-me de desespero. Quando me soltaram, não imagina a minha alegria! Podia ter sido outro... Ter saúde, ser forte!... O que eu sofri! Duma vez, no Repórter, o Martins mandou-me escrever um artigo sobre uma quermesse de fidalgas. Fui e fiz uma troça, e ele rasgou-me os linguados na cara. Para me vingar, tirando um bocado às noites, escrevi um artigo formidável para publicar em folheto. Era na ocasião em que essas peidorreiras arranjavam um bazar para os pobres, que rendeu oitocentos mil réis. Ora eu descobri por acaso um galego que se juntava com outros e tiravam todas as semanas meio-dia de ganhos para irem ao domingo ao hospital dar cigarros aos doentes, penteá-los, cortar-lhes as unhas, untar-lhes a cabeça com banha de porco. É um velho, de barba de passa-piolho, que está sempre no Largo de Camões. Homem de poucas falas. Tratou-me mal. Tive pronto o folheto em que comparava essas mulheres, cheias de esnobismo, de adultérios e infâmias, com esse santo desconhecido... imagine... Perdi o artigo.

E depois, falando da mulher de Oliveira Martins: – Não era a mulher que convinha àquele homem. E ele subordinava-se-lhe. Foi ela que o fez confessar à hora da morte. Contou-me o Sousa Martins que a sacudira de ao pé de si ao morrer...

Fala do livro *A Cloaca*, um destes livros que se sonham e nunca se chegam a escrever:

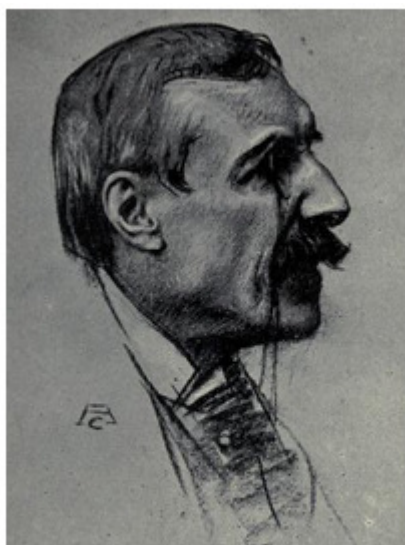
– O primeiro capítulo está feito: é uma festa da alta sociedade no claustro da Batalha... Aproveito a época do Burnay e do marquês da Foz, a luta da finança, quando o Foz tinha palácios e o Móser carro a duas parelhas. Deram-se festas esplêndidas...

Tenho as figuras todas, homens de negócio e jornalistas, o Mariano e o Navarro... Um dia alugam um comboio especial e vão dar uma festa no claustro da Batalha. É uma ceia formidável, com mulheres da grande-roda, políticos, literatos, e, dentro do claustro, entre a grandeza e a severidade daquelas pedras, caem de bêbados e mijam pelos cantos, nos túmulos. O príncipe também lá está, com o conde de Maricas- fedes: no fim do banquete, à saída, a babar-se, escreve nas paredes monumentais esta palavra obscena:

p... Os outros riem-se, as mulheres aplaudem. Fora, a multidão apupa. Outro capítulo há de ser a noite em que os jornais apregoaram em suplemento o escândalo Foz e a sua prisão. – Foi nessas horas – dizia a marquesa – que os cabelos se me puseram brancos da noite para o dia.

Nunca terminou o outro livro, *A Quebra*, que chegou a trezentas páginas impressas, no editor Costa Santos. Tinha capítulos admiráveis. Acabou por o inutilizar:

– A minha dificuldade é a falta de proporções. Perco-me num incidente, e quando mal me precató estou em quatrocentas páginas. – Sei também que escreveu alguns capítulos de *Os Cavadores*. Talvez *Os Ceifeiros* pertencessem a esse livro, em que ele queria pegar no homem do campo e levá-lo, sempre explorado, desde o batismo até à morte...



Eça de Queiroz - Por Antônio Carneiro
como à velhice.

Inventou este nome para o conde de Arnoso, a rainha *Draga*, e diz do retrato a óleo que o Columbano lhe pintou:

– O Columbano é tão cortesão que lhe pós um velho olho do Eça de Queiroz.

Contemplando o cadáver do Cardia:

– Só aos quarenta anos é que se sabe o que é isto! Isto é a morte, à qual tem horror, assim

E falando a propósito do Cardia:

– Eu também sou assim... Há dias em que ninguém me arranca seja o que for da cabeça. Sinto a mesma impressão de vazio que o Cardia sentia. Depois escrevo por ímpetos uma página, pedaços destacados que me matam de desespero para ligar. E, se não escrever logo, passadas horas já não posso, não sei... Varreu-se-me tudo!

Está furioso com a inauguração do monumento ao Eça.

No fundo, nunca o pôde ver: faltou-lhe o carinho, a consideração – e isso magoou-o muito – que rodeou o grande escritor dos *Maias*. Ele próprio diz: ganhou sempre a trabalhar menos que um pedreiro. No jornaleco *A Tribuna* escreveu em dois números sucessivos, sem assinatura, as seguintes notas com o título

O MONUMENTO

Já noticiamos noutro número do nosso jornal, com todos os seus detalhes e pormenores, como foi a festa de inauguração do monumento a Eça de Queiroz! Damos hoje um reflexo do humor da multidão que assistiu ao ato. Porque, enfim, a nosso ver, tudo é documento para a história.

– *Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da fantasia.* Dizem os amigos que nesta frase se alegoriza a obra de Eça. Mas olha cá. Estando a *Verdade* completamente nua do ventre para cima, e só rebuçada daí para baixo, o que sob o manto da fantasia se guarda é indecente.

– Aí está a razão por que a alegoria é flagrantíssima.

– Tu, se fosses casado, davas o *Primo Basílio* a ler a tua mulher?

– Lá isso não. Mas não tinha a mais pequena dúvida em o dar à tua.

– Que lhe parece a *Verdade* do monumento?

– Um cálice de *bitter* para fazer boca ao *Chat Noir*, que fica em baixo.

– Condessa, de todos os cavalheiros que falaram, qual deles é o conde de Ávila?

– O conde de Ávila são todos.

– Este Monteiro Milhões, que inconveniência! consentir que das suas cavaliças um burro esteja a interromper os oradores!

– Condessa, é o eco.

– O que eu nesta consagração sobretudo admiro é o grande coração do conde de Arnoso. O Município devia premiar tão nobre músculo.

– Com uma urna, como se fez ao D. Pedro IV?

– Com uma urna, não. Com uma travessa.

– Seria interessante conhecer todos os trâmites do trabalho de criação do escultor até ao momento de a estátua aparecer.

– Ah, eu lhos conto! Primeiramente, o Carlos Mayer, na sua qualidade de judeu, queria um descido dá Cruz, e, por isso, o grupo do Eça e da Verdade cheiram um pouco à cena da Paixão. Veio depois o Arnoso a lembrar se dessem ao monumento reminiscências mais contemporâneas, ex.: o Gênio perguntando à Verdade quantos dentes queixais queria tirar. Desta dualidade de inspiração resulta o mistério, que faz que o monumento seja o que V. Ex^a quiser, sendo o melhor – não perguntar.

Aparece no estrado o conselheiro Antônio Cândido.

– Silêncio! Vai falar o maior orador da Península.

– “...no povo português ainda há o grande brio dos feitos altos (sussurro). Se amanhã ata Verdade tão nua for até ao Pelourinho, ninguém sabe até onde o amor da Pátria há de crescer! (ovação).”

Interview com o conselheiro Barahona:

– V. Ex^a leu alguma vez o Eça?

– Ler, nunca, mas conheci-o em Évora, delegado do tesouro, e até por causa disso vim ao Príncipe Real ver-lhe um drama de ladrões, que estava mesmo escrito ao meu sabor.

– Mas isso não é o Eça de Queiroz, é n Eça Leal.

– O quê?! Não é o mesmo? Ai os meus ricos dois contos de réis!

Interveio com o sr. Monteiro Milhões:

– V. Ex^a que pensa do monumento?

– Penso que tenho de voltar a frontaria da minha casa para o Teatro D. Amélia. Imagine que os meus netos estão constantemente a perguntar quem é aquela senhora sem camisa. Já o outro dia lhes disse que era D. Maria II, mas, com estes frios, os pequenitos, educados na compaixão, não me largam para que lhe mande dar um cobertor.

– E que impressão faz das suas janelas a barriga da Verdade?

– Aqui entre nós (arregalando o olho) é uma daquelas barrigas que está mesmo a glorificar a “sensação nova” (irritado). Não era mais condizente à minha camoniana transferirem o épico imortal aqui para o meu largo e levarem aquele senhor para as proximidades do Bairro Alto?

– De modo que V. Ex^a, irritado, nem chega à janela?

– Enquanto a Câmara não mandar pôr, de roda da figura, um resguardo pintado de cinzento.

– Tu ouviste os discursos. Que opinião, Por eles, se pode ter da capacidade mental dos oradores?

– Metade daqueles senhores não leu o Eça, e a outra metade não tem lucidez para o julgar. Isto foi uma festa de *snoobs*; o monumento que ali está não foi erguido à memória do Eça literato: é a glorificação do conde Reinaldo e da Alfonsine.

– E se o flamejante garoto agora cá tornasse? Metia-os a todo, num romance endiabrado?

– Já estão metidos. Mas o que tu acabas de ver é os *Maias* em quadro vivo.

Duas guapíssimas, na turba:

– *Pero Eça de Queiroz quien és?*

– *Un caballero que escribió del minuete.*

G..., antigo companheiro de Fialho, sepultado hoje no fundo duma biblioteca, diz assim a propósito da livraria do grande escritor:

“Eu chamo a estes livros as onze mil virgens. São apenas quatro mil volumes, ou pouco mais, mas – vai surpreendê-lo esta minúcia – estão aqui todos por abrir. Há aqui Balzac e Zola, Eça e Ibañez, os Goncourt e Ponson du Terrail. Fialho tinha muito Ponson na sua biblioteca. Esta literatura de costureiras e guarda-portões era para as grandes horas amarguradas.”

Era. A ele e a outros grandes espíritos basta-lhes o próprio drama. Antero, nos dias aziagos de Vila do Conde, deitado num sofá, só lia Gaboriau. Para tragédia chegava-lhe a sua.

“O Fialho tinha uma admiração extraordinária pela obra camiliana. Imagine que até num livro da mocidade pôs uma dedicatória a Camilo, em que dizia: “acabo de ler toda a sua obra”. E quase nada lera a esse tempo... Afora as obras portuguesas, na biblioteca de Fialho só há volumes em espanhol e em francês. Nos últimos anos merecera-lhe uma atenção particular a literatura espanhola.”
E a propósito de Fialho íntimo assevera:

“O Fialho, que tinha grandes rasgos generosos e perversidades femininas – repito-o, não era bem o Fialho que se vê através dos seus livros admiráveis. Era outro. As suas irreverências das páginas rubras eram fundamentalmente apenas o ódio do plebeu que inveja o fidalgo. Sim, porque ele invejava a sociedade na sua fase demolidora só porque não tinha nela um lugar. Uma infantilidade de homem de gênio.”

E explica:

“Como se sabe, o Fialho não tinha meios de fortuna nem ascendências nobres. Fez a sua vida ali no Martinho, vivia de noite e era um *blagueur* incorrigível, e apesar de valer bem os seis milhões de portugueses que existem sobre esse solo, a Monarquia, o Paço, os conselheiros, não lhe achavam qualidades para triunfar nessa sociedade formalizada e cheia de convencionalismos. Está explicado o Fialho dos *Gatos* – foi a revolta. Meteu-lhes medo – oh, sim, um medo terrível! – com as suas *blagues* sangrentas – fazia-os passar de largo, mas ainda mais se afastou do *ancien régime*. Entre os republicanos, onde se lançou de alma e coração, sentiu-se depois desconsiderado. O Fialho continuava a ser... o *blagueur*. Nunca lhe deram um cargo de confiança. Que pena teve o Fialho de não ficar na Comissão da subscrição nacional a quando do *ultimatum*!”

E termina com esta nota inédita:

“Sabe que Fialho era um orador? Nunca ouviu dizer, talvez, que ele fizesse um discurso... Mas ouvi-lhe eu muitos, todos os dias, durante longos anos. A sua timidez invencível nunca o deixou falar em público, apesar de, como ninguém, sentir a necessidade do aplauso. Muita vez me disse que desejaria ser ator, ser um grande ator, para ouvir bem de perto o som das palmas com que o saudariam, para viver intensamente, ruidosamente, uma grande hora de triunfo. Tinha coisas, o Fialho...

Registre esta nota curiosa, pois muito poucos a sabem: era soberbo orando alucinado para um auditório de três amigos íntimos no alto da Avenida, ou noite alta à beira do Tejo.”

À figura que se senta ao pé de mim falta-lhe talvez a rigidez das estátuas. O gabinardo, reparem, está amachucado e encardido, a fisionomia retrai-se no escuro e só a boca se salienta, enorme e prestes a escorraçar-nos com gritos e apupos. Atravessou a vida: foi injusto, foi cruel por vezes, foi amargo. Desatou a rir para não chorar. Atordoou-se com sarcasmos e frases. Foi incoerente. Obedeceu ao impulso. Não se pôde furtar a sentimentos que vêm do fundo dos fundos e nos deixam prostrados, reclamando da morte que nos apavora – enfim! enfim! – o primeiro dia de descanso bem ganho, ao termo desta discussão que nunca cessa e em que nos despedaçamos, sem nos compreendermos a nós próprios, quanto mais aos outros... Toda a sua alma, que deixou fragmentada em várias figuras, em todas as páginas dos seus livros, nos retratos, nos tipos, nas paisagens, no Manuel, em Guilherme de Azevedo ou na manhã do Tejo, se condensa enfim nesta boca amarga capaz ainda de nos fulminar de cólera ou de acusar bem alto a vida que lhe foi impiedosa... É assim que te vejo ao pé de mim, com detritos, escorrências, lama, mas tão grande, tão vivo, tão humano, que, para sintetizar a tua vida, só me servem as palavras com que um espectador ilustre saúda o *Hamlet* no fim da representação: – Boas-noites, meu príncipe, és homem, o homem e todo o homem!

4 de Janeiro – 1908

Morreu anteontem de albuminúria o pobre D. João da Câmara. Tinha feito anos no dia 27. Conheci-o sempre, até nos maiores frios, de casaco de alpaca, a sorrir... Antes de acabar, saiu do torpor e, em dois acessos de delírio, descreveu o fim do *Mundo* com terror e espanto. Depois rezou, disse versos seus e ficou, num último suspiro. Remexeram-lhe nos papéis e nos bolsos: só lhe encontraram recortes de jornais, anúncios de desgraçados pedindo esmola.

Meses depois, ainda os pobres o procuravam nos sítios do costume: – O senhor D. João? o senhor D. João? – Morreu. – Morreu! Morreu!... – E partiam a chorar.

Agora é que eu sinto todo o encanto desse homem falando baixinho, a olhar a gente por cima das lunetas. Andou mal vestido. Não soube o valor do dinheiro. Desceu aos desgraçados com uma ternura e uma simplicidade de fidalgo e de santo. Nos últimos quatro anos ganhou alguns contos de réis: deu tudo, levaram-lhe tudo. Até de madrugada o procuravam para lhe pedir dinheiro emprestado. E nunca o ouvi queixar-se nem dizer mal de ninguém. Foi um poeta e um santo. Deixa, além de algumas obras admiráveis, uma peça incompleta, com poucas cenas escritas – *As Comadres de Panóia* –, e talvez se lhe encontrem, também, apontamentos de outra em que tanto falou e em que tanto sonhou – *O Sermão da Montanha*.



Antônio Nobre no caixão

18 de Março de 1900

Faz hoje anos que morreu Antônio Nobre. Em pequeno, ia com Eduardo Coimbra enterrar os seus versos no jardim solitário do Palácio, e pedia, com olhos límpidos e sôfregos, uma Bíblia para repousar á cabeça quando o levassem no caixão... Estou a vê-lo, com uma camisola de pescador, saltar pela janela da casa à beira-rio, de Matosinhos, onde Alberto de Oliveira já imperava, esse mesmo Alberto de Oliveira esperto e tão dominador que, quando entrava em casa dos outros, começava por os convencer a desarrumar os móveis, para os arrumar de novo a seu modo... Antônio Nobre usava uma abotoadura de cabeças de pregos e sorria com um modo e um ar de ternura e desdém.

Fugiam dele antes de publicar o *Só*; os poetas do seu tempo odiavam-no depois de publicar o *Só*. Ser diferente dos outros é já uma desgraça; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior. Viveu sempre isolado. No concurso para cônsul quiseram reprová-lo: foi preciso que Alberto de Oliveira explicasse ao júri quem era o poeta Antônio Nobre. Não pôde formar-se em Coimbra, e até os seus amigos mais íntimos lhe fugiram. Entrou na morte como tinha vivido – só. Até Alberto de Oliveira teve de interromper uma amizade de irmão quando se encontrou diante deste dilema: ou deixar-se dominar por ele, que o tratava como uma criança, ou feri-lo em pleno coração: – A nossa amizade é de tal ordem que não admite que lhe desçam dois ou três pontos à craveira. Ou mantê-la ou quebrá-la. – Quebrou-a. O ilustre escritor possui desse tempo um

caixão enorme, tão pesado como o que levou o poeta para a cova, com as cartas afetadas e vivas de Antônio Nobre, as cartas que tem obrigação de publicar, com um prefácio que só ele pode e deve escrever.

Digamo-lo... digamo-lo... No fundo, detestaram-no, detestaram-no todos. Não lhe puderam perdoar a impertinência, o desdém, o gênio. Era um ser diferente. Não agradava a ninguém. Só as mulheres o amaram. Era um Poeta. Desconheceu a vida prática. Tinha a consciência do seu valor, e uma superioridade que se não podia aturar. Estávamos todos mortos por nos desfazermos desse ser à parte, desse eterno cônsul sem consulado, desse estudante de Coimbra que os lentes reprovavam e que nos fazia sombra. Mas de balde o arredamos: houve uma coisa nova que passou no mundo e que ficou no mundo, que nos ficou na alma...

Agora estamos todos apaziguados, todos podemos esquecer a superioridade, a afetação e o desdém infantil de Antônio Nobre.

Foi para a cova completar trinta e três anos num dia de chuva como este, frio e sujo, o poeta insolente como um príncipe e adorável como uma criança. Quantos estavam ali à beira do túmulo? Meia dúzia escassa, o Frei, o Justino, o Eduardo de Sousa, eu – e quem mais? quantos mais? Os jornais deram a sua morte em duas rápidas linhas. Respirou-se.

Hoje é um dos poetas portugueses com mais admiradores. É um poeta de simpatia. Nunca teve sorte senão depois de morto. Porquê? Porque não misturou, como nós todos, o sonho com a vida prática. Ao contrário; raros homens terão posto tão de acordo a vida com o sonho. Fez mais: suprimiu a vida. Correu o globo e só a si próprio se encontrou. Viu o mundo e nunca assistiu a outro drama que não fosse o da sua alma. E poentes, árvores, estrelas ou pedras entraram-lhe no coração como espadas. Nenhum outro exprimiu numa forma tão sua o universo. Que universo? dirás. O meu? o teu?...

Não, o que ele descobriu, cismando como um navegador à proa do seu barco... Por isso nunca hão de faltar sonhadores que evoquem essa singular figura de poeta, que uma vez atravessou a terra, soluçou, monologou como *Hamlet* e sumiu-se logo no sepulcro.

30 de Janeiro de 1911

Janota e coçado, com uma flor na botoeira e a fumar um charuto de dez réis, aí vai o poeta Gomes Leal. Quem não viu noutro tempo este homem extraordinário, não conheceu um verdadeiro, um autêntico poeta satânico. Passou nas ruas, de chapéu alto, falando com intimidade às estrelas e tocando

no céu com as guias do bigode. Escreveu as páginas das *Claridades do Sul*, da *Traição e do Anti-Cristo*. Viveu alheado, como é indispensável a quem convive, todo o dia, tu cá tu lá com o sonho. Cantou a plebe, destruiu os deuses, arremessou sarcasmos aos banqueiros, satirizou o grotesco, e tocou-nos ombro com ombro, apontando altivo o cravo vermelho da lapela:

– Amigos, as flores são as condecorações dos poetas!

Prodigalizou-o a caricatura: teve na vida mistérios perturbantes: um dia acometeram-no no comboio, em Espinho, quando regressava do Porto, até onde seguira a rainha Maria Pia, depois de lhe atirar uma rosa escarlata, que arrancou da botoeira, em plena praça, com um desdém supremo pela burguesia endinheirada... Sim, foi este que teve a glória da cadeia, que cantou as estrelas, Jesus e Mefistófeles, foi este mesmo homem, a quem falta roupa na cama no Inverno glacial, e que sorri com humildade para nós, avelhentado e tímido... As janelas não têm vidros, a roupa é pouca, mas tu viveste o que não vive um rei, e o império deslumbrante que criaste à custa de dor, cheio de obscuridades e de gênio, com catadupas de ouro, como nas lendas, e pálidas figuras, essa mescla de gritos, de paixão, esse sonho confuso e imenso, pertence-te, e não há quem to roube, mesmo com as janelas abertas de par em par. Deixa entrar o frio – e sorri...

Agora vai todas as manhãs ouvir missa à Pena ou ao Resgate. É um homem encolhido e friorento, que a banalidade tem gasto e desgasto como as moedas fora de curso que se fartaram de correr de mão em mão, e ainda há dias o encontrei no Porto, numa manhã de sol, de casaco de borracha e colarinho suspeito. Ia pregar à Associação Católica, e atravessava a Praça entre aplausos dos pálidos sacristas, que o rodeavam como quem força um deus, sem repararem que só levavam um simulacro. No sonho de outrora não há mãos que se atrevam a tocar... Ele sorria, enlevado, com o eterno charuto ao canto da boca.



Gomes Leal

A vida feroz torna-nos grotescos. Consegue tudo. Deforma-nos. O próprio sonho entra às vezes no domínio da chacota. Onde, porém, Garrett chega ao ridículo, com três cabeleiras postiças, Gomes Leal, de casaco de borracha e discursos de propaganda, atinge o trágico... Eu bem sinto a tristeza. Bem sei, bem vejo o arranco, bem palpo a dor. A figura que cheira a bafio, como se saísse do fundo do armário do passado para a plena luz, faz rir e faz chorar. No esforço para não ir ao fundo, no gesto de naufrago que se apega com desespero, quando a dor estala por todas as

costuras, há um ricto de clown. Olha lá: o pior é tu ousares tocar no que há em mim de mais sagrado, o pior é tu transformares-me o sonho numa notícia do *Século*, o pior de tudo é tu atreveres-te a tocar neste jardim da vida – e, pior ainda, é que eu continuo a sorrir como se possuísse o antigo tesouro de Ali-Babá. Mais um momento, outro passo, e reduces-me à condição de trapo. Deitas-te comigo, acordo contigo ao meu lado, e há ocasiões em que até o som da minha voz me sobressalta. Por ora debato-me, por ora sinto o coração oprimido, fingindo que não existes, mas há já terror no meu sorriso, e, quando me ouço, ouço-te também os passos. Sei perfeitamente que o momento terrível depende de um único traço de separação – agora, já, daqui a bocado...

Estás por trás de mim e o minuto grotesco será quando eu deixar de te conhecer e quando sentir a tua mão gelada... Estás por trás de mim! estás por trás de mim! Bem sei que estás por trás de mim, e que vais ser a minha companhia até à cova. Confesso-te: o que me aterra não é o momento que passou, nem o que há de vir – é o momento, que vale um século, em que tenho de galgar o abismo. Por ora teimo, por ora ainda digo: – A ciência, meu rapaz, sabes o que é? É um cifrão cortado. – Mas como o digo!...

...Há um instante tétrico nos *Espectros* em que um novo personagem se introduz em cena. Desde o princípio que o sabemos atrás da frandulagem de papelão: está ali presente, não como uma figura de teatro, mas monstruoso, real e patente, como o Destino à espera de intervir. Desde então perco o fio da peça, não sigo mais os bonecos que se agitam no tablado, só ouço o meu próprio monólogo, e quedo-me de olhos atônitos noutro espetáculo atroz. Tenho a certeza absoluta de que não há forças humanas que lhe detenham a marcha. Começa então a tragédia...

É este mesmo personagem que se intromete na vida do poeta. As palavras contêm ainda e sempre as mesmas letras, mas até as palavras mirram. Esqueci tudo, troquei tudo pelo sonho, e, quando tu quiseres, de mim próprio ficarei desconhecido! Como eu compreendo agora aquela frase de outro poeta: “Sinto que não posso trabalhar! sinto que não posso trabalhar!” É com esta angústia que te ouço os passos mais perto. Já não é só a cena que tu enches, é a sala toda, figura invisível, único personagem do drama, que te entranhas na alma do espectadores. Enquanto os bonecos teimam em pronunciar palavras que não ouço, que não têm significação nem importam, tu levas-me, quer eu queira quer não queira, a sorrir com enlevo à própria banalidade.

A casa em que mora Gomes Leal, na esquina do palácio da Bemposta, parece arrancada a um velho quadro de Velásquez, com a sua entrada de pedra e um arco na escada. O soalho entreaberto oscila, as janelas não têm vidros.

Conheço- a. Já lá morei, há anos, no mesmo quarto, que dá para um quintalório, com duas ou três oliveiras carcomidas. Do buraco, onde nunca chega o sol, sai um frio de morte. Bato, a porta abre-se, o soalho range, e o poeta surge com o velho chapéu às três pancadas, luvas pretas – até de luvas escreve Gomes Leal! – e no quarto desagasalhado há luvas por toda a parte, por cima das mesas, entre os livros, penduradas no teto. O leito é um catre. Ao lado, um Cristo, uma mesinha de pé-de-galo, e no soalho apodrecido montões de jornais e de livros. Na parede, que ressuma umidade, um quadro a crayon, com o vidro partido: o retrato da mãe de Gomes Leal.

– Vivo só, não tenho família. Minha mãe morreu-me e aqui estou como um órfão.

– Vive isolado, sempre?

– Levanto-me cedo, vou aos templos. Depois passo pelas bibliotecas e pelos livreiros e venho para casa escrever. Almoço e janto onde calha. Quando tenho, bebo para esquecer, à noite escrevo, deito-me cedo e durmo... Tenho três livros para publicar:

As memórias dum revoltado, continuação da história da minha vida, *O macaco de Nero*, estudo de Roma, e o livro em prosa *Cidade do Diabo*, onde trato da decadência do mundo moderno. Comecei também *Cristo nos infernos*, poema em verso. Conservo as minhas ideias religiosas, que não são incompatíveis com a República, e ficarei contente por ver realizado o sonho de toda a minha vida, que acalentei como um poeta, e que desejo que se não dissolva como uma bola de sabão na cabeça dum prego...

E queda-se num silêncio amargo. A chuva cai lá fora. A noite e um frio, uma umidade de poço, traspassam-me...

No seu gênio houve sempre síncope, falhas, absurdos. Se tropeçou, ergueu-se sempre mais alto. Aos trinta anos reage-se. Mas chega um momento da vida em que a gente se sente transida pelo ar do sepulcro e uma sombra desmedida avoluma-se e sufoca-nos.

Eu sei muito bem que em todos os homens há várias camadas de fantasmas. O que em Gomes Leal imperava era um fantasma extraordinário. Vinha não sei donde, dourado e esplêndido, partiu um dia não sei para onde, deixando, num céu de Verão, riscado o seu caminho como uma estrela candente.

A esse drama é que eu queria ter assistido... Ficaram os outros, que falam e atuam, mas sem o mistério do que partiu, e que foi talvez assassinado numa noite de orgia, ou que bateu as asas no céu, tapando o rosto com as mãos –

para sempre! para todo o sempre! Ainda hoje ouço um grito, ainda hoje sigo lá em cima o rasto de ouro e de dor, que fulgura por onde ele passou...



Corrêa de Oliveira em 1903

Setembro de 1907

Antônio Corrêa de Oliveira, ossos, nervos e a pele necessária para os cobrir – com um chapéu alto e lustroso em cima –, grande poeta, com raízes profundas na Natureza, tem na Beira uma tia que passa a vida em diálogos estranhos com as árvores e as pedras. E mal chega a noite ei-la começa a cumprir o seu fadário: leva até à madrugada a dar de beber indistintamente às plantas do seu quintal e às dos quintais vizinhos, numa aflição, numa piedade que se estende até às ervas ignoradas e ruins. Monologando sempre, vai e vem, – que não fique alguma com sede – com o regador nas mãos, até que a manhã a encontra exausta, feliz, encharcada até aos ossos e ainda embebida naquele sonho frenético de ternura... Toda a emoção do poeta está aqui, do grande poeta que diz: – Sinto em mim uma força da Natureza... hei de aproveitá-la. – Os avós deram cabo da casa. O pai ninguém o arrancava às suas árvores, e um tio, personagem de Camilo,

morreu cosido de facadas. A mocidade do poeta foi também dolorosa. Chamavam-lhe mágico. Para não pesar à mãe, escreveu à rasa dum tabelião e foi proposto de recebedor em Sesimbra, ele que nunca soube somar. Jam as mulheres dos pescadores pedir-lhe perdão das décimas, e nunca na memória de homem se viu recebedor em semelhantes apuros, perplexo diante dos papéis, dos pobres, da desgraça, das contas e da sua própria alma! Um dia gostou duma mulher e escreveu os primeiros versos, Ladainhas. – Eu não sabia o que era rimar nem medir versos. Saiu-me aquilo. Troçaram-me tanto que estive para endoidecer. Sabe o que me valeu? Um artiguinho do Trindade Coelho no *Repórter*. Essas palavra, salvaram-me!

Outubro de 1911

Batalha Reis conta que foi algumas vezes com Oliveira Martins a casa de Herculano, à Ajuda. Salas quase desmobiladas: apenas uma cadeira – e por fim o gabinete, que só se abria a raros, com os livros – e onde o mestre tinha um

único retrato, o de Mouzinho. Herculano não compreendia a ironia – tratava tudo a sério e discutia sempre a sério.



Fernandes Tomás

Janeiro de 1911

Passei a noite de ontem em casa de Fernandes Tomás, um velho bibliófilo, colecionador de autógrafos, de livros raros, de gravuras antigas. Bom como o pão, arruinou-se em papéis velhos... Eis enfim um homem feliz, suponho eu, entre as estantes que revestem os muros, como a traça entre as folhas dum pergaminho. Ingênuo, surdo, com sessenta e três anos e colecionador apaixonado de papéis velhos, ainda por cima – que sorte... – De repente pega-me nas mãos e desata a chorar:

– Tenho sido um mártir!

À roda, muitos documentos, muitos alfarrábios, muitos calhamaços preciosos. São duas, três salas catalogadas, onde tem livros e papéis por toda a parte. A sua vida devia correr esquecida e plácida, sem sobressaltos nem dúvidas, folheando, rabiscando, anotando, sonhando em coisas fáceis.

– Não imagina o que tenho sofrido! Sempre gostei muito de crianças... Trouxe para casa uma sobrinha, morreu-me de raiva nos braços. Minha mãe, um dia, teimou: – Hás de casar. – Fiz-lhe a vontade. Casei. Minha mulher, ao fim de dois anos, abalou, levando-me quase tudo o que eu tinha. Demandas, processos – fiquei pobre. Agora, meu filho quer ir por força para a África.

E põe-se a chorar como uma criança, com a cabeça branca pousada sobre os livros, os papéis, as gravuras... – diante daquela documentação cerrada e inútil, que tem sido a razão da sua vida.

1 de Fevereiro

Venho de casa de Fernandes Tomás. Teve um ataque apoplético. Está hemiplégico, deitado num sofá, sonolento e trêmulo. Nunca encontrei bibliófilo que tivesse prazer em indicar, em ensinar, senão este... É outro homem adorável que morre, mas, felizmente, não sabe que morre. À beira do túmulo ainda pede que lhe arranje um catálogo da guerra peninsular. E diz-me de Teófilo (estes homens dos papéis velhos nunca se puderam ver):

– Pode crer que nunca passou necessidades como ele diz. Conheço-o de Coimbra, morava em casa do conde de Valenças. Todos os meses o pai lhe mandava pelo carreio duas libras em ouro numa caixinha de madeira. Ora, nesse tempo, valiam tanto como hoje quatro...

PÓ DA ESTRADA

Março – 1902



José Maria de Alpoim

Este homem imenso e louro, o Alpoim, não tem um minuto de seu: não descansa, não pode. Escreve cinquenta cartas por dia, faz a crônica do *Janeiro*, corre ao parlamento, intriga nos corredores, enche uma página de jornal, recebe toda a gente, encanta e domina toda a gente num riso aberto: – Meu querido amigo... – e, mal se fecha por dentro, arranca os últimos pêlos do bigode e cai exausto, exclamando num pranto: – Ai que filhos da p...! ai que filhos da p...! Eu não posso! eu morro! – Nem para ser rei de Portugal valia a pena semelhante esforço.

No fundo é um político com este fito – o poder. Mas alguma coisa o distingue dos outros que conheço, do espesso Ferreira de Almeida, por exemplo, que exclama diante de mim sem pudor: – Hei- de ser ministro porque quero mandar! gosto de mandar! – É um fidalgo com talento, e tanto serve um amigo como um desgraçado de quem nada tem a esperar. O esforço é idêntico. – Vou ao inferno por um amigo... – Há ainda quem se lembre do Alpoim de chapéu desabado e capa à espanhola, mas o amor fê-lo janota...

Na sua vida, como em todas essas existências de aparência e luta, há um trabalho de sapa, que quase totalmente desconheço. Sabe tudo, pode tudo com os seus e com os outros. O Hintze tem por ele um fraco, o José Luciano entrega-lhe nas mãos a meada política: – Nada se faz sem mim. Sei tudo! – diz muitas vezes com o olho esperto a luzir. O Teixeira de Sousa é o seu amigo mais íntimo. Uns temem-no, respeitam-no os outros. Este que lhe sorri atraíçoa-o – e ele fala-lhe amavelmente. – Não me podem ver porque lhes faço sombra. Eu sei... Mas ninguém exija dos homens mais do que eles podem dar. – Conspira. Tem nas mãos os mil fios da emaranhada teia política. Vai mais alto ou mais fundo?... Não sei, mas é talvez a isso que ele se refere quando afirma:

– Ninguém sabe a que portas vou bater!

Hoje conta o movimento de protesto quando dos comícios contra o governo regenerador. Reuniam-se já há tempos alguns pés-de-boi em casa de José Luciano, que um dia sai-se com esta:

– Bem, meus senhores, precisamos de acabar com isto, senão caímos no ridículo. A tomar chá não fazemos nada. Que é que os senhores resolvem?

– A revolução! queremos a revolução! – concluíram todos.

– Eu disponho de seis mil homens.

– Vamos para a rua!

– Estamos dispostos a tudo, mas temos um pedido a fazer a V. Ex.a: é que se responsabilize a que a Guarda Municipal não atire sobre nós...

O José Luciano, a cofiar o bigode, sem sair da sua pachorra irônica:

– Oh senhores, mas se eu dispusesse da Municipal não precisava dos meus amigos para nada!

– O José Luciano o que tem tido toda a vida é sorte – observa alguém do lado.

– Garanto-lhes pela saúde dos meus filhos – atalha logo o Alpoim – que é um homem inteligentíssimo. E se não, vejam como ele conseguiu arredar e vencer todos os do seu tempo. Ninguém lutou mais do que eu para a eleição do Mariano a chefe do partido progressista, ninguém!... E que sucedeu?...

O José Luciano tinha em segredo conseguido pôr o Paço do seu lado. Na véspera da eleição o Mariano disse-me: – Está tudo perdido, votem no José Luciano... – Se não o elegêssemos, o rei nunca mais chamava o partido progressista.

“Sob aquele aspecto de inalterável bonomia, é um homem duma alta inteligência prática. Muitos ao seu lado caminharam para o mesmo destino, e ele, não sendo nem um grande jornalista nem um grande orador, sem brilho mas sólido – e com caráter! com tenacidade e caráter! – pouco a pouco ficou sozinho em campo: arredou-os a todos.

Foi do seu meio e do seu tempo. O Fuschini chamava-lhe com desdém: – Essa vil alforreca... – Diz-se que no salão dos Navegantes se dava tudo o que se podia dar – e que não lhe pertencia – lugares, negócios e empregos. Talvez. Mas se

não teve a grandeza de resistir aos homens, conteve os interesses fatais dentro de certos limites. Não podendo ser nem um santo nem um gênio, manteve essa linha de superioridade, chegando, mais tarde, a ser uma figura. Sentado na cadeira de rodas, o velho obstinado, numa sociedade a liquefazer-se, resistiu até à última, e adquiriu relevo e grandeza como se os alicerces fossem de pedra. Foi dono do país, ditou a lei, e, arredado e sempre lúcido, leu no futuro pronunciando algumas palavras definitivas que a história terá de registrar...

Junho – 1902

Contava o marquês de Ficalho, pai deste Ficalho, e que era vivo ainda há quinze anos, o seguinte caso, que mostra bem o medo que D. João VI tinha a Carlota Joaquina. Um dia o D. João VI ia de sege para Sintra, Queluz, ou não sei para onde. Ao lado galopava o Ficalho, com dezesseis anos, cavaleiro do rei. De repente, ao longe, avista-se na estrada uma nuvem de pó, e o rei, deitando a cabeça de fora da sege, brada:

– Parem! para trás, que aí vem a p... – era a mulher. As palavras são textuais.

Março – 1903

Diz o Abel de Andrade:

Dos oito mil contos de *déficit*, quatro mil é a casa real que os gasta. Que ministério tem força para se impor ao rei? Ambos os chefes estão com medo ao João Franco...

Arroio queria atacar o rei nas Câmaras. Houve mosquitos por cordas para o dissuadirem...

Sabem quanto faz o Arroio por ano? Dez contos.

O rei foi aqui há tempos para Setúbal e, depois de jantar, bateu o fado com um malandrão. O Duval Teles, no outro dia, ao jantar, aludiu ao de leve ao caso, achando-o impróprio. A noite, encontrou na mesinha-de-cabeceira uma carta do rei com estas palavras: *Dispensó-te do meu serviço*. Seis meses não fez

serviço; agora, antes de a rainha partir, pediu-lhe apouquentadíssimo a sua intervenção. Outra carta do rei com estas palavras: *Entra outra vez de serviço, mas nunca mais me dê conselhos sem tos pedir.*

Alpoim:

– Antes de seis meses temos aí graves acontecimentos...

–?

– Um governo fora dos partidos, uma ditadura feroz. E a propósito dos acontecimentos de Coimbra:

– Em Coimbra existem sociedades secretas. O Governo sabe. Quando foi da espera do Carrilho, tinham tudo combinado. Dois grupos faziam descarrilar o comboio, apoderando-se dos papéis que o Carrilho trazia e matando-o. Entravam lentes e estudantes...

Este Carrilho, o célebre – que tinha vindo ao mundo para fazer orçamentos e falsificar orçamentos, falava uma vez no parlamento naquela forma redonda e cheia de clichês, e no meio do discurso aludiu por acaso à sua idade:

– Eu que nasci em 1847...

Interrupção do João Arroio:

– Perdão, V. Ex.a não nasceu em 47.

– Não nasci em 47?! Então V. Ex.a quer saber melhor do que eu o ano em que nasci? – E continuou:

– Eu que nasci em 1847...

E o Arroio teimando:

– Eu já disse a V. Ex.a que está enganado. V. Ex.a não nasceu tal em 1847. O outro, já irritado:

– V. Ex.a teimará que não nasci em 1847? V. Ex.a saberá melhor do que eu o ano em que nasci?

– V. Ex.a nasceu no ano económico de 1847-1848.

O Alpoim:

– O Mouzinho de Albuquerque antes de morrer disse-me: – O único homem com quem eu poderia ser ministro era com o José Luciano. – Dantes dizia muito mal dele. Duma vez estava no Paço, no vão duma janela, a dizer cobras e lagartos de José Luciano; o rei, um pouco afastado, ouviu-o:

– Ó Mouzinho, cala-te.

– Se incomodo V. Majestade saio daqui.

– Não, podes estar, mas acaba lá com a conversa.

– E porque é que o rei não gostava do Mouzinho?

– Se lhe parece! Ver sempre o Mouzinho a seu lado, carrancudo, sem palavra, mas severo como um censor... Irritou-se. Quem lhe valeu mais duma vez foi a rainha.

Abril – 1903

O Adrião de Seixas, secretário do Banco de Portugal:

– Já por diferentes ocasiões o Estado tem corrido o risco de ir a pique. Houve meses em que quase faltou dinheiro para pagar à tropa, e mais que uma vez o Banco de Portugal se viu em transes para arranjar trezentos contos de réis.

Um arquiteto do Paço conta que a rainha D. Maria Pia fuma constantemente charuto como um homem, e atira as pontas para onde calha, sobre os sofás e os tapetes. Atrás dela anda sempre um criado de farda, com medo que pegue o fogo, a apanhar as pontas. Ano passado, antes de ir para o estrangeiro, mandou fazer umas obras no Paço.

– E não volto sem estar tudo pronto.

Quando voltou nem foi vê-las, mas, dias antes de ir outra vez para fora, lembrou-se das obras – e mandou deitar tudo abaixo.

– Não volto sem estarem concluídas.

As provas dos vestidos são um martírio para as pobres costureiras, que mantêm de joelhos duas horas seguidas, pregando-lhe alfinetes. Quando as vê cair exaustas, arranca tudo, despedaça tudo...

O Alpoim conta:

O rei é muitíssimo bem educado, mas não gosta nada que ponham a rainha em primeiro lugar. Não se importa com o país e julga-se um grande rei constitucional. Os ministros para ele não existem: só ouve e atende o presidente do conselho. É tão governamental que trata delicadamente os políticos quando estão na oposição, mas não conversa com eles. Não é como o D. Luís, que às vezes fazia-se com os ministros contra o presidente do conselho. Chegava a conspirar contra o José Luciano, partidário da aliança inglesa, com o Barros Gomes, que era pela Alemanha. As vezes andava uma hora de braço dado com o Mariano e o Emídio Navarro, sem fazer caso do presidente do conselho. E depois de eles saírem, perguntava-lhe:

– Olha lá, quando é que tu pões fora estes gatunos?

O D. Carlos não é assim: para ele os ministros não existem. Trata-os sempre por tu, menos quando é da assinatura. Não conserva ódios. E fica contentíssimo se os ministros descompõem a oposição. Quando foi da exoneração do Mouzinho pelo Dias Costa, este quis demitir-se e queixou-se ao José Luciano:

– No Paço todos me fazem má cara.

O José Luciano disse-o ao rei, que protestou:

– Não, por mim não é verdade. Quanto à rainha, que a trate com todas as atenções, mas que não faça caso.

E para reforço traz o caso Oliveira Martins:

– O José Dias Ferreira nunca chegava a presidente de conselho se o Martins tem categoria. Imaginou que manejava facilmente o velho rábula – e escolheu-o para tabuleta. Enganou-se... O Valbom ainda tentou organizar ministério, mas o Martins, sem manha política, teimou no José Dias. Pois ao fim de dois meses era

ele quem mandava e que o queria alijar... No Paço, nem este rei nem o D. Luís gostavam do José Dias; apesar disso, quando o Martins, aborrecido, se fingiu doente, e o José Dias se queixou, o Carlos disse ao Arnoso:

– Olha lá, diz ao Joaquim Pedro – era assim que ele o tratava – que se levante ou que se demita. Isto não é vida.



D. Carlos I de Portugal

Diz-se para aí que o D. Carlos tem o hábito de mentir, e que pensa em restaurar a monarquia no Brasil.

Maio – 1903

Os jornais de ontem contam que a Rainha D. Amélia não quis receber o presidente Loubet, por escrúpulos de consciência. Como é muito religiosa, respondeu, quando lhe foram anunciar a visita:

– Viajo incógnita.

– Pior fez ela na Itália. Estava em Nápoles e o rei mandou-a convidar para ir a Roma. Aceitou, e no dia seguinte safou-se para Livorno. O governo italiano deu imediatamente ordem aos navios que estavam em Livorno – para saírem uma hora antes da entrada do *yacht*...

Silva Pinto contado por D. Maria Augusta:

O Silva Pinto escrevia de quando em quando cartas à condessa de Edla, pedindo-lhe dinheiro. A condessa arquitetou um romance: nunca o vira e imaginou um poeta pobre, numas águas-furtadas, morrendo por ela. E mandava-lhe às vinte e trinta libras. Um dia viu-lhe o retrato no atelier de Columbano...

– Então este velho é que é?!...

E não lhe deu mais vintém.

Hoje, 11, o Arroio discutiu nos Pares a viagem da rainha. Acusou-a de não ter querido receber Loubet. O Venceslau de Lima levantou-se e negou.

Comentário do Alpoim:

– Que havia ele de responder? Mentiu como um cão!

De resto o discurso foi cheio de alusões. Chegou a isto: a lançar suspeitas sobre as relações do Soveral com a rainha.

“Que está fazendo o sr. Soveral em Paris? Façam-no recolher imediatamente a Londres!”

– Triste sintoma – afirma o D. João de Alarcão – num país monárquico, ninguém se levantou para defender o rei. Alguns, como o Aires de Gouveia, foram cumprimentar o Arroio; outros, como o José Luciano, saíram dos seus lugares e chegaram-se mais para perto, para não perderem pitada.

– O que nós fazemos não é discursos, é história – diz o Arroio.

Diz-se:

O rei chama nomes ao Arroio, o Arroio chama-lhe corno...

O Alpoim:

– O Arroio chama corno ao rei, o rei chama aos outros ladrões. Eu sempre queria que me dissessem o que ele é...

A quinta da Bacalhoa – continua o Alpoim – foi comprada pela casa de Bragança. Quem faz as obras é a Casa Real, isto é, o Estado.

O rei – diz hoje D. João de Alarcão em conversa com o Alpoim – não se importa nada com isto. Tomara ele ser quediua deste cantinho, defendido pelas baionetas inglesas.

O rei tem uma lista célebre a que chama a *lista dos ladrões*.

O Arroio volta à discussão e, a propósito, conta-se de novo a história dos tapetes: “– Havia em Mafra um grande tapete persa, o mesmo que está hoje em Vila Viçosa, por sinal muito mal tratado. Ninguém fazia caso dele, até que um dia disse ao almoxarife que o guardasse. Mas fiquei sempre com a impressão de que era magnífico.

Duma vez que D. Carlos apareceu extasiado por ter comprado qualquer tapete insignificante, lembrei-lhe:

– V. Majestade tem em Mafra um muito melhor do que esse...

– Ora adeus!

Teimo, chama-se o almoxarife, reclama-se o almoxarife e o tapete, e o homem instado apresenta, em lugar do tapete, dois papelinhos... A saber: a ordem de Pedro Vítor para entregar o tapete e o respectivo recibo. Não vi o telegrama do rei, mas vi a resposta do administrador da Casa Real: “Vossa Majestade manda, obedeço”.

Daí a dias aparecia o tapete. O Arroio tinha-o lobrigado em Mafra e comprado por 75\$00 ao Pedro Vítor. Entregou-o, e está hoje numa parede do palácio de Vila Viçosa.”

Conversa entre o Soveral e o Alarcão:

– Ninguém diga: deste Soveral não beberei. Ainda hás de ser presidente do conselho.

– Para quê? Então tu imaginas que deixo a minha situação lá fora por isto? Que mais quero eu? Sou par, sou do conselho de Estado, marques...

E o Alarcão conclui:

– Acredito que ele não queira. Só se for para arranjar algum negócio, que ele anda muito precisado de dinheiro...

É certo que o rei falou ao José Luciano na dissolução da Câmara dos Pares, substituindo-a por outra em bases diferentes. A notícia foi para os jornais para assustar o Arroio – que quer fazer outro discurso sensacional contra o rei.

O José Luciano procurou o Arroio em casa: – Venho pedir-lhe que não faça o discurso contra o rei. E um homem na minha idade, perto da cova, que lhe pede isto em nome de interesses superiores. – Sim senhor... se V. Ex.a me assevera que por trás disto não está o sr. Hintze Ribeiro...

E chorou.

– O rei – diz o Alpoim – está contentíssimo. O discurso era tremendo. O Arroio afirmava que o rei pedia dinheiro aos ministros. Duma vez pediu mil e seiscentos contos. Ele próprio, quando ministro, lhe deu muitas vezes dinheiro. – Aqui estão as provas! – E apresentava-as. – O primeiro a ser castigado devo ser eu, porque delinqui.

Junho – 1903

Os jornais trazem a notícia de que o rei partiu para o mar no *yacht* D. Amélia e de que o duque de Orleães chega na segunda-feira a Lisboa.

O rei safou-se de propósito para o mar, para o não receber. Do Paço mandaram ordem para se antecipar a festa ao Barbosa du Bocage, na Sociedade de Geografia. Tudo porque o rei supôs que os acontecimentos de Paris com a rainha se relacionavam com imposições da família Orleães.

Afinal o rei sempre veio do mar e recebeu o duque. –Mas houve o diabo!... – diz o Alpoim.

– O Navarro defende-o, senhor Alpoim...

– O Navarro diz hoje bem de mim, como amanhã diz mal – por doze vinténs.

O *Diário de Notícias* publica hoje esta curiosíssima informação:

As recepções em casa do sr. conselheiro João Arroio constituem sempre um acontecimento da nossa sociedade elegante. O talento multiforme do ilustre parlamentar, que é um artista de raça, converteu o antigo palacete da Rua do Telhal em uma das residências mais notáveis de Lisboa, tanto sob o ponto de vista da decoração dos salões, como pelas preciosidades do mobiliário e valiosas coleções de arte ornamental que eles encerram.

Não se encontra ali um *bibelot* que não seja um objeto de arte ou não faça parte duma coleção, paciente e sabiamente reunida e disposta com perfeito gosto e conhecimento. De todos aqueles raros objetos que se agrupam pelos tampos dos bufetes, das cômodas e dos contadores seculares ou nas prateleiras dos armários e “vitrines”, ressalta sempre uma vibrante nota de arte, que define o critério do colecionador e marca fundamente o seu temperamento estético. A sala dos charões e dos cobres e bronzes esmaltados e *cloisonnés* é por certo a mais bela que existe no nosso país, e só por si basta para aferir o elevado grau que ocupa o colecionador no nosso meio artístico. Há, porém, muito mais, tão bom ou melhor que admirar nas salas do sr. João Arroio, as quais dão aos gourmets do *bricabraque* a impressão de verdadeiros escrínios da arte. Nestes casos estão a graciosa coleção de figuras e máscaras chinesas, a preciosa exposição de leques, cujos panos ostentam as mais lindas iluminuras dos pintores franceses do século XVIII ou são apenas formados de finíssimas rendas a ponto de Alençon ou de Bruxelas; os límpidos cristais da Boêmia e os finíssimos vidros de Veneza; as raras faianças da China, e de Saxe; as soberbas *boiseries* da casa de jantar, belo trabalho decorativo no estilo Renascença, do arquiteto Bigaglia, com o seu fogão monumental, o seu grande lustre de ferro forjado e as prateleiras dos lambris repletas de esquisitas pratas, faianças e cristais.

Por toda a parte, enfim, desde o vestíbulo e da galeria da escada até às salas de jogo, quadros a óleo das escolas italiana, flamenga, holandesa e francesa, tapeçarias de Gobelins e do Oriente, colchas da Índia e da Pérsia, tudo quanto o persistente e criterioso esforço dum artista e o bom gosto dum homem elegante pode colecionar, tudo chama a nossa atenção, que só encontra ali maior atrativo no bondosíssimo trato da ilustre dona de casa, a sr.a D. Maria Teresa Pinto de Magalhães (Arriaga) e na conversa cintilante de seu marido, um dos mais espirituosos e interessantes cavaqueadores da nossa sociedade, e que

tem tido naquela senhora uma valiosa colaboração artística, assinalada em mais duma das preciosidades que se contêm na sua bela residência.

Por tudo isto, o *raout* de ontem esteve concorridíssimo e encantou todos os convidados dos ilustres anfitriões, entre os quais estavam:

Conselheiro Hintze Ribeiro e esposa, ministros da justiça, obras públicas, guerra, fazenda, marinha e esposas, núncio de S. S. e secretários, Rouvier, ministro da França, e esposa, ministro de Espanha e esposa, conde e condessa de Azevedo, Miguel da Mota e esposa, monsieur e madame Bruno, marquês da Foz e filha D. Mariana, duquesa de Ávila, condes de Ávila, marqueses do Guell, marquesa de Belas, conselheiro Schroeter e esposa, Costa Pinto e esposa, conselheiro José Viana, Pedro Dinis e filha, Carlos Ribeiro Ferreira e esposa, viscondessa de View e filhas, José Sasseti e esposa, viscondes de Santo Tirso, conselheiro Germano Sequeira e esposa, condes de Paçô Vieira, almirante conde de Paço de Arcos, Sárrea Prado, conselheiro Aquiles Machado e esposa, conselheiro José de Azevedo e esposa, conselheiros José e Antônio Arroio, conselheiro Mateus dos Santos, esposa e filha, condes de Sabrosa, conselheiro José Ribeiro da Cunha e esposa, José E. de Barros e esposa, Joaquim Lima, Alberto Braga, João de Freitas Rego, e Baerlein e esposa, Albino Freire de Andrade, viscondes de Mangualde, conselheiro Ferreira Lobo, Francisco de Aguiar, conselheiro Sousa Monteiro, Barbosa Colen, conselheiro Deslandes e esposa, Terra Viana, esposa e cunhada, Carlos Blanch e esposa, D. Elisa Pinto de Magalhães e D. Luisa Pinto de Magalhães, Alberto Monteiro, conde de Mesquitela, dr. Furtado e esposa, Virgílio Teixeira, marqueses do Funchal, mosenhor Santos Viegas, conselheiro Moraes de Carvalho, Henrique Burnay, conselheiro Francisco Matoso, Henrique Anjos e esposa, Carlos Soares Cardoso e esposa, conde de Verride, D. Juan de Castro e filha, condes de Tattenbach, Álvaro Rego, conselheiro Poças Falcão e esposa, José Fernando de Sousa, barão de S. Pedro, conselheiro Tomás Rosa, condessa de Almedina e filha D. Luisa, Antônio Cana e esposa, M. Emídio da Silva, etc., etc.

O que faltou a esta sociedade foi um Balzac, que os trouxesse desde a obscuridade e da pobreza, que nos contasse o esforço, as transigências, o talento gasto e o fel gasto, até chegarem ao poder – Navarro, filho dum mestre de música de Bragança, Mariano pobre, Arroio pobre. Alguém que nos desse a vida oculta, a audácia e o descalabro, a chaga política que os engrandece e corrói, que corroeu o próprio Chagas, o romântico da *Morgadinha*, até ao ponto de acabar por estas palavras amargas, com o último suspiro: – A vida é uma comédia! – Alguém que nos mostrasse Arroio e os seus fantasmas, Mariano e os seus fantasmas, Navarro e os seus fantasmas.

Como a vida Efetivamente transtorna, enxovalha e envilece – se lhe falta ideal, paixão, ou um forte sentimento que caldeie as figuras e as eleve! Não, a vida não é uma comédia. A vida é profunda. Eles é que lidaram apenas com inferioridades e interesses mesquinhos. Mariano acabou quase desprezado. O talento não lhe serviu de nada. Talvez o prejudicasse... Há um momento trágico na sua vida, aquele em que João Crisóstomo de Abreu e Sousa lê em plena Câmara a declaração, em seu nome e no dos seus colegas, de que lhes haviam sido desconhecidos os atos irregulares praticados pelo ministro da Fazenda Mariano de Carvalho. Vejo-o mudo, lívido – com um olhar átono, como nunca vi em mais ninguém. O cético! o cético amarfanhado, reduzido a trapo, com um golfão de desprezo, por si e pelos outros, na boca, com um golfão de negrume!... Jamais me esquece esta figura, que vi morta entre os vivos, sentado num canto da Câmara, sem ninguém fazer caso dele, vendo sem ver, ouvindo sem ouvir, e não tendo podido realizar nenhuma das suas ambições: – Deixem-me! deixem-me! – Deixem-no com os seus fantasmas! Arroio talvez encontrasse na música um refúgio...

Navarro, porém, acabou no mesmo abatimento. Temiam-no – mas só o temiam. Arredaram-no. No fim da vida ficava horas e horas absorto ou ia para o fundo dum camarote do Ginásio ouvir música. Apegara-se – mau sintoma – aos netos. Desconfio que o célebre estadulho não passava dum espantinho, e que era grande a sua sensibilidade: – Sinto-me ferido em pleno coração. – Do coração morreu, sem nunca o deixarem realizar as suas ambições.

Metidos naquela roda de navalhas foram até ao fim do combate, lutando sempre. Os que tinham de escrever, escrevendo sempre, espremendo o cérebro, os que tinham de intrigar, intrigando sempre, com a máscara lívida e sorrindo sempre, ferindo sempre, e caindo de pé. Oh quem me dera um momento, só um momento para ver a série de fantasmas em que se desdobrou cada um destes seres, para os ler até ao âmago, para lhes descobrir o instante de cansaço e o ponto vulnerável – rodeados de invejas, de ódios, de inimigos, que esperavam na sombra e não perdoavam um desfalecimento – uns fingindo-se cínicos, sorrindo aos insultos, e cravando as unhas na carne até ao sangue, como Rodrigo da Fonseca Magalhães, outros respondendo à audácia com audácia, outros sucumbindo ao nojo, com estas palavras que já surpreendi a alguém num momento supremo: – Não, não valia a pena!

O mundo político é tão curioso! Para viver aqui dentro é preciso habituar a pele a todas as alfinetadas e afivelar na cara uma máscara perpétua. Este homem elogia outro e combate-o a ocultas. O que se diz nas Câmaras precisa de ser explicado nos corredores, para ser compreendido. O Cipriano Jardim atacou há dias o Governo. Por quê? Estava nas colônias a ganhar seis libras em ouro por

dia e chamaram-no à metrópole. O artigo *D. Folião* do Colen fez sucesso... Já se diz: – Escreveu-o porque o Matoso dos Santos lhe não despachou uma pessoa de família. Foi preciso um ataque rude, para o ministro lhe dar, antes de cair, um lugar não sei onde. – Há políticos que se servem de todos os meios: há-os – sei eu – que se escrevem cartas anônimas. Parece até que os há mais completos... Um franquista barafusta hoje nos corredores das Câmaras, acerca dum deputado da maioria: – O que eu admiro é o descaramento de Fulano, que se atreve a fazer discursos ali na minha frente, quando sabe perfeitamente que trago na algibeira uma ata em que ele se confessa ladrão! – Este mundo tem as suas leis, as suas convenções, os seus preconceitos, e a sua honra especial. O principal é o que se diz ao ouvido. Aquilo ali nas Cortes é apenas aparato: o José Luciano combina tudo com o Hintze, o Alpoim com o Teixeira de Sousa. Mas surge às vezes o inesperado e deita a frandulagem de pernas ao ar... A atitude violenta do Arroio explica-se assim: O Arroio queria ser do Conselho de Estado, o Hintze prometeu nomeá-lo, o rei opôs-se. O Hintze teimou – o rei teimou: – Vai para casa e pensa.... – A atitude do Navarro explica-se porque o rei nunca o deixou ser par... Daí o ódio – daí a barafunda... O José Luciano procurou o Arroio para lhe pedir que não fizesse o discurso contra o rei: – Sou eu, chefe dum grande partido, que lhe afirmo que não está inutilizado. – E publica no *Correio da Noite* o discurso com alusões à rainha – que o Alpoim manda retirar do Dia, por causa do Paço... Os chefes ainda conservam certa linha, mas cá em baixo vêem-se referver os interesses, as ambições, os despeitos. O D. Carlos mantém-se numa atitude que faltou ao D. Luís – e é talvez por isso mesmo que o atacam e o acusam. Não intriga. O D. Luís mais duma vez propôs ao José Luciano, no tempo de Braamcamp, que organizasse ministério: – Isso não, meu senhor! E vou já daqui dizê-lo ao Braamcamp. – Tudo parece confusão, todos os dias a teia se emaranha. Ainda há quem defenda este e aquele, que pertence ao seu partido, por interesse, por camaradagem, seja pelo que for, mas já não há ninguém que defenda o rei. Alto ou baixo, ao ouvido ou em plena rua, só se fala no rei... O rei! o rei! o rei!...

– Os Braganças – dizia o Latino Coelho – ou são pedantes ou fadistas.

A este propósito o D. João da Câmara conta que um dia D. Pedro V leu um discurso à mãe, dizendo-lhe ela no fim:

– O menino há de sair um bom pedante. Se tarda em morrer acabava odiado.

E acabava. As grandes figuras morais são sempre uma calamidade para si e para os outros. O universo é amoral, e não há como os acomodaticios, com alguma hipocrisia ao seu dispor... Os outros só fazem a sua desgraça e a desgraça dos que os rodeiam.

Pátio do Martel. Um cantinho com uma figueira e malvaíscos. Uma fiada de casas e no extremo o atelier de Columbano. Por trás a quinta... E outra luz diferente, outra atmosfera... O mestre, pobre e obstinado, fez ali os seus melhores retratos; a senhora D. Maria Augusta, numa sala de três metros quadrados, criou as suas mais belas rendas. Lá no fundo morou Eugênio de Castro, pobre, morou depois o Justino e outros diplomatas ilustres... Ali o mestre, como os artistas da Renascença, experimentou o fresco, as tapeçarias, os trabalhos em cera e prata. A senhora D. Maria Augusta sorria-nos com a maior bondade e carinho e dizia:

– Quando meu pai morreu, ficamos sete irmãos. Criei-os a todos.

– E o Columbano?

– Esse é meu irmão, meu filho e meu mestre.

Por ali passaram também os maiores homens de Portugal, de quem o Columbano às vezes fala:

– O Oliveira Martins contou-me, quando veio ao meu *atelier pousar* para o retrato, que um dia a rainha o mandou chamar e lhe apareceu transtornada:

– Salve-nos! salve-nos!

Era depois dos acontecimentos do *ultimatum*. O Martins procurou ou escreveu – não me lembro – ao Antero do Quintal e ele afastou-se e abandonou tudo.

São curiosos os grandes homens contados pelo Columbano, que os retratou. Um levava um pente na algibeira para compor o cabelo, outro pedia para se lhe não ver a careca. O Junqueiro era mefistofélico. Aparecia, desaparecia logo: não posava cinco minutos a fio. Um dia o Columbano ouviu bater à porta, e entrou-lhe no atelier um homem já cansado, de grossos sapatos, apegado a uma bengala, que parecia um bordão de pedinte:

– Disseram-me que gostava de fazer o meu retrato e aqui estou...

Era o Antero. Parecia um cavador, de meias grossas de lã azul – mas quando falava!... Nunca olhou para o retrato.

– Está pronto?

Foi-se embora como viera...

O José de Figueiredo diz-me:

– Copiei por minhas mãos, para o Antônio Cândido, a carta em que o Soveral é duríssimo para os partidos, fala de alto ao rei e lhe diz que, se não tivermos juízo, a Inglaterra tutela-nos.

– Ninguém me mete na cabeça que esta rainha é boa pessoa – diz o Alpoim ao vê-la descer o Chiado.

Mas, quando passa, toda a redação do *Dia* corre à janela, para a cumprimentar, e o Moreira de Almeida, que tem por ela culto e paixão, põe à pressa o chapéu na cabeça, para se ir desbarretar numa grande cortesia.

Fala-se hoje do Soveral na redação do *Dia*, e da amizade que o liga ao rei de Inglaterra.

– São tão amigos que por ocasião do ultimato, ainda Eduardo VII era príncipe de Gales, este pôde preveni-lo da atitude da Alemanha. Iam ambos num cortejo: o príncipe, de passagem, chegou-se-lhe ao ouvido e só lhe disse estas palavras: – A Alemanha está conosco...

O Soveral correu ao telégrafo.

O Adrião de Seixas, que, nos seus tempos áureos, entrou em muitas combinações de finança, negociou empréstimos, esteve ligado aos Móseres, etc.:

– Muitos homens públicos recebiam luvas, posso garantir-lho. Todos estendiam a mão. Duma vez trouxe, para um, um aparelho de chá, de prata, magnífico, comprado em Paris. Ele recebeu-o e, destapando o açucareiro, afirmou com desprante, sorrindo: – É magnífico... só lhe falta o açúcar. – Eu, que já ia prevenido, tirei das algibeiras alguns rolos de libras, despejei-os dentro e perguntei: – E agora? – Agora está ótimo. – E concluiu: – Você é uma mercearia ambulante!

O marquês de Soveral em conversa com o Alberto Braga:

– E que eu vivo em Londres longe de tudo isto... Se me visse forçado a viver em Portugal, fazia-me revolucionário.

Também o Alpoim diz hoje:

– Quem me dera uma revolução! E, diante do nosso espanto, explica:

– Para pôr o rei no seu lugar... Eu não tenho nada a perder, meus filhos estão colocados, o que tenho chega-me para viver na Régua como um fidalgo... Era preciso que o rei tivesse medo. Mas quê! Agora com a aliança inglesa é muito pior. Ainda outro dia dizia o José Luciano: – Podem vir os republicanos todos juntos, os de cá e os de Espanha, que não fazem nada. É da aliança que, se houver qualquer movimento, desembarcam tropas e defendem o rei.

E acrescenta:

– Eu vi tudo, vi as perguntas e respostas, posso assegurar-lho.

– Ele é mau, é – diz o Alpoim do rei – mas a gente não tem outro.

O Abel de Andrade:

– Conheço muito bem o Hintze. Tem duas qualidades magníficas num homem, péssimas num chefe. É delicadíssimo. Sorri sempre, mesmo quando sabe que o enganam – e nunca resolve nada, o que lhe acarreta dificuldades, que vão crescendo à medida que ele as adia. Tem outro defeito enorme: não é capaz de dizer não peremptoriamente a ninguém.

O Emídio Navarro está furioso com o rei. Sentiu imenso que o não convidassem para nenhuma das festas dadas ao rei de Inglaterra – quando foi ele que iniciou, defendeu e preparou a aliança anglo-portuguesa.

Estive hoje em casa do juiz Veiga, lá para o Rato, por causa duma querela do *Dia*. É um homem atarracado e forte, com um ar de falsa bonomia. Há nele não

sei quê de inquisidor e de sátiro, e é tão desconfiado, que, logo que eu entro, pousa sobre os papéis da secretária uma larga folha azul, com medo que lhos leia. Na sala, de cadeiras douradas de palhinha e consolas com gatos de vidro, há vários mostrengos em exposição: o retrato dele e retratos de família, temerosos, o busto do rei D. Carlos em mármore e outro não sei de quem, ambos de arrepiar. E, entre a papelada que trasborda e estas coisas de mau gosto, o juiz Veiga fuma num cachimbo de espuma com uma mulher em pêlo... É este o homem que sabe tudo e pode tudo, que conhece os segredos das famílias e os segredos da política. Noutra dia obrigou um janota a entregar-lhe as cartas que comprometiam uma mulher casada. Contam-se mais casos curiosos. E onipotente e onisciente. Comanda, diz-se, *bufos* ilustres de quem ninguém suspeita. Tem um cofre sem fundo à sua disposição para distribuir dinheiro a rodos. Acode a desgraçados. Tortura – verdade ou mentira? – no fundo das células alguns presos políticos para lhes arrancar segredos. Ainda há tempos me contaram que ao José do Vale não o deixaram dormir sem ele confessar tudo... – E uma espécie de Pina Manique, que pouco abusa do seu lugar e da sua autoridade. Afirmam- no bondoso. Há até quem o diga uma espécie de Providência. E incontestavelmente um homem esperto, que protesta: – Quero-me ir embora antes que tudo isto desabe. Esta gente não sabe ou não quer defender-se...

Fala baixinho, sem me olhar nos olhos e resolve num pronto, como quem não encontra nunca obstáculos. Quando saio, no patamar da escada surpreendo duas criadas de avental sujo e chinelos esbeçados, que dão de comer, às escondidas, a um policia. Enganam-no na sua própria casa e deitam a fugir quando me vêem.

O artigo de ontem, das *Novidades*, sobre a mortandade da Sérvia, cheio de alusões ao rei, fez sensação. E dizia-se por aí:

– Quando se faz cá o mesmo?

– Foi uma limpeza! – frase do Alpoim.

O Beirão:

– O Alpoim não quer ver que o partido do João Franco, apesar de pequeno, é um partido de protesto. Qualquer dia o rei chama-o e dá-lhe os mesmos poderes que tem dado ao Hintze ou ao José Luciano.

Júdice Bicker, casado com uma neta do Andrade Corvo, conta, a propósito do rei e do poder pessoal:

– Possuo diferentes cartas do D. Luís, e entre elas uma ao Corvo, pedindo-lhe que apresente certa proposta, mas de maneira que não pareça poder pessoal... Os homens desse tempo impunham-se. Um dia ao D. Augusto meteu-se-lhe em cabeça casar com uma infanta de Espanha. Era no tempo em que se falava muito na união ibérica. O Corvo opôs-se, apesar da insistência desesperada do infante. Por último procurou-o e disse-lhe:

– Escusa de insistir, que não casa. E pelo bem do país.

O Corvo foi um dos primeiros estadistas a pensar a sério na África e seu engrandecimento. Quis aumentar o território de Angola e estabelecer-lhe os limites, de acordo com a Inglaterra. Tudo era possível nesse tempo e tínhamos nos livrado de dificuldades, do Estado Livre do Congo, etc. Avançávamos um século, se ele não cai por causa do tratado de Lourenço Marques. Deitaram-no a terra, espalhando que recebera milhões. Eu que casei com a neta, sei o que ele deixou!...

Nas Câmaras o Governo de então declarou que o tratado não tinha ido a conselho de ministros. O Andrade Corvo possuía o tratado com anotações do punho de Fontes e Tomás Ribeiro. Apesar disso calou-se. Se fosse hoje!...

– O rei tem pensado. E tanto que o infante quis ir agora ao estrangeiro e pediu dinheiro ao Hintze, que lhe respondeu:

– Peço-lhe que desista. – O infante rasgou a carta furioso. Com a Maria Pia sucedeu o mesmo. Essa inventou uma doença de olhos e preveniu o D. Carlos de que precisava de ir ao estrangeiro. Resposta do rei: – Cá há um bom especialista. – Mandou-lho, e ele disse ao rei que a Maria Pia não tinha nada. A Maria Pia insistiu, num desespero, e o rei mandou-lhe o Antônio Lencastre. O rei tem pensado...

– Se isso fosse verdade! – exclama o Alpoim.

Esta tarde saiu dos Mártires, mesmo em frente do *Dia*, a procissão do Corpo de Deus. Todos à janela caíram de joelhos – quando o bispo de Trajanópolis passou, a barba loura, muito cuidada, e um capachinho no alto da cabeça, apartado ao meio... O Alpoim exclamou:

– Oh que maroto! Foi a este que o Barros Gomes, quando ministro, disse um dia: – Ajoelhe a meus pés! Peça perdão! –Tinha hipotecado lá fora os rendimentos da cúria por noventa anos!

O D. João da Câmara conta que no Algarve encontrou em todas as casas dois retratos – o de João de Deus e o do Remexido. E a propósito diz que um tio de Coelho de Carvalho levava já a galope o comutamento da pena do Remexido, quando o fuzilaram. E termina: – A Ângela Pinto é neta do Remexido. Aposto que não sabiam!

Julho – 1903

– Vou pedir um lugar que está vago no Supremo Tribunal – diz um patusco ao Marçal Pacheco.

– De juiz?!

– Isso.

– Mas você endoideceu! Não lho dão!

– Isso sei eu.

– Mas então porque é que o pede?

– Já pedi umas poucas de coisas, vou pedir mais esta. Recusam-ma, já sei, mas é capital de queixa que amontão.

O Alpoim:

– Um dia o cardeal-patriarca convidou-me para jantar. Estavam muitos bispos. São jantares que nunca acabam, de quinze pratos, serviço esplêndido – e não calcula a impressão que eu senti, no fim, quando eles se levantaram muito

congestionados, cheios de vinhos magníficos, mamando charutos enormes e com as saias arregaçadas.

Setembro – 1903

O Henrique de Vasconcelos, genro do Navarro, contou-me hoje que o Paço por três vezes mandou insistir com o sogro, para ele não continuar com os ataques nas *Novidades*.

Outubro – 1903

O Alpoim recomenda no *Dia* que se não publique nada que possa ferir as suscetibilidades da corte espanhola. Afonso XIII está desconfiadíssimo. Além disso o nosso rei e a rainha de Espanha não se podem ver: têm um pelo outro ódio figadal.

Um coronel inglês que aí esteve, veio por ordem do seu Governo ver em que estado tínhamos as fortificações de Lisboa. Examinou tudo.

Com as festas de Afonso XIII encheu-se muita gente. Um rega-bofe. Da iluminação da Avenida diz-se: – Dos Restauradores para cima dirige o Costa Pinto, dos Restauradores para baixo digere o...

Ao ouvido conta-se que o rei de Espanha e os que o acompanhavam troçaram de tudo isto: o país, a corte, as festas. De manhã, no quarto, enquanto ele tomava café ou chocolate, os particulares e os íntimos maldiziam, numa chacota pegada... Só o rei, fracamente, se opunha.

O D. João da Câmara conta o seguinte:

– O D. Luís deu, até pouco antes de morrer, trezentas libras por mês à Rosa Damasceno. Todos os dias 10, 20 e 30, o Nazareth lhe entregava cem libras em ouro, que ele nem sequer contava: mandava-as logo à Rosa. Morreu no dia 19 de Outubro: pois no dia 10 ainda lhe mandou o dinheiro. – E o Brasão? – Cuido

que não são casados, apesar do que por aí se diz. O que é certo é que, antigamente, as coisas arranjavam-se por forma que a Rosa e o Brasão nunca entravam na mesma peça, e um deles ia sempre passar a noite ao Paço. O D. Luís dizia do Brasão: – E o meu melhor amigo. – A Rosa nunca abusou da situação – apenas empregou dois ou três homens e o D. Luís sentia por ela verdadeira ternura. Traduziu-lhe a *Odette* e assistia aos ensaios. A Maria Pia sabia tudo. Um dia deixou no quarto do Paço, onde a Rosa costumava ficar, um lenço de rendas a tapar a fechadura. Às vezes o D. Luís apresentava-lhe jóias para ela escolher e depois levava-as à Rosa. E ia com a rainha ao teatro, para que ela visse o efeito das jóias no colo da atriz.

– Vi eu, vi eu! – exclama o José Antônio de Freitas – o Oliveira Martins, numa sala, deslumbrado, solicitar a apresentação dum janota qualquer, dum janota banal.

Dezembro – 1903

O Adrião de Seixas, secretário do Banco de Portugal:

– Não se fazem descontos, porque não há dinheiro e o Banco já recorreu às reservas de prata. O Governo está sempre a pedir dinheiro. Imagine o meu amigo que todos os anos há um *déficit* de 7000 contos. Ninguém tem a coragem de dizer as coisas como elas são e por isso se faz um orçamento falsificado. Resultado: como o orçamento é falso, pode-se roubar à vontade!

O José Luciano está a morrer. O que aí vai com a chefia do partido progressista! Ao Antônio Cândido não o tragam os progressistas, ao Beirão não o quer o Paço, nem o Navarro, nem o Mariano. Lança-se o nome de Antônio Cândido para encobrir o seguinte propósito: presidente do conselho o Matias de Carvalho, com o Alpoim na pasta do Reino.

Matias de Carvalho é uma figura decorativa, sempre de palito na boca e de miolos empedernidos, que ficará na presidência e Estrangeiros. Esta solução é preferida por Navarro e pelo Mariano. De Matias apenas se sabe que é incapaz: como diplomata foi quem deu ensejo a esfriarem-se as relações com a Itália.

– Se o José Luciano morrer, é à facada! – exclama o Alpoim.

Morrer era ainda – Deus me perdoe! – uma solução... Pior será conservá-lo na cadeira de rodas, obstinado, querendo mandar, e os herdeiros à espera do testamento. Toda a política portuguesa vai girar em volta deste leito de enfermo, onde o velho continua a dar ordens imperiosas. – Hoje deitou um litro de pus pela pele. – Está salvo!

– Morre! – Fica inválido! – Tem sífilis! – Nesta altura da política portuguesa, é ele quem manda tudo. Que o diga o José de Azevedo, por exemplo, que o não pode ver, porque o José Luciano o não deixou realizar as suas pretensões. E na sua casa que se resolvem as questões máximas. A política é pelo menos numa grande parte, na melhor parte, representada nos bastidores... “Vejam a vergonha desta gente! O Campos Henriques vai a casa do José Luciano com o Júlio de Vilhena, para conseguir que as emendas do código civil passem. Não passam e ele fica no ministério! O Teixeira de Sousa vai lá todas as semanas. Não, este Hintze... Eu, palavra de honra, antes queria ser ladrão de estrada!...”

Outro fato extraordinário da nossa política: é sempre no campo adverso que estes homens têm mais radicadas amizades. E também se percebe nitidamente que no fundo da luta só há uma força, o rei. Por isso mesmo o rei é sempre o culpado. Quem tudo manda é o Paço – dizem todos os políticos – e tanto mais que não há um núcleo de resistência no país. Os republicanos não estão organizados e o Paço nem sabe o que pode. Uma revolução no país é, segundo a opinião geral, impossível, a não ser que se sucedam três anos de fome. – Tudo quanto se faz de mau é o rei quem o faz... – Ainda hoje ouvi esta conversa: – Foi o Hintze quem disse ao Arroio, como disse ao Mariano e ao Navarro: “É El-Rei que não quer.” Nunca lho deveria ter dito. – Os políticos inutilizam- no e inutilizam-se. Todos os dias inventam novas atoardas. Hoje a propósito dum nota oficiosa que o ministro da Fazenda fez publicar no *Notícias*, no *Século* e no *Diário*, anunciando um grande empréstimo no estrangeiro, conta-se que é um negócio de acordo com a casa Fonsecas, Santos & Viana, que tinha comprado fundos. Acusa-se o Teixeira de Sousa de conivência. Mas já a 2 de Junho o Alpoim afirma: – Quem não deixa passar o empréstimo é o Burnay. Noutro país devia ter a cabeça cortada. No Ministério da Fazenda há documentos que provam as suas maquinações no estrangeiro. Ele manda em tudo: manda no Crédito Predial, no Banco de Portugal, na Companhia Real. E uma desgraça que o empréstimo não passe. Temos nós de o fazer e em que condições!... E tudo isto com que fim? É o Burnay a ver se obriga os progressistas ao contrato dos tabacos. – A esta trapalhada juntem a doença do José Luciano e as ambições que levantam a cabeça, a guerra de sapa que se encarnaça. – Hoje deitou mais pus! – Morre!

– Com quem está o Paço? – O Moreirinha com a algália não lhe sai da cabeceira.
– Quem vai ao poder? O João Franco?

– Nem ele sabe a guerra oculta que eu lhe tinha feito. Há de pagar-me caro o discurso que fez contra mim: Viva a folia, dançar! dançar!... – São mil os interesses, mil as ambições. –Tudo menos o Beirão, que só tem por si a gente velha, a gente conhecida pelos batibarbas.

Mas o velho, teimoso e perspicaz, não admite sequer a ideia de que alguém, que não seja ele, vá ao poder. Até à última –ambição ou grandeza? – há de disputar e mandar, como o Alpoim, até ao último suspiro, há de conspirar. Aqui, à roda desta agonia, não se discutem apenas os interesses duma família. O drama é maior: são os interesses dos partidos, com mil e uma ambições e enredos que nem sequer se suspeitam. A confusão aumenta, redobra. O Ressano Garcia comanda o ataque, à frente dos batibarbas, contra o Alpoim, e o Alpoim, que ainda ontem atacava o João Franco, já hoje (Janeiro, 1904) diz, depois do conluio feito pelo Silva Graça: – Com esse me entendo eu!

Fevereiro – 1904

Ontem, terça-feira de entrudo, assisti ao espetáculo em S. Carlos. Estava tudo, o rei, a rainha, a corte... Senhoras decotadas com os vestidos presos aos ombros por uma fita. A D. Amélia de vermelho. Andava no ar uma bola enorme de borracha, e ao janota que quis saltar dentro dum camarote tiraram-lhe as botas dos pés. Mas a risota, a chalaça, a delícia, era um penico em miniatura, que passava de mão em mão por entre as grosserias que é do uso antigo as senhoras dizerem umas às outras na Terça-Feira Gorda. O fundo destes risos vem sempre da mesma palavra pegajosa: merda! merda! merda! O rei, gordo e louro, soprava por um canudo setas de papel, botando o olho de revés, e houve um momento em que o infante mostrou do camarote o quer que era de borracha, um canudo cheio de vento, imenso e obsceno. Foi um delírio entre aquelas cabeças empoadas, na gente da alta roda de que se contam baixinho os escândalos.

Ouçam um destes rapazes que estão na plateia, e que falam das senhoras como quem fala com desprezo das mulheres da Antônia. – Muita desta gente não se sabe aonde vai buscar o dinheiro. É um mistério. Aquele louro e correto, que está além numa atitude romântica, ainda há dias quis extorquir alguns contos de réis, para o jogo, a uma mulher casada. Outro só vive da roleta. Mais além, o herdeiro dum nome ilustre tem um modesto lugar na alfândega, e a mulher usa brilhantes esplêndidos. Aquele, acolá, tão decorativo, é conhecido pelo conde de Monta-a-Velha. São raros os que não têm alcunhas. A uma senhora de perfil soberano chamam-lhe a Vareira. Outra tem um *sobriquet* infame. Deste e daquela diz-se alto a crônica escandalosa. A mulher do S... deu este ano grande escândalo em Sintra. Outra foi apanhada aos beijos a um embaixador. Com aquela, mais além, fina como uma cobra, e que ostenta um colar magnífico,

puseram-se os B... de mal, acusando-a de lhes ter roubado uma carteira com trezentos mil réis, depois de terem sido todos seus amantes. A mulher do J... deixa o marido, pé-de-boi rico que só lhe serve para puxar à nora, e gasta-lhe a rodos o dinheiro que juntou. Eis esta mãe viciosa com a filha ao lado – de olhos límpidos e inocentes. Pior, há pior... E mais esta – e mais esta – e mais esta condessa, que noutra dia foi apanhada no comboio numa atitude pior que equívoca...

Pus-me a ouvir, a ouvir, – verdade? mentira? – e lembrei-me ao mesmo tempo da corte da senhora D. Carlota Joaquina e da Chartreuse de Parme.

O general Lencastre e Meneses:

– Se o 31 de Janeiro fosse agora, as coisas não se tinham passado assim...

Março – 1904

Morreu um dia destes um preto riquíssimo, que quis por força passar por branco, o que lhe custou os olhos da cara. Se teima em viver mais algum tempo acabava a pedir. Rodeara-se duma corte que lhe custava caríssima: lisonjeavam-no e rapavam-lhe o cofre até ao fundo. Depois inventavam-lhe processos, depois demandas... Depois sopravam-lhe à vaidade incomensurável. E o preto sorria, o preto dizia sempre que sim. Tinham-no casado com uma linda rapariga branca – e o preto, à farta, pagara tudo, dotara tudo, a noiva, os pais da noiva, os parentes da noiva... E cada vez mais brancos lhe faziam a corte e o enredavam numa vasta teia de interesses, com muitas zumbaias e papel selado. Um dia foi a Inglaterra e quis viajar como um príncipe branco: comprou um *yacht* de luxo para ir a S. Tomé. Cinquenta contos. Na volta não havia carvão a bordo e deitaram-se a queimar a madeira entalhada, os dourados do barco, as portas, os salões, as molduras. E o preto sorria. Quando chegou a Lisboa vendeu o barco por uma côdea.

Rodearam-no mais brancos, apareceram-lhe mais brancos infatigáveis, pressurosos, obsequiadores. E mais papel selado, mais contratos e procurações para assinar – o enredo, a teia subtil em que o negralhão foi arrastado e envolvido, o verdadeiro, o autêntico drama, enfim, do preto que quer ser branco... Se tinha por acaso um sobressalto, falavam-lhe logo à vaidade ou davam-lhe notícia duma coisa que se chama o Código, a Lei, a Fórmula, e o preto, que não compreendia e que se sentia feliz, submetia-se sem contestar, com uma grande satisfação por fazer parte desta raça ilustre e respeitada de brancos, por ser visconde, por pertencer à corte e à alta sociedade elegante.

... Antes de morrer lá lhe deram o último golpe – de preto. Os brancos ficaram-lhe com as roças, e as propriedades de S. Tomé foram transferidas para uma sociedade por cotas. E o que consta por aí, enquanto o negralhão estoura com uma pneumonia dupla – e lá em casa se toca desafortadamente piano com as janelas abertas de par em par.

As obras da sala de jantar do Paço das Necessidades custaram 180 contos.

O Abel de Andrade contou-me que a modista da mulher lhe dissera que a mulher do Hintze lhe devia lá uma capa há mais dum ano.



Celso Herminio

O Celso morreu há um mês num dia de chuva como este. Mas, quando o caixão chegou ao pé da cova, luziu o sol no alto. O ar parecia novo e no vasto campo dos túmulos agitaram-se as cabeças amarelas dos malmequeres. Os pássaros começaram a cantar. E viu-se logo o Brito Aranha, de pêra branca, dar um passo em frente e fazer um discurso: – O amigo... o camarada... descansa em paz. Depois o Cunha e Costa falou da nossa decadência, e por fim o Carneiro de Moura mastigou também uma banalidade...

Sentia-se que tudo aquilo era postiço. Mas os pássaros não cessavam de cantar – e a meu lado o D. João da Câmara suspirou baixinho:

– Quem me dera quando eu morrer que só o saibam meia dúzia de amigos!...

Abril – 1904

O Ovídio de Alpoim acerca de D. Maria Emília Seabra de Castro:

– Mete-se em tudo. Duma vez eu e o José Luciano estávamos a discutir umas alterações à Carta Constitucional e ela começou do lado a dar a sua opinião. O José Luciano mandou-a embora. De outra vez saía eu de casa do José Luciano

com o Antônio Cândido e vínhamos à porta da sala grande, quando ela do alto da galeria:

– O senhor Antônio Cândido, então agora é que vai para Amarante, quando é cá preciso? E é para isto que nós os fazemos pares e os enchemos de honrarias?...

O Antônio Cândido não respondeu. Ficou tão vexado que, de casa até à Baixa, não trocamos uma palavra.

Março – 1904

As filhas de D. Carlota Joaquina, com exceção de duas, eram tal qual como a mãe. O Câmara conta que a duquesa de Loulé, que foi casada com o mais lindo homem do seu tempo, estava um dia, em solteira, à janela, quando o conde de Vimioso passou a cavalo para os touros, já vestido de ouro e prata. Ela chamou-o, trocaram meia dúzia de palavras, ele subiu – e depois desceu e foi tourear...

O marquês de Valada sabia quem eram os pais de todos os filhos de D. Carlota Joaquina.

Abril – 1904

A Espanha concentra tropas na Galiza. Nós não podemos mobilizar quinze mil homens. Nem dez mil! Ontem o Pimentel Pinto queixava-se ao Maximiliano de Azevedo de que nem artilharia de campanha possuímos: a que temos ficava liquidada no fim de meia hora de combate. A artilharia do Campo Entrincheirado de Lisboa, compreendendo os obuses, serve apenas para navios imperfeitamente protegidos. Pior: o municiação mal chega para uma hora de combate!

O dr. Antônio Centeno protesta:

– Isto não pode ser! O ministro deu pela iluminação elétrica do Paço de Belém quarenta contos! Havia quem a fizesse por sete. Agora vai dar a iluminação elétrica de todos os paços por trezentos contos. Há quem a faça por quarenta. Mas desta vez oponho-me porque prejudica a Companhia do Gás. Vou procurá-lo e dizer-lho. Se teimar, levo a questão para a Câmara e para os jornais.

Quem faz a política externa é o rei e o Soveral. O ministro dos Estrangeiros chancela.

Isto é um país para estrangeiros. Não há nenhum que não enriqueça. Hoje afirma-se que o Chapuy, engenheiro da Companhia Real, vendeu máquinas à Companhia por cento e trinta e três mil francos, que valiam setenta mil. O Croneau, diretor do Arsenal, também está rico.

Diz o Alpoim:

– O rei não ouve ninguém. Antigamente ainda atendia o general Queirós, que era nosso amigo. Agora não: só ouve os presidentes do conselho. Tratava muito bem o Teixeira de Sousa; pois quando o Hintze resolveu pô-lo na rua, passou logo a tratá-lo mal.

Maio – 1904

O alferes que no 31 de Janeiro comandava a Guarda Municipal, por trás do Campo de Santo Ovídio, nas escadas da Igreja da Lapa, e que depois comandou o fogo na Rua de Santo Antônio, garante que o Lencastre e Meneses, então comandante do 18, não saiu com o regimento enquanto não viu tudo decidido. E dentro do quartel havia sossego...

– Eu disse-o depois ao rei.

A propósito do 31 de Janeiro sei pelo José de Figueiredo, que o ouviu por diferentes vezes ao Antônio Cândido, que o rei e a gente do Paço queriam um castigo exemplar. Antônio Cândido opôs-se e ficou mal visto durante muitos anos.

Junho – 1904

Disse-me hoje o Câmara que o Soveral tomou parte ativa no tratado de entente entre a Inglaterra e a França. É hoje um dos melhores amigos de Delcassé.

Julho – 1904

A Maria Pia, que quer ir por força ao estrangeiro, mandou pedir dinheiro aos agiotas de Paris sobre hipoteca das suas propriedades – chalé do Estoril e parte do Palácio das Necessidades, que ela afirma pertencer-lhe... Ao todo cento e oitenta contos. De intermediários serviram um agiota do Porto, uma mulher designada na correspondência pelo nome de madame Blanche, e que recebia dez mil francos, etc.

Do José Antônio de Freitas:

O marquês de Fronteira nunca pôde levar a bem o casamento de D. Fernando com a cômica, como ele lhe chamava. Uma senhora da aristocracia conversando com o marquês:

– Fui visitar el-rei, que me disse: – Não queres ver a condessa? – Falei com ela e parece-me... – hesitando – muito interessante...

E o marquês logo:

– A senhora já tinha, é claro, relações anteriores com a condessa...

Dezembro – 1904

O João da Câmara repartiu com os netos de Camilo os direitos de autor do *Amor de Perdição*. Os filhos de Nuno nem pão tinham no dia em que receberam inesperadamente esse dinheiro. O Câmara, quando juntou duzentos e tantos mil réis, escreveu à viúva e mandou-lhe metade. – Nesse dia – disse ela ao Alberto Pimentel – não tinha que lhes dar de comer.

O rei e a rainha vivem separados. Os seus aposentos são, uns num extremo, outros no outro extremo do palácio. E por aí afirma-se que ele, depois do tifo, ficou como Afonso VI...

O velho obstinado teima... Não lhe falem na sucessão! Ainda noutro dia fez uma cena, quando a D. Maria Emília lhe leu o artigo das *Novidades*. Um amigo disse-lhe: – Deixe lá o Sebastião Teles ou o Alpoim ser presidente do conselho. – Essa hipótese não a admito eu! – protestou logo. O Hintze está gasto, o João Franco foi acolhido no Norte como um Messias. O Beirão fez um discurso nas Câmaras

– talvez proposital –dizendo que cortaria nos empregos públicos e que não admitia direitos adquiridos senão dentro da lei. – Ele quer inutilizar-se... – É um tipo esgalgado, de astrônomo, com uma grande penca – o nariz do Beirão – motivo fácil de caricatura. Homem de costumes simples, alheado e indiferente a corrilhos, agarrado aos seus livros. Já em Abril, no Conselho de Estado, tais coisas disse que, à saída, afirmou: – Acabo de dar uma enxadada na minha reputação! – Quanto ao Alpoim, desconfia que o José Luciano o quer comer, e o Teixeira de Sousa trata de criar forças dentro do seu próprio partido: comprou *A Tribuna* e parece influenciar no *Diário*. – Ao Hintze custa-lhe a largar o poder, ele bem sabe porquê... – Os tumultos nas Câmaras sucedem-se e a situação política agrava-se.

Do rei diz-se o pior possível. Diz-se que colocou muito dinheiro no Banco de Inglaterra (11 de Junho), diz-se que deu um colar de brilhantes à bailarina Império, que aí está na zarzuela... As questões prendem-se, e agora com o contrato dos tabacos só se fala em escândalos. Tudo come! tudo come! Come o Navarro, come o Mariano, e um amigo meu, literato e jornalista, afirma-me: – Se a Companhia dos Fósforos tem feito o contrato, eu estava rico. – Corre que os republicanos se organizam e o Bernardino Machado publicou manifesto, aproveitando um jornal e um jornalista espanhol:

“...Há uma lei que domina todas as outras na história da humanidade: nenhuma instituição vive, se sustenta e se radica senão pelo amor à liberdade. A lei em virtude da qual existem instituições liberais, cumpriu-se nos nossos anais contemporâneos. De 1851 a 1885 tivemos um período de liberdade e de paz. Foi um período de ascensão liberal.

“Aboliu-se a pena de morte, e só por esse feito se proclamou pela lei o direito à Vida. Proclamou-se esse direito com toda a sua elevação, dando a todos, inclusivamente aos indígenas das nossas colônias, onde se acabou com a escravatura, a faculdade de existir espiritualmente, como uma personalidade moral. Alargou-se a liberdade religiosa, tornando-a Efetiva com o registro civil. Alargou-se a liberdade econômica pela extinção dos bens de mão morta, pela abolição dos monopólios e pela criação legal das associações de socorro mútuo e das cooperativas. Dilataram-se as liberdades políticas com a extensão do sufrágio e representação das minorias. Descentralizaram-se os municípios, deram-se as máximas franquias aos distritos e até se exarou na Constituição o princípio liberal da eleição parcial na Câmara dos Pares. Nesse período, que começou ouvindo-se a voz do grande tribuno José Estevão, parece que ressoaram até ao final os acentos do seu verbo eloquentíssimo.

“Essa época venturosa termina com a morte de Sampaio, Braamcamp e Fontes. E a prova de que todos os partidos colaboravam nessa grande obra de

pacificação e de liberdade, está em que foi o conservador Fontes quem mais contribuiu para ela.

“Os partidos de governo definem-se pela sua concepção da constituição nacional: Constituição liberal, partido liberal; Constituição arbitral, partido reacionário. Porque o arbítrio pode ser, num dado momento, a liberdade; mas sempre se converte por fim em absolutismo.

“No período de iniciação liberal fez-se a Constituição quase republicana de 1822 e, em troca, os constitucionais da campanha da Terceira, do Cerco do Porto, de Almoester e da Asseiceira, tiveram a carta outorgada de 1826, que foi, consoante o livre alvedrio do imperante, a liberdade com D. Pedro IV, e a opressão com D. Maria II. Em oposição à carta outorgada, Passos Manuel e os Setembristas fizeram a democrática Constituição de 1838, decretada pela vontade da nação.

“No segundo período da nossa vida constitucional, que abre com José Estevão e se encerra pouco depois da morte de Sampaio, período que inaugura entre nós o parlamentarismo, os regeneradores fizeram os atos adicionais de 1852 e de 1885, que são verdadeiros pactos constitucionais, e nos intervalos, históricos, reformistas, constituintes, republicanos, apresentavam os seus projetos, qual deles mais avançado, de reforma constitucional.

“De 1886 até hoje sopra um vento imperialista. A inspiração, em vez de vir da Inglaterra liberal, vem da Alemanha cesarista. O partido progressista faz a centralização dos serviços materiais. Segue-se-lhe, no Pode; o partido regenerador, e faz a centralização dos serviços espirituais na instrução, e depois dissolve as associações, rasga as liberdades municipais, acaba com as representações das minorias, legisla ditatorialmente... E, por fim, para que toda esta centralização não suscite uma revolução violenta, promulga a lei sobre o anarquismo, que é uma ameaça sempre suspensa sobre todos os liberais.

“Antes de 86, o partido republicano, como partido de tal natureza, não era um perigo. Caminhava-se lentamente, pacificamente, para a República, e não haveria ninguém tão insensato que sonhasse fazer uma revolução para conseguir pela força o que se conseguiria, num prazo fatal, pela lei e pela liberdade. Além disso, ninguém faz revoluções por meras formas. Nós, os verdadeiros liberais, duvidamos se não é preferível uma monarquia, com todas as liberdades Efetivas, com todas as descentralizações vivas, ou uma República como a francesa, em que o Poder central é onímodo, e o regímen autônomo local nulo.

“Depois de 86, fracassadas todas as tentativas para regressar ao antigo caminho constitucional; fracassada a grande, generosa e derradeira tentativa de 93 a 94; com a fazenda pública em bancarrota; com todas as liberdades suprimidas; com a pena de morte restabelecida para os delitos militares e até para certos delitos

civis; com a política do engrandecimento do Poder Real no seu auge, – toda a gente pensa na República, porque ela não é já uma questão de mera forma mas sim um problema orgânico de vida ou de morte para Portugal...

“A anarquia da nação demonstra-se: no interior pelo desencadeamento das forças dissolventes do caciquismo, da plutocracia e a agitação do clericalismo, e fora, pelas mesmas consequências dolorosas que se seguem a qualquer ditadura progressista ou regeneradora. Depois da ditadura progressista, o ultimato, a bancarrota, a invasão congreganista, sobressaltando os ânimos, como no caso da irmã Coleta. Depois da ditadura regeneradora, Kionga, o convênio definitivo da dívida, e o fanatismo clerical, irrompendo no caso Calmon.

“Os partidos estão em dissolução. O regenerador, com dois chefes; o progressista, com a perspectiva tremenda duma herança tempestuosa. Mas poder-se-ão reconstituir dentro da monarquia? Andam vários nomes de boca em boca: os dos srs. Dias Ferreira, visconde de Chancelheiros, Costa Lobo, Augusto Fuschini, Anselmo de Andrade e Augusto de Castilho. Viu-se, porém, o caso de a monarquia rodear-se desses homens de positivo mérito? São convidados sequer para as suas festas, que são oficiais e não particulares?

“Entenderá e quererá a monarquia apoiar-se nas classes trabalhadoras, visto a burguesia estar contaminada? Foi esse o sonho do socialismo do Estado de Oliveira Martins e talvez o do militarismo democrático de Mouzinho de Albuquerque. Mas a monarquia não soube aproveitar-se nem dum nem de outro. Oliveira Martins morria politicamente poucos meses depois de ser chamado ao Governo. Mouzinho de Albuquerque não chegou sequer aos conselhos da Coroa, e suicidou-se. A monarquia tinha para a realização desse programa, além desses homens, a voz mais eloquente dos nossos dias, a de Antônio Cândido, sucessor de José Estevão, que teria sabido conquistar as massas populares, e para captar as simpatias internacionais um diplomata, o marquês de Soveral, que, pelas suas maneiras e espírito, é da raça dos Palmelas. Aproveitou-os, porventura? Antônio Cândido, desiludido, emudeceu. O marquês de Soveral nada mais pôde fazer do que abrandar o protetorado inglês.

“Hoje as massas afastam-se cada vez mais da monarquia, porque, como tudo se encontrou no Poder Real, todas as responsabilidades se lhe atribuem; o protetorado inglês serve para salvaguarda da monarquia; a ruína financeira do país vem da confusão dos dois erários, e até o jesuitismo, se bem que não se imputa ao rei, é contudo imputado aos que o rodeiam.

“Não é lícito pois esperar a salvação dentro da monarquia. Por grande que seja a cultura do Chefe do Estado, por muito que seja o seu valo; a empresa da nossa regeneração não é para um indivíduo só. Só a nação é que pode erguer sobre os seus ombros tão imenso peso.

“E não se diga que a monarquia está identificada com a independência da pátria. A nação foi, com efeito, sempre monárquica; mas desgraçadamente a monarquia tem-se encarnado na monarquia usurpadora dos Filipes, no governo napoleônico de Junot, no governo de Beresford, sob Jorge IV. A monarquia teve um papel soberano no começo da nossa História, mas foi-se gradualmente divorciando do povo.

“E as nossas alianças? Essas não são dos reis, mas dos povos. A aliança da Inglaterra é com Portugal, e não com as suas formas de governo.

“É indispensável organizar as forças vivas da nação portuguesa. *Organizando-se o partido republicano salvar-se-á a nação.* E preciso que o partido republicano se transforme em partido de governo, e que cesse com a sua obra de demolição, já feita. Se não pode alcançar lugares no parlamento, conquiste-os nos municípios; se não pode intervir no município, intervenha na paróquia. Não deixe ao abandono nenhum lugar, por mínimo que seja. E faça sobretudo por apoiar todas as justas reivindicações dos pobres e dos humildes.

“Deve ser um partido republicano profundamente socialista. Quando os republicanos, por meio de toda a sua campanha, se mostrarem homens de governo, podem estar certos de que a república se fará em Portugal como se fez no Brasil, e à maneira do que sucedeu em 1871, em França, onde a Assembleia Legislativa, com uma maioria de monárquicos, elegeu para seu chefe o republicano Grévy e para chefe do Estado Thiers, que era um monárquico convertido à República.

“A República em Portugal é necessária para elevar a sua cultura, para acabar com o número incrível de analfabetos, para se consagrar à educação do povo. O estado atual o demonstra: *tanto é certo que quando sofre a liberdade sofre também com ela a instrução.*

“A República em Portugal é necessária para que a religião seja a união das almas pelo amor, como na economia social o é pelo trabalho. As ordens religiosas atacam não só o Estado como a verdadeira religião, cujos primeiros vínculos devem ser o amor da família, a cooperação econômica e o progresso político da sociedade. O primeiro é combatido e negado pelo voto de celibato; o segundo pelo voto de pobreza, e o terceiro pelo voto de obediência servil.

“Torna-se necessário defender a religião como um princípio imanente de justiça e de bem, e não como uma superstição e um instrumento político. O partido republicano não pretende destruir a religião; o que nós pretendemos é torná-la sincera e pura, tornando-a voluntária e livre.

“A aspiração do partido republicano encerra-se nestes três princípios: liberdade política, liberdade econômica, e liberdade religiosa. Em nome de todos que querem saber; e não podem, oprimidos pela reação política, essa infinidade de criaturas analfabetas; em nome de todos os que querem trabalhar e não podem, oprimidos pela reação econômica, essa infinidade de proletários; em nome de todos que querem amar e ser bons e em cujo seio a reação religiosa lança a semente de ódio; em nome dessa infinidade de santas e piedosas mulheres que o clericalismo tenta desvairar e arrastar para fora dos seus deveres; pelos pobres, pelos humildes, pelos fracos, saudemos a Liberdade e com ela o único partido que hoje a sustenta e defende em Portugal: o *partido republicano*.

“Se a República, que não pede senão o restabelecimento e o respeito à lei, não vier bem depressa, corromper-se-á e perder-se-á o santo fundo deste povo exemplar, um dos modelos de virtude, de paciência e de resignação que existem sobre a face da terra.”

De Outubro para Novembro cai o Governo, abalado pela questão dos tabacos. Os homens estão cada vez mais divididos por ambições e interesses. Dum lado os Fósforos, do outro os Tabacos; dum lado o *Século* e o Navarro, que ainda há três dias (Novembro) teve uma conferência com o José Luciano, dizendo depois à família: – O José Luciano está cada vez mais velhaco! – do outro o Burnay e o seu grupo... Os homens vão dia a dia diminuindo de estatura moral. Ainda ontem alguém me contou esta anedota, que define uma figura:

– O Rebelo da Silva era muito amigo do Latino – mas muito mais amigo ainda da sua ambição: queria ser ministro depressa. Um dia, de repente, cessou com as visitas que fazia ao grande escritor. Tinha descoberto um prefácio antigo, em que o Latino advogava a união ibérica, e foi para as Câmaras atacá-lo. A questão durou três dias, o Governo caiu, e o Rebelo da Silva substituiu o Latino na pasta da Marinha. Nessa mesma noite procurou-o de novo, e foi encontrá-lo a ler serenamente uma gramática russa, cujo estudo interrompera durante o tempo do Governo.

– Tu já sabes, se queres alguma coisa é como se fosses ministro.

– Eu?!... – e sorriu-se, encolhendo os ombros. Mas tão triste, tão sereno, que o outro ficou gelado...

Dezembro – 1907

O velho major Fumega, em conversa com outro militar reformado:

– Em 66 o Saldanha de acordo com o Prim, tinham resolvido proclamar o D. Luís imperador da Ibéria. Chegaram a distribuir dinheiro aos sargentos. A mim, que era então sargento, deram-me seis contos, para distribuir dezoito tostões por soldado. Tornei a entregá-los intactos. Se fosse hoje gastava-os no bródio.

– Eu apanhei trezentos mil réis e dei cabo deles.

– O movimento abortou, porque foi denunciado pelo Graça, mais tarde célebre como major Graça no 31 de Janeiro, que, depois de assinar as atas, como quartel-mestre, descobriu tudo. Era um denunciante, foi-o sempre – conclui o Fumega, fumando placidamente o seu cigarro.

Conta-me o D. João da Câmara:

– A rainha era amicíssima do meu irmão, o conde da Ribeira Grande. Visitou-o seis vezes durante a sua doença. Numa das últimas noites ele puxou-a a si, beijou-a, e explicou:

– É como se fosse minha filha.

Já na agonia, ela entrou-lhe no quarto e ele pôde ainda dizer-lhe, num último arranco, estas palavras proféticas:

– Os políticos! Cautela com os políticos! E ela respondeu-lhe:

– Descanse, não há de ter dúvida, se Deus quiser.

Era um pouco apagado, mas bondosíssimo. Duma vez uma senhora foi dar-lhe os pêsames pela morte do filho. Tinha-lhe também morrido um filho havia um mês e desatou a chorar, a falar nele cheia de saudade e de lágrimas. E o conde da Ribeira, esquecendo a própria dor, passou a consolá-la...

Janeiro – 1908

O Fialho conta, indignado, que a viúva do Eça de Queirós, a quem o Estado dá uma pensão, vai vender uma propriedade no Alentejo, por cento e tantos contos.

– Veja você que pouca-vergonha! São uns poucos de quilômetros de terra de semeadura e montado de azinho e bolota, que sustenta um cento de cevados! Bem sei que metade da propriedade é da irmã, da mulher do Luís Osório... Ainda assim são cinquenta contos. Mas neste país faz-se tudo o que o senhor Arnoso quer!...

Um oficial da armada ao José de Figueiredo:

– Todos os oficiais da armada, à exceção de meia dúzia, não podem ver o rei, a quem chamam o pulha. Se houvesse em terra um movimento republicano, secundavam-no logo.

Diz-se por aí:

– Venha tudo, venha o pior, venha o Diabo do Inferno, que nos livre disto!

No *Turf* e no *Club Tauromáquico* joga-se sempre escandalosamente. O conde de...

lá vai outra vez para a África, arruinado pelo jogo no *Club Tauromáquico*. O visconde de... também lá perdeu uma fortuna.

Grande escândalo com o livro do Albuquerque – *O Marquês da Bacalhoa*. Este Albuquerque, conhecido pelo *Lêndea*, é o último descendente, pelo pai, do grande Afonso de Albuquerque, e, pela mãe, do grave, do douto João de Barros. Ainda aqui há anos, quando o rei visitou uma terra de província e se hospedou na casa dele, saíram das lojas caixotes de louça da Índia, que nunca tinham sido abertos. Ele tem tido uma vida de aventuras; bateu-se em duelo em Madrid, caçou no Cabo com lordes, tocou guitarra em Trouville e teve uma loja de

instalações elétricas na Itália. Agora é jornalista, escritor, poeta, e publica este livro de escândalo, em que a rainha, senhora na mais alta acepção da palavra, é posta de rasto... Mas faça-se-lhe justiça: tudo aquilo – e pior – anda por aí de boca em boca há muito tempo. E não vem de baixo – vem de cima...

Do Paço mandaram buscar um exemplar à livraria Ferreira.

O rei em Vila Viçosa caça; o João Franco em Carnide dorme com a casa cercada de polícia. Fala-se em conspirações, na tropa, em transferências de oficiais e sargentos. O Maximiliano de Azevedo disse hoje na livraria ao Bernardino Machado:

– Isto cheira a cadáver...

– Cheira a pólvora, é que é – respondeu-lhe ele.

Espera-se tudo: a falência, tiros, a revolta. Há prisões –fala-se em mais prisões ainda e os jornais estão garrotados.

O Maximiliano de Azevedo:

– E falso que fosse o Correia de Barros quem matou a Manuela Rey. Disse-me muitas vezes a Emília Adelaide como o caso se passou: Um irmão do Tanas (Pereira das Neves) fez a corte à Manuela. Ela aceitou-lha, e uma noite o Correia de Barros surpreendeu-os. O Tanas, ao vê-lo brandindo a bengala, saltou por uma janela. A Manuela fugiu e foi para a Rua das Galinheiras, para uma casa onde morava a cabeleireira do teatro e deitou-se vestida sobre a cama, a chorar.

Debalde o Correia de Barros lhe perdoou:

– Não! não!

Chorou – e morreu. Já estava tísica há muito tempo.

E conta-me também:

– A Emília das Neves estava numa casa de mulheres. Deram com ela por acaso. Quem primeiro a ensaiou foi o Garrett. Tinha gênio: mal sabia ler e toda a vida deu silabadas.

O Governo retira as munições a alguns regimentos e à marinha: só tem confiança na Guarda. Diz-me o Schwalbach: – “Ouvi-o da boca do oficial encarregado desse serviço. A noite passada retiraram as munições a um regimento da capital.”

Os navios de guerra foram desarmados, sob pretexto de estudo de renovação e adaptação das munições, que se removeram para o serviço de torpedos. O Maximiliano diz-me também que várias peças do Campo Entrincheirado ficaram assestadas sobre os navios de guerra.

O Fialho está um franquista ferrenho:

– O João Franco já me mandou chamar três vezes. E, como eu me espante de o ver conservador, ele diz:

– Fui-o sempre. Já esse maroto do Arnaldo Fonseca dizia a meu respeito: – E um boêmio que trata a roupa com naftalina!

A Ângela Pinto está com um preto que lhe pôs automóvel.

– Ó Ângela, então tu agora?!

– Vocês que querem? Não andam todos os dias aí a pregar que o futuro de Portugal está nas nossas colônias?

Prenderam ontem o Antônio José de Almeida. O João Barreira conta-me que a polícia apanhou sessenta revólveres aos republicanos, mas não descobriu os depósitos de armamento. O João Pinto dos Santos diz:

– A prisão de Antônio José de Almeida é um ensaio. Se virem que as massas populares não protestam, desatam a prender a torto e a direito. Eu estou aqui, estou preso: o João Franco odeia-me.

Um livreiro:

Fizeram mal em proibir o *Marquês da Bacalhoa*. Já há quem tenha dado por um exemplar três mil réis, e o preço corrente é agora de dez a quinze tostões... Se o queriam inutilizar apreendessem-no, tanto mais que toda a gente sabia onde era impresso.

28 de Janeiro – 1908

A atmosfera é elétrica. – Isto não pode ser! isto não pode ser! – ouve-se a cada passo. Toda a gente espera acontecimentos. O boato corre de ouvido para ouvido: o comandante da Municipal afirmou ao rei que não podia contar com a Guarda para combater a tropa; há tumultos no Porto e Vila Real; está assinado um decreto expulsando do país republicanos e dissidentes; e – sabem? sabem? – o movimento é preparado pelo João Franco para tomar medidas de exceção... O Coelho de Carvalho, de grandes barbas brancas, sempre irônico, pontifica na livraria Ferreira: – Tudo isto obedece a um plano para estabelecer o protetorado inglês, com o rei gordo e repleto, e a dotação aumentada em cento e sessenta contos, pagos em ouro.

Às sete da noite encontro o Alpoim, que me pergunta ansioso: – Que há? que há?... Eu sei... diz-se por aí que vários oficiais se reúnem no Arco do Bandeira... – Só? – e arranca-me das mãos o *Correio da Noite*: – Vem feroz! vem ótimo!...

– No comércio não se desconta uma letra. A Rua do Ouro não tem metade do movimento habitual. Consta que o João Franco disse ontem: – Dá-se-lhes uma sangria...

– O que eu lhe posso garantir, e sei-o por uma senhora de relações íntimas do João Franco – diz o Fialho – é que ele passa as noites sem dormir. – Medo – ou revolução? As mulheres vão buscar os maridos às repartições e aos bancos; outras, na previsão de acontecimentos, fornecem-se à pressa nas lojas. Há nervos na atmosfera. A questão dos adiantamentos levantou todo o país contra o rei. Há muito que o D. Carlos é visado, discutido e injuriado. Atribuem-se-lhe todos os males. O Hintze morreu: foi ele quem matou o Hintze com desgostos. Os Braganças são todos ingratos. Que quer o rei? O rei só quer dinheiro, o rei chama ao país, que despreza, a piolheira, o rei é um ladrão. Dizem- no até os

cavadores de enxada da província: – O rei é um ladrão! o rei é um ladrão! – Gera-se não sei que excitação que se apegava e propaga. Todos estamos debaixo da mesma pressão a que não há fugir. Nas esquinas ainda se vêem farrapos de cartazes, anunciando o folhetim *Sóror Amélia*, com o retrato da rainha vestida de freira...

O que os jornais de grande circulação não se atrevem a dizer, o *Século*, o *Mundo*, o *Notícias*, propala-se de ouvido para ouvido, ou publica-o o *Correio da Noite*, do velho José Luciano, que ataca com violência o rei e o Governo. – Que há? Que há? – Um policia aliciado pelo João Chagas denunciou a revolução; o juiz ao ler o depoimento do Antônio José de Almeida, exclamou: – Ora até que enfim encontro um homem!

– O Cunha e Costa pequenino, de óculos e olho esperto através dos vidros: – Vocês que querem? Está tudo minado. Hoje, ao entrar na Boa Hora, deparei com este quadro: dum lado da porta um municipal lia *O Mundo*, do outro, outro municipal lia *A Luta*.

E no entanto a vida segue o seu curso habitual: todas as noites enchentes nas revistas – Ou vai.., ou racha, Pra frente! Todas as noites o mesmo falatório no Rossio, o mesmo formigueiro humano seguindo as suas manias, as suas ambições, os seus interesses...

Os populares atacaram as esquadras. No Largo do Rato um bando, que queria matar o João Franco, entrou num café. A policia tentou apalpá-los – defenderam-se a tiro. Um caiu varado: e retiraram em ordem, fazendo fogo. Na esquadra dos Terremotos trocaram ainda balas com os guardas. Havia um plano de revolução? É fora de dúvida. Lançaram-se bombas, que não explodiram, a várias esquadras – à do Campo de Santana, por exemplo. A policia estava prevenida, e prendeu- os, quando um grupo de dissidentes, Alpoim, João Pinto, Ameal, etc., se dirigia para o elevador da Biblioteca, no intuito de lançar um foguetão, que desse o sinal à Esquadra e a vários grupos que, ao mesmo tempo e em diferentes pontos, deviam assaltar os quartéis. Só o Alpoim e o Ameal conseguiram fugir. No elevador havia armas, destinadas ao ataque dos correios e telégrafos. No forte de Caxias estão presas 93 pessoas, e presos estão também o Afonso Costa, o João Pinto dos Santos, o Ribeira Brava, etc. A policia desandou então a prender a torto e a direito. O José de Figueiredo, que mora no Campo de Santana por cima da esquadra, ouviu isto: Ao telefone, o chefe da esquadra para o Governo Civil: – Já prendemos quatro. – Prendam mais. Era preso quem passava na rua.

À revolução aderiram vários oficiais e toda a armada. Havia fanáticos decididos a correr a Municipal à bomba, e todo o trabalho do diretório parece que foi sustê-los à última hora. Vários bandos foram prevenidos logo que o sinal falhou. Os que esperavam no café do Rato a hora do assalto à casa do João Franco, foram presos. Um criado do Moura Cabral, que mo contou, foi aliciado para atacar a esquadra da Graça – e deram-lhe um revólver e bebidas. Em diversas partes têm sido encontradas bombas, e diz-se que quem denunciou um depósito de armas, escondido em casa dum negociante, foi uma irmã dum ator do D. Maria.

– Isto – toda a gente o afirma – acaba logicamente no atentado pessoal.

Janeiro – 1908

Corre com insistência que o João Chagas morreu duma pleurisia no hospital.

Os *bufos* são aos centos. Pára-se a conversar – tem-se logo um *bufo* à perna. O Baracho procurou hoje o ministro da Guerra e declarou-lhe:

– Eu não conpiro; portanto não me mandem espionar, senão corro os *bufos* a tiro. Se desconfiam de mim, julguem-me, que eu me defenderei. E deixe-me também dizer-lhe uma coisa: Os senhores não hão de ser sempre ministros. Se me incomodam ou me infamam, quando deixarem de o ser, eu lhes tomarei as responsabilidades. – Ao que o ministro respondeu: – Se soubesse, general, as saudades que eu tenho do meu caminho-de-ferro!...

Têm sido também presos alguns oficiais do exército. E o Fialho faz *blague*:

– Desde que a polícia entrou no caminho das descobertas, foi dar com a escrituração completa da revolta. Tudo por ordem e por partidas dobradas. Uma revolução burocrata!

31 de Janeiro –1908

Sabem qual é a impressão geral? Pena de que o movimento gorasse.

Até as mulheres estão furiosas com o Franco. Há-as que dizem: – Eu vou matá-lo!

– Mas há também quem o defenda e aplauda como nenhum ministro foi defendido e aplaudido. Um padre franquista barafusta em plena Rua do Ouro:

– Eu até agora dizia que o João Franco tinha uns c... que não cabiam em Lisboa. Agora não, agora digo bem alto: o João Franco tem uns c... que não cabem em Portugal!

O Bernardino Machado:

– Sabe o que isto parece? Parece que o rei disse ao João Franco, entregando-lhe uma carabina: – “João, arranja-me dinheiro.” – O João Franco executa. – “João torna a levar a carabina e traz mais dinheiro.” – E a atitude vergonhosa das nações estrangeiras que assistem com aplauso a este espetáculo! Porquê? Pelo que eu disse um dia destes a um negociante francês: – Há um ditado em Portugal que explica tudo: – Ladrões não se encobrem de graça!

1 de Fevereiro – 1908

O João Franco responde aos clamores e revolta com o decreto de hoje:

Senhor – São bem conhecidas de Vossa Majestade as ocorrências dos últimos meses em que uma pequena minoria de elementos revolucionários e criminosos tem pertinazmente procurado impedir a vida política e representativa, prejudicar o crédito do país, alterar a ordem pública e pôr em perigo a segurança das pessoas e das propriedades.

Imperturbavelmente tem o Governo obedecido ao propósito de limitar a ação das medidas de circunstância à esfera restrita da legítima defesa social, reduzindo-as ao que, de momento, se tem afigurado absolutamente indispensável, sempre na esperança de que a sua publicação fosse meio preventivo suficiente e constituísse aviso eficaz aos agitadores.

Dessa ordem de ideias derivaram o decreto de 21 de Junho, sobre publicações atentatórias da ordem pública, e o de 21 de Novembro, sobre crimes contra a segurança do Estado, das pessoas e das propriedades.

Fatos dos últimos dias vieram porém demonstrar que as tentativas e propósitos revolucionários e criminosos, longe de afrouxarem, se têm mantido obstinadamente e agravado a ponto de ser urgente e indispensável o rápido afastamento do nosso meio social dos principais dirigentes e instigadores desta pertinaz conspiração contra a paz pública e a segurança do Estado, antes que perdas lamentáveis de vidas venham acrescentar-se às desgraças já ocasionadas e porventura originar prejuízos irremediáveis ao crédito público e à fortuna nacional.

Há poucos dias ainda, o Governo da nação vizinha apresentou às Cortes um projeto de lei que o autoriza a fazer sair do reino por deliberação do Conselho de Ministros, sobre prévia informação das autoridades locais, as pessoas que pertençam a associações hostis à ordem social ou que de semelhantes princípios façam propaganda; e, como sejam estes fatos muito graves e perigosos, seguramente não o são mais, nem podem ter mais larga, profunda e nociva repercussão em toda a vida nacional, que os tramas e atentados para mudar violenta e criminosamente a forma do governo do Estado.

Nessa ordem de ideias, procuramos com o presente diploma habilitar também o Governo com a faculdade de expulsar do reino ou fazer transportar para uma província ultramarina aqueles que, uma vez reconhecidos culpados pela autoridade judicial competente, importe à segurança do Estado, tranquilidade pública e interesses gerais da Nação, afastar sem mais delongas do meio em que se mostraram e tornaram perigosa e contumazmente incompatíveis.

Não podem por igual gozar de imunidades parlamentares aqueles que contra a segurança do próprio Estado se manifestam, ou que como inimigos da sociedade se apresentem.

Tais são, Senhor, as principais disposições do diploma que temos a honra de submeter à apreciação de Vossa Majestade.

Paço, em 31 de Janeiro de 1908. *João Ferreira Franco Pinto Castelo Branco – Antônio José Teixeira de Abreu – Fernando Augusto Miranda Martins de Carvalho – Antônio Carlos Coelho de Vasconcelos Porto – A ires de Ornelas de Vasconcelos – Luciano Afonso da Silva Monteiro – José Malheiro Reimão.*

O Alpoim fugiu para Espanha.

O Cunha e Costa:

– Há mais de duzentas pessoas apostadas em matar o João Franco. Isto acaba por um atentado pessoal.

1 de Fevereiro – 1908

Está uma tarde linda, azul, morna, diáfana. Converso na livraria Ferreira com o Fialho, quando entra esbaforido e pálido o pintor Artur de Melo, que conheço do Porto, e diz num espanto, ainda transtornado: – Acabam de matar agora o rei!

– O quê?! – Eu vi, ouvi os tiros, deitei a fugir...

Fecham-se à pressa os taipais das lojas. Uma mulher do povo exclama: – Mataram agora o rei. Vi os que o mataram. Eram três. Dois lá estão estendidos. Passou um agora por mim, a rasto, com a cabeça despedaçada!... Há palmas para o lado da Praça da Figueira. Anoitece. Um esquadrão desemboca da Rua da Mouraria... Mais tarde, no comboio, um empregado do Jorge O’Neill confirma: – Vi do escritório um polícia correr atrás dum dos assassinos. A certa altura caiu-lhe o chapéu: era calvo. O polícia varou-o com um tiro.

E pela narração do Melo, do Armando Navarro e de outros que assistiram, reconstituo assim a tragédia:

O comboio descarrilara. Seguia atrasado. Durante o trajeto o rei não fumou nem jogou, como costumava. Vinha apreensivo.

O Malaquias de Lemos contou que na véspera, em Vila Viçosa, o rei jogava com o príncipe. Era ao entardecer. Na chaminé um grande braseiro. Trouxeram-lhe urna carta. Para a ler melhor levantou-se, chegando-se à janela. Duas vezes a percorreu com a vista, e depois rasgou-a em bocadinhos que atirou ao lume. Petrificou-se um momento envolto na sombra... – El-rei não joga? – perguntou o príncipe. –Jogo, jogo... – Sentou-se, jogou, mas tão preocupado que quase não jantou nesse dia.

Nem uma nuvem. “Tarde sem par” – escreveu Ramalho.

– Linda tarde para uma bomba – exclama uma menina da alta, na ponte da estação. Havia, é natural, um certo receio, e a duquesa de Palmela, ao ouvido de João Franco: – Não haverá perigo? – V. Ex.a vai ver que ovação! – Tinha-lha preparada para a récita da noite, em S. Carlos. O rei e a rainha detiveram-se uns minutos, com o João Franco e o Vasconcelos Porto, que queria mandar vir um esquadrão de cavalaria para acompanhar o rei. D. Carlos opôs-se. O carro

descoberto partiu a chouto, com toda a família real junta. Ao pé da estátua um grupo... Disseminados pela Arcada alguns policias, e, sentado num banco da praça um homem de varino, que veio, sem precipitação, colocar-se à porta do Ministério do Reino.

Os empregados da Fazenda tinham-no notado. Seria um *bufo*? Os *bufos* eram tantos, que se não conheciam uns aos outros. – “Eu assisti – diz o Navarro. – Fui para lá uma hora antes fumar o meu charuto. Três descargas cerradas partiram da Arcada do Ministério da Fazenda. Ficou tudo desorientado. Os policias deitaram a fugir...” Um negociante da Rua de S. Julião teve de os sacudir da escada. “Eu estava a quatro passos – confirma o pintor Melo. – Um homem subiu às traseiras do carro, olhou o rei cara a cara e deu-lhe um tiro de revólver. Vi um fumozinho branco sair-lhe do pescoço. O rei voltou-se, e, cem anos que eu viva, nunca mais me esquece a expressão de espanto daquela máscara. Disse uma palavra que não percebi bem...” – “Ao primeiro tiro – continua o Navarro – a cabeça do rei descaiu para a frente, ao segundo tombou para o lado.” O Buíça, que tirara a carabina debaixo do gabão, apontava e descarregava. O príncipe real ergueu-se – caiu varado. A rainha, louca de dor, sacudia o Alfredo Costa com um ramo de flores. – Então não acodem?! Não há quem me acuda?! – Ninguém. Um cartucho falhara ao Buíça: sacou-o, e ia apontar outra vez, quando o Francisco Figueira o estendeu à cutilada. Ovi que, logo aos primeiros tiros, alguém procurara intervir – mas uma roda de gente desconhecida protegeu-o. Sucederam-se então os tiros sem interrupção. Muita gente falou em descargas... A polícia disparava os revólveres a torto e a direito. O Corrêa de Oliveira esteve para ser morto: – Vinha de chapéu alto e foi o que me valeu!... Um polícia avançou direito a mim com o revólver apontado, exclamando como um doido: – Matei agora um! matei agora um!

Correu hoje que o João Franco se suicidara e que o tinham acabado a tiro quando saía do Paço.

O infante D. Afonso seguia desvairado atrás do carro, com o revólver em punho, dizendo:

– O mano nunca quis ouvir os conselhos da mãe!

Depois, no Arsenal, para onde foram conduzidos o rei e o príncipe, teve este movimento colérico: bater no João Franco.

Acusam à boca cheia o João Franco – que não tomou precauções para o rei – de se meter por um corredor quando foi ao Arsenal, e de mais tarde, endireitar por uma cavaliça, para se enfiar na carruagem. De alguns ministros diz-se que, aos primeiros tiros, se esconderam no sótão dos ministérios entre a papelada e as cadeiras sem fundo.

A rainha no Arsenal disse ao João Franco: – Veja a sua obra...

O rei chegou ao Arsenal já sem vida; ao príncipe custou-lhe muito a morrer. Foram ungidos depois de mortos. O padre não teve escrúpulos, porque os médicos garantiram-lhe que a vida podia prolongar-se por meios artificiais.

Do Arsenal seguiu a marcha trágica para as Necessidades; num carro a rainha e o D. Manuel, noutra carro o cadáver do rei, que a custo conseguiram meter lá dentro, e que o oficial de serviço amparava, e, no último, o duque de Bragança. Que se iria seguir? A revolução? Um negrume, o terror inesperado, afasta do Paço todos os que lá deviam estar àquela hora. Vem a noite... Se seis tambores fossem rufar para diante do Paço, a monarquia acabava hoje mesmo.

Espera-se tudo, espera-se o pior. E cada um trata de não se comprometer, ou de se comprometer o menos possível...

A D. Amélia entrou no Paço toda ensanguentada. As meias tinham-se-lhe colado às pernas, o sangue secara, e foi preciso arrancar-lhas.

Frase cruel dum popular!

– Foi caçado como ele caçava os javardos – e em tempo defeso.

No dia dois, depois da morte do rei, foram assaltados alguns quartéis, evidentemente chamando as tropas à revolução. Em Artilharia os soldados

saíram das casernas e fizeram fogo: os oficiais não os puderam conter. Em Campo de Ourique houve tiroteio. No alto da Avenida ficaram estendidas vinte e tantas pessoas.

A caminho do Paço, depois do atentado, o pequeno dizia:

– Vamo-nos embora! vamo-nos embora!...

E a rainha:

– Hás de cumprir o teu dever até ao fim.

O organizador da revolta militar era Cândido dos Reis, oficial superior da armada. Muitos oficiais se reuniam no Arco do Bandeira.

Na tarde do regicídio estavam na Arcada homens com faixas à espanhola e as faixas cheias de bombas. Diz-se também que havia vários grupos postados nas esquinas até às Necessidades.

A rainha, quando o João Franco chegou ao Paço:

– Foram portugueses?

– Foram.

– Aí tem o que o senhor fez dos portugueses. E a Maria Pia, que há muito o não pode ver:

– Diziam por aí que o senhor era o coveiro da monarquia, mas o senhor foi pior, foi o assassino do meu filho e do meu neto!

Isto cheira a frase feita, mas como esta repetem-se, insiste-se, inventam-se outras mais.

O João Franco tinha perdido a cabeça. Só ele mandava: não queria ouvir ninguém. Quando fugiu dum esquadra um homem que estava preso pelo fabrico de bombas, o juiz de instrução criminal foi-lhe dar parte do caso. Ficou furioso:

– Vá beber da merda!

– Digo a V. Ex.a que a policia não teve culpa...

– Vá beber da merda, o senhor e a polícia!

– Mas...

– Vá beber da merda! vá beber da merda! vá beber da merda!

Diz-se que o Alpoim estava escondido em casa do Teixeira de Sousa e que fugiu enquanto a polícia cercava a casa.

Paçô Vieira:

– Na noite do regicídio fui ao Paço, com o Campos Henriques. O Júlio de Vilhena, a quem procurei no Centro Regenerador, não foi porque lhe faltava um botão na braguilha. Assisti a tudo: tiraram o rei e o príncipe de dentro do carro. O rei estava disforme. A rainha, se tinha dito alguma coisa desagradável ao João Franco no Arsenal, no Paço não lhe disse palavra. A Maria Pia perguntava de quando em quando: – A morte do rei será muito sentida? – Estava tudo preparado para uma revolução. O Afonso Costa não deu o sinal porque esperava a morte do Franco. Pormenor absolutamente autêntico; o João Franco ainda se ofereceu para governador civil de Lisboa.

Na noite trágica o Antônio Cândido foi dos raros que apareceram no Paço. Estavam lá também o Campos Henriques e o Teixeira de Sousa. Mais ninguém – nem sequer o corpo diplomático. Esperava-se a cada momento a revolução. Os criados carregaram em padiolas pelas escadas acima os corpos do rei e do príncipe. A D. Amélia passeava na sala de cá para lá, infatigavelmente. Passou, perguntou-lhe: – Que diz o Antônio Cândido? – Ele não respondeu e ela continuou a passear de cá para lá como um autômato. A rainha velha estava sentada numa cadeira, sem uma palavra, sem uma lágrima, de olhos vítreos

fixos na parede. E assim ficou horas, muda e de pedra, enquanto a D. Amélia passeava na sala, de cá para lá, infatigavelmente...

3 de Fevereiro – 1908

Venho agora de Lisboa e – caso curioso – a impressão geral é de alívio. Respira-se. Estava muita gente num grupo: o João Barreira, o Armando Navarro, o Rangel de Lima, o Antônio Arroio, o Columbano, o Maximiliano de Azevedo, e todos concordaram em que o rei era mau e quase glorificaram os homens que o assassinaram.

– Era um pulha, um pulha e um doido. Vejam o retrato que vem estampado no *Je sais tout...* – Era ele quem escrevia cartas anônimas à própria mulher – afirma o João Barreira.

– Foi um grande exemplo e uma tremenda lição.

– Se escapa, tínhamos aí uma ditadura feroz. Era capaz de tudo!

Melo Breyner, conde de Arnoso, Soveral e marquês de Pombal.

Só o Manuel Ramos, obstinado e cego, teima:

– A memória do rei há de ser reabilitada.

No Conselho de Estado o João Franco foi absolutamente inconsciente. Por proposta do Júlio de Vilhena não se leram as atas da sessão anterior, como é costume, para lhe não ser completamente desagradável.

O João Franco teimou até à última hora, agarrou-se a tudo, para meter um ministro no Governo – o Penha Garcia.

Disseram-lhe:

– Mas não pode ser, bem vê que o Governo tem de revogar a maior parte das suas medidas.

– Mas eu concordo com isso. Eu escrevo até uma carta concordando com isso.

A última piada do ministro dos Estrangeiros, Luciano Monteiro:

– Então V. Ex.a não faz testamento?

– Não, o rei também o não fez...

O rei e os príncipes traziam revólveres consigo. Afirma-se que o príncipe real e o infante D. Manuel ainda chegaram a dar dois tiros num dos assassinos.

Hoje correram boatos de revolta no Porto, de ter chegado a Cascais uma esquadra inglesa, etc... Tudo falso.

No Paço, na camarilha, havia dois partidos, o do rei e o da rainha. O da rainha está agora de cima.

Insiste-se em que se o rei escapasse ao atentado havia uma hecatombe. Diz-se que o Fontes, que tinha a qualidade intuitiva de conhecer os homens, dizia de D. Carlos: – Nunca o pude perceber.

Agora voltam-se as atenções para o novo rei. Dizem: – É Sabóia. – No Conselho de Estado foi simpático. Chorou, entregou-se nas mãos dos que o ouviam: – Não estou preparado para reinar.

Os irmãos adoravam-se. O que foi assassinado zangava-se quando este lhe chamava *prior do Grato*. D. Luís Filipe era mais refletido. Este é mais impetuoso – mas tem melhor coração.

Fevereiro – 1908

Nos últimos tempos o rei tinha cenas violentíssimas com a D. Amélia.

A impressão no Porto foi curiosa. Quem às onze horas da noite passava na Praça de D. Pedro via muita gente aos grupos de dez e onze pessoas cada um. Ninguém discutia, não se falava alto. Era um burburinho de quem conversa em segredo, a medo – ch...ch... ch.... – ao ouvido. A notícia soube-se pelo telefone do Borges & Irmão.

Foi no automóvel do Baltar do Janeiro que o Alpoim se safou para a Espanha.

As Anjos contaram a D. Maria Augusta que o electricista de S. Carlos tinha tudo preparado para o D. Carlos morrer quando se encostasse ao rebordo do camarote no teatro.

O homem suicidou-se quando se viu descoberto.

O novo rei não gosta de *sport*. Sofre de reumatismo. Adora a música. Em pequeno

dizia:

– Reger uma orquestra numa grande sala e ouvir no fim os aplausos do público, isso sim, é que é glória!...

As meninas da alta roda, falando dele, diziam desdenhosas:

– Isso são mariquices do senhor infante.

Uma velha, a tia Júlia, da família Bordalo:

– Coitadinho do príncipe! Parecia mesmo uma menina!... E não estava estragado como estes rapazes de agora. Tinha uma carinha de menina. E não era porque ele não tivesse vontade, era porque o não deixavam!...

Muita gente que tinha bombas em casa tem-nas deitado ao rio.

Da camarilha contam-se coisas como esta. Alguém me diz:

– Conheço uma senhora muito de bem, a quem este e aquele (e cita os nomes) foram falar da parte do rei, para ir a bordo do *yacht*. Ela deu-lhes uma desanda tremenda.

O João Franco já tinha organizado listas de proscricções. A alguns administradores de concelho foram enviadas circulares, pedindo o nome dos indivíduos que na localidade entravam a marcha do Governo.

O pai do João Franco e os redatores do *Jornal da Noite* foram corridos do Suíço.

Trindade Coelho conta que João Franco, nas vésperas dos acontecimentos, foi consultar a bruxa – M.me Brouillard, uma transmontana esperta que aí está em Lisboa.

Já há seis contos para a família do Buíça. Muita gente lhe arrancou botões, cabelos, bocados de vestido. João de Deus Guimarães foi vê-lo à morgue. Era proibido tocar no cadáver. Entrou em conversa com o guarda:

– Ah! O Buíça tem ainda o braço rígido!

– Qual!

– Parece...

– Já teve, já, mas agora está lasso.

– Mas olhe que...

E aproximando-se do cadáver correu-lhe a mão pelo braço, como quem apalpa, e deu-lhe *um formidável aperto de mão*.

O frigorífico é um buraco, e os cadáveres foram atirados uns por cima dos outros a trouxe-mouxe, de mistura com pedaços de gelo. Toda a gente tira o chapéu e fala baixinho. O regicida está amarfanhado, com lama na barba e nos cabelos. Seus olhos não são olhos de morto – exprimem espanto e cólera, e a figura é séria, é tremenda. Tem rasgões, feridas na cara, e mãos nervosas, mãos delicadas de mulher.

Diz hoje um professor que conheceu o Buíça:

– Era um homem profundamente sério e que protestava sempre com cólera, quando se lhe falava em política: – Não me falem em politiquices! não me falem em politiquices!

O João Pinto dos Santos:

– Enquanto estive preso alimentei-me de vegetais e de ódio. Nos primeiros dias aquilo impressionou-me; mas logo que tive livros serenei... Queriam fechar as janelas, mas eu disse ao Malaquias de Lemos: – O ar não! o ar não me tirem, prefiro morrer! E também lhe peço que quando bater à porta me abram logo, senão não aguento. Antes duas balas! –Deixaram-me a janela aberta... Mandei vir uns poucos de fatos, calças de verão, de inverno, etc. – para ter a sensação de que estava livre. Depois emprestaram-me livros. Entre outros um volume de viagens na China, onde há algumas páginas sobre a vida da mulher chinesa. E aquilo fez-me chorar, tão certo é que a desgraça nos aproxima dos desgraçados. Afinal chegaram os livros que tinha pedido, um compêndio francês de filosofia, sete calhamaços de economia política – e fui quase feliz. O juiz interrogou-me: – Porque está preso? – Não sei. – Há uma testemunha que o viu no elevador da Biblioteca. – É falso. Estava numa casa perto da Biblioteca, para combinar com o Alpoim e alguns amigos a nossa atitude perante as prisões que estavam sendo feitas. – Chamou-se um policia a quem o juiz perguntou: – Conhece o sr. João Pinto dos Santos? – Não senhor. – Diante disto é claro que o juiz tinha de me mandar embora. Que imagina que fez o João Franco? *O João Franco avocou o processo a Conselho de Ministros e condenou-me!* Era ódio pessoal. Na Municipal fui sempre bem tratado.

– E souberam?

– Alguma coisa pressentimos na noite em que foi atacado o regimento de Campo de Ourique. Supusemos uma revolução gorada. Se atiram bombas ao quartel éramos indubitavelmente fuzilados. Uma noite ouvimos formar as

tropas que carregaram com precipitação as armas; um oficial passou a correr e diante do meu quarto bradou à sentinela: – Cuidado com esse sujeito! – O Chagas disse-me ontem que, quando chegou

Oàjanela, um soldado lhe fez um manguito. Os oficiais é que continham a soldadesca – mas até onde?

– E disse no seu depoimento que havia de matar o João Franco?

– É falso; o comandante da Guarda falou-me nisso e eu respondi-lhe: – Bem vê V. Ex.a que não quero que meus filhos possam dizer: – Meu pai foi um assassino. – Isso não! Mas se um dia, depois de o insultar bem insultado, numa discussão em plena Câmara, ele avançar para mim, deito-lhe as mãos às goelas, e nem V. Ex.a nem toda a Guarda Municipal mo arranca das unhas!

Há quem diga do João Franco: – Foi sempre um covarde. Em Coimbra a valentia vinha-lhe do José Lobo e dos irmãos, uns tipos daquele feitio, e agora da Municipal e da polícia. O pai era a mesma coisa, e o tio, o *Mil diabos da Capinha*, dava tiros e fazia distúrbios sempre que tinha as costas quentes.

João Franco fazia cinquenta e quatro anos este mês de Fevereiro.

8 de Fevereiro – 1908

É hoje o dia do enterro. Essa gente que veio de fora para assistir ao funeral, príncipes, duques, generais, diplomatas, está cheia de medo. E por aí diz-se à boca cheia:

– Ainda bem que foram portugueses os que executaram o rei. E a primeira vez que um rei português morre às mãos do seu povo. Até agora acabavam às mãos das camarilhas.

Não me sai dos olhos este quadro do enterro. Esperam-se bombas... Os sinos tocam, todos os sinos das igrejas; rufam os tambores cobertos de luto. Desfilam coches com príncipes e carros com fardas. Um homem apregoa: – *O último granadeiro!* quem quer *O último granadeiro?* – Mais carros, mais coches, o filho do imperador da Alemanha, guardado por uma escolta de prussianos, que o pai

mandou com ele com medo que lho matem. Tropas em fila, carroças de gala, generais, diplomatas glabros, com o olho desconfiado e vontade que aquilo termine depressa... Agora a carroça com o cetro e a coroa, e outra com crepes a rasto como se levasse o luto da monarquia. – *O último granadeiro!*... – Mais coches, e aqui e ali o desfile cortado pela multidão irrespeitosa. Um laivo de grotesco na tragédia, riscos exagerados de carvão que fazem medo... Fisionomias lívidas nas fardas pomposas, decorações, gente que mal se atreve a olhar a plebe temerosa – silêncio e um largo ah! a que se segue uma gritaria de inferno. Bicha de carros interminável, mortos por largarem numa abalada de pavor – carros funerários passando entre a indiferença gelada – farrapos de multidão que atravessam o préstito propositalmente, tropas esbandalhadas, coroas que parecem velhas... E por fim mais tropas e o mesmo grito insistente: – *O último granadeiro!* quem quer *O último granadeiro?*...

Dias mais tarde, havia sujeitos que se chegavam à beira das pessoas que deitavam luto e perguntavam-lhe com ar de troça: – Então morreu-lhe alguém da família?...

O Corrêa d'Oliveira:

– Se visse!... Quase ninguém tirava o chapéu quando o enterro passou... A sombra do rei comeu, sumiu a do príncipe.

Têm-se distribuído muitos papéis com estes dizeres:

*Morte aos Sanguinários
Afonso Costa, Alpoim, Ribeira Brava,
os Verdadeiros Assassinos
DE EL-REI E DO PRÍNCIPE REAL.*

E outros, escritos à máquina, atribuindo o crime a este e àquele...

A preocupação do rei é esta:

– Neste caso que faria D. Pedro V?

O João Franco possui cartas do rei, em que ele lhe apontava escândalos em diferentes secretarias.

O dr. Curry Cabral, que é um homem ponderado, disse em casa das Tomares:

– Há cinco anos que o João Franco está doido. E o Silva Bastos, que foi da sua intimidade:

– Às vezes avançava para a gente de punhos fechados, num frenesi. Depois dava-lhe a nevralgia e deitava as mãos à cara ou desatava aos berros – e, num instante, como numa roda que gira vertiginosamente e vai passando por dois buracos, lia-se-lhe nos olhos, sucessivamente e sem interrupção, cólera, desprezo, ambição, serenidade, medo, orgulho, riso, ferocidade, paz, vertigem... E outro:

– Era a obra de Martins, posta em prática por um doido. Somente o Martins dissera, arrependido, a Junqueiro:

– Nas penitenciárias está gente muito melhor que o rei.

11 de Fevereiro – 1908

Espalha-se que, se isto não sossegar, o rei e a rainha se vão embora e o estrangeiro toma conta das colônias. Pede-se repressão. Diz-se que há oficiais de artilharia e cavalaria que querem fazer uma intentona – e os políticos já se não entendem por causa das nomeações dos governadores civis!

O João Chagas surge na livraria, mais gordo, com um esplêndido casacão alvadio:

– Tenho estado preso diferentes vezes, mas nunca senti tanta falta de liberdade como desta. Das outras falava, tinha ar e luz à minha disposição. Agora foi a incomunicabilidade absoluta. E, se atirassem bombas ao quartel, éramos despedaçados. E eu, que sabia que alguns grupos tinham combinado tudo como quem resolve um problema – dizia comigo: – Se esses diabos não têm a caridade de se lembrarem de nós, estamos perdidos! – Um dia à noite tive a impressão nítida de que íamos ser fuzilados. Ouvi reboiço, as tropas carregavam as armas, e até senti que, com a precipitação, deixavam cair alguns cartuchos. Tentei espreitar por um postigo. Um oficial que passou correndo

disse à sentinela: – Cuidado! – O frio era mortal. O soldado encostou-se à porta – não pude espreitar. Ignorava tudo. Estendi-me em cima da cama e só às quatro horas da manhã sucumbi de cansaço... Que horas! É horrível morrer assim sem luta. Cheguei a fazer um pequeno testamento...

E o João Pinto dos Santos:

– Pude ver duma vez o *Diário Ilustrado*, nas mãos dum soldado, com o retrato do rei, mas calculei: – chegaram de Vila Viçosa.

– Mas nem sequer reparou na tarja de luto?

– Eu não. O Antônio José de Almeida diz que reparou e que desconfiou que o rei tinha sido morto.

– Os oficiais – continua o Chagas – trataram-me muito bem, mas à despedida disse-lhes:

– Agradeço-lhos muito a amabilidade com que me trataram, mas para outra vez prefiro ir para a Penitenciária. Lá talvez chegue algum rumor.

E conclui:

– Acalmação sim, acalmação, se assim o entenderem, *durante alguns meses*. Ah não foi em vão que trabalhamos vinte anos!...

Fui hoje ao café Gelo ver o sitio onde o Buíça se reunia com os amigos. O café é já de si curioso, com duas salas de aspecto completamente diverso, uma para o Rossio, de aparato; outra, nas traseiras, baixa, para os fregueses envergonhados, com portas para a Rua do Príncipe. Era ali, naquela mesa, do canto, à direita de quem entra pelas traseiras, que o professor se juntava com os outros e passavam horas a conversar baixinho.

– Eram muitos?

– Às vezes doze ou quinze – diz o criado. – E ficavam até tarde em grandes discussões...

Todos os políticos são concordes nisto: o D. Carlos gastara nos últimos anos, além da dotação, dez ou doze mil contos.

E toda a gente diz que era um mentiroso e que difamava a mulher. Ainda hoje alguém contou que um dia apareceram uns papéis inventando infâmias da rainha com a Sandoval. Investigou-se. E o José Luciano disse logo: – Escusam de procurar, isso é de El-Rei.

O *Século*, disse-me o Avelino de Almeida, tem tido tiragens de 160.000 exemplares.

Fevereiro – 1908

Depois da morte do rei, o Arnoso foi ao Malaquias de Lemos propor-lhe a contra-revolução.

– Nem me fale nisso. Se vêm para a rua corro-os a bala rasa e vou já daqui contar tudo ao Ferreira do Amaral.

20 de Fevereiro – 1908

Era hoje que devia rebentar uma contra-revolução, para impor ao Paço uma ditadura militar.

Hoje fui a casa do Schwalbach, ao Conservatório. Coisas antigas e louça das Caídas, velhos quadros do Libório e tetos pintados em caramanchão pelo Augusto Pina. O homem está aqui: é uma revista de ano – dificuldades de que sai com um sorriso, enredo, e um fio de ouro e de ternura a envolver tudo isto...

Conheceu o rei e explica-o:

– Quando queria era um *charmeur*. As vezes ninguém o podia aturar e mentia como uma cesta rota. Ultimamente dera nesta: quando se falava duma rapariga bonita, aí dos seus quinze anos, dizia com um sorriso: – E minha filha.

E conclui:

– Era um grande pantomineiro!

Fevereiro – 1908

O José Antônio de Freitas, amigo do Paço, do Arnoso e do Sabugosa:

– O rei era destes homens que gostam de esconder as boas qualidades e de salientar os seus defeitos. Inteligente, de bom coração, artista, não soube ou não quis tratar com os homens. Podia ter com ele todos os que pensam ou escrevem em Portugal – afastou-os. Há anos para cá o caso explica-se: garanti-lhe que, depois que teve o tifo, ficou impotente e sentia-se humilhado e inferior ao primeiro galego que passa na rua...

Há cartas dele adoráveis de simplicidade, há casos da sua vida e da vida palaciana que se não compreendem.

– E como artista?

– Era ele, sem dúvida, que fazia com talento os esboços. Mas, como não tinha tempo – outros lhe acabavam os quadros... Como rei só teve um mal – começou a sê-lo apenas há um ano.

Todos os dias no Paço se recebem cartas anônimas com ameaças de morte. O medo é enorme. A rainha tem sempre diante dos olhos o quadro horroroso e, se acorda de noite, quer por força ver o filho.

O Manuel Ramos:

– Serviam-se, o Franco e os outros, da pimponice do rei, para lhe arrancarem medidas de repressão. Se o viam hesitar:

– Mas se vossa Majestade receia... – E ele logo decidido: – Eu não! – E assinava tudo. E fique você sabendo: não foi ele só que comeu: a maior parte do dinheiro, dos dez ou doze mil contos gastos a mais, ficou no bolso dos políticos.

A Guarda Fiscal de Cascais tem ordens apertadas. Teme-se um desembarque de armas e munições.

Foi proibido o desfile ao público diante dos cadáveres régios, porque a urna do rei era coberta de escarros!

O João Chagas:

– Tem visto a atitude palaciana do *Dia*? Eu, de mim, tenho um caderno com este título – Alpoim e todos os dias colo pedaços do *Janeiro* e do *Dia*. Tome lugares porque vai assistir a um espetáculo extraordinário... Nunca o estrangeiro fez tanta pressão sobre nós como agora... Impõe-nos um governo – e esse governo, não podendo ser rotativo, há de sair da praça pública. Ora não sendo republicano, à maneira do que se fez na Itália ou no Brasil, vai ser do Alpoim. E verás! verás!... Eu já disse: escrevo logo um artigo com este título – O Regicida, se ele e os seus amigos nos atraçoarem – os seus amigos, que, diante de mim e de Afonso Costa, se declaravam todos republicanos. Dantes procuravam-nos todas as noites, agora fogem-nos. Vai ver, vai-os ver servirem-se da policia contra nós. Oh, mas eu hei- de declarar que eles é que nos forneciam as bombas! O Alpoim há de morrer às nossas mãos!

Março – 1908

O Brasão conta que na *première* do *Otelo* o irmão de Augusto Machado foi cumprimentá-lo ao camarim:

– Vais admiravelmente no papel, mas deixa-me dizer-te (aqui para nós) a peça é uma grande borracheira...

9 de Março – 1908

Na recepção de anteontem a rainha tinha os olhos cheios de lágrimas sufocadas e disse:

– Não tenho medo por mim, é por ele...

– Os políticos agora vão ter juízo... – disse alguém. E ela respondeu:

– Os políticos não têm coração.

E o rei dizia a um e a outro:

– Seja bom português e meu amigo.

Março – 1908

– Vou a Lisboa – diz o Columbano ao conde de Arnoso.

– Também eu vou a essa Penitenciária onde andam os assassinos à solta.

José Antônio de Freitas:

– O Mariano de Carvalho tinha ido a Paris negociar um empréstimo e, conversando com Rouvier, perguntou-lhe:

– Se se fizer a república em Portugal?...

– Que me importa! Que me importa mesmo que se faça a república em Espanha!

Mas se se fizer a federação ibérica, então alto lá! fazemos a federação latina.

Rodrigo da Fonseca dizia dos Castilhos:

– Que família! O melhor de todos é o cego – mas esse mesmo, se tivesse olhos, era preciso furar-lhos.

O João Chagas:

– O Alpoim foi quem nos forneceu as armas para a revolução. Foi o que ele fez. Nós tínhamos homens, eles deram-nos as armas e alguns contos de réis. Todos eles se declaravam republicanos, menos o Moreira de Almeida, que disse: – Eu não só não sou republicano, mas sou anti-republicano. –Quando saíamos das reuniões, eu e o Afonso Costa ríamos às gargalhadas.

Este João Chagas tão fácil, tão insinuante, com o riso pronto nos lábios grossos e a sua poupa branca no alto da cabeça, nunca conversa, nunca o vi conversar: se

encontra alguém, seja onde for, conspira logo. Tem passado a vida sempre simpático e fácil, sempre bem vestido e correto como um ator que desempenha o seu papel. Mas no fundo desta alma, sob este riso e esta poupa que parece pintada, só existe uma vontade que nunca esmorece, uma ambição tenaz e um egoísmo feroz.

– Isto há de resolver-se em 1909. Ah, não passa daí! É um conflito inevitável. Que me importa o Porto?

E como eu duvide:

– Temos o exército conosco. Até na Municipal. Na província há terras em que os regimentos são completamente nossos.

Abril – 1908

Ontem no Porto encontrei o Junqueiro, mais velho, mais magro, e a propósito da atitude palaciana de Eduardo Burnay no *Jornal do Comércio*, conta que ele em tempos, quando atacava o rei, o fora procurar ao Porto e lhe dissera do D. Carlos:

– Duma vez, numa daquelas ceias que dava no Alentejo aos estúrdios seus amigos, ofereceu a cada conviva uma navalha de ponta e mola, com as armas reais.

Novembro – 1908

A rainha não disse que conhecia o assassino do rei. Frase textual ouvida pelo Batalha Reis:

– Os outros não os conheço, mas aquela cara do homem das barbas nunca mais me sai dos olhos.

Dezembro – 1908

O caso do dia é este: – Um alferes da guarnição no Paço, quando assistia ao jantar, levantou-se e, contra todas as regras e todas as conveniências, falou ao rei pouco mais ou menos nestes termos: – Vossa Majestade anda iludido. Esta gente que o cerca engana-o. A situação do país é deplorável, etc.

Imaginem, se podem, as atitudes, o espanto, o espetáculo desta gente, interrompida pela primeira vez naquela representação em que o formulário é respeitado como um culto. Mas na verdade o alferes disse o que cada um sente no fundo da sua consciência. Foi inconveniente, mas pôs o dedo na ferida. O rei está rodeado de ficções e de mentiras. Não soube assumir as responsabilidades do pai, com decisão e coragem, nem totalmente repeli-las.

Enredam-no. Os políticos dão-se o ar de o proteger e é ele quem os protege. Hesita, tem medo... Sente-se que tudo isto vacila...

Janeiro – 1909

– Esta vida artificial, como lhe sinto a falta! – exclama o Fialho ali ao pé do Suíço.

– E porque não vive em Lisboa?

– Não posso! não posso! Se soubesse!... Tenho um irmão epilético, que meu pai me legou à hora da morte. Não devo abandoná-lo, nem entregá-lo a mãos mercenárias...

Depois as árvores, depois as vides, a que a gente cria amor... – Uma pausa triste, uma hesitação, uma dúvida e acrescenta isto: – Não tenho tido quinze dias de felicidade em toda a minha vida!

Falamos da política:

– Isto está a pedir sangue... E olhe: no Alentejo não há republicanos – há ódios. O pobre não pode ver o rico. E uma gente roída de invejas e rancores que passa anos e anos da vida a cobiçar um campo...

O João Barreira, pequenino, inalterável, de capinha:

– A revolução abortou em onze de Fevereiro porque os chefes foram todos presos. O Chagas tinha nas mãos as chaves do movimento.

Quem são os regicidas?... O Ferreira do Amaral, ao sair do ministério, declarou que não tinha apurado nada de definitivo. Diz: – Eu bem sabia, por cartas anónimas, que se preparavam para me alijar, mas deixei-os fazer... – Porquê, almirante? – A situação não me era agradável.

Novos boatos de intentonas, de massacres, novos boatos de reação. Agora é certo!... Os regicidas vão ser presos. Conta-se que o Heitor Ferreira dissera: – Vendi a carabina a Fulano. – O ministério Amaral caiu, porque, dispondo de todos os elementos, não quis prender os assassinos. Um dos regicidas está em França, mas Clemenceau recusa-se a extraditá-lo.

Fala-se hoje dum Munhoz, oficial do exército, tipo acabado de lisboeta – café, conversa e paródia, cheio de graça popular e literária. Já reformado, vai aos domingos aos touros para a Outra Banda, com um cabaz no braço e um xale-manta às costas...

Esteve amigado com uma mulher já *fanée*, mas ainda com linha e um nariz imperial, que aí andou por Lisboa e se fazia passar como aparentada com as mais ilustres famílias de Espanha. A mulher não tinha dinheiro, mas alguém presenteara-a, quando a deixou, com uma rica mobília. E Munhoz e ela iam vivendo dos trastes, hoje um tremó vendido, amanhã uma cômoda, depois um sofá...

– E que tal, Munhoz?

– Vai-se vivendo, filho. Vamos vendendo os trastes. Olha, menino, hoje almoçamos nós um bidê – e por sinal que não estava nada mau!...

Lá no alto, no friorento Paço da Ajuda, entre gente caduca e algumas damas do passado, a rainha Maria Pia passa os dias e as noites, como uma figura de tragédia, a regar as flores dum tapete. Mataram-lhe o irmão, o filho e o neto. Pior: envelheceu. Se pára de regar, conta – um... dois... três... – A quem se refere? Ao irmão, ao rei, ao príncipe, todos assassinados? Senta-se à mesa e diz a figuras imaginárias ou aos fantasmas que se sentam ao seu lado: – Come, Luís. Não queres deste prato, Carlos? – E lá torna a regar um dia, outro dia, sempre, as flores que não reverdecem do mesmo tapete do seu quarto... E esta mulher elegante, que despertou paixões e inspirou poetas, parece uma velha atriz, sem contrato, e cheia de rugas, fora do seu meio e da sua época. Ao vê-la passar, baixando a cabeça para aqui e para acolá, no mesmo gesto maquinal, a gente supõe que o passado saiu do sepulcro e teima em sorrir-nos, com os dentes postiços e o cabelo pintado a escorrer amarelo...

Larga distribuição destes papelinhos:

O D. Afonso adora o sobrinho. Afiança: – Se mo matarem quero ser rei uma hora, mas nessa hora hei de mandar...

– E o rei?

– O rei... – diz alguém que foi duas ou três vezes ao Paço – o rei é um fidalguinho muito religioso e temente a Deus, e cheio de vontade e de orgulho.
– E acrescenta: – Não trata, como o pai, a gente por tu, mas por você.

O Melo Barreto garante como absolutamente autêntico o boato que por aí correu, de que o rei se confessa todas as semanas.

Fala-se com o José Antônio de Freitas, do D. Pedro V, e um do lado diz:

– Era um pedante.
– Se era! O que vocês não sabem é que deixou vinte e tantos calhamaços sobre coisas militares com o título em latim. E de todos esses livros não se apura uma página...

Do D. Luís e da D. Maria Pia narra anedotas, ditos...

– O D. Luís mandava-me chamar muitas vezes ao Paço – e algumas por causa do Shakespeare. Uma vez quis discutir o *Hamlet* comigo – ele que me roubou duzentas e tantas frases!

– e eu disse-lhe: – Pois sim, vamos lá discutir, mas V. Majestade não há de estranhar que eu me defenda com quantos argumentos tenha, nem que fale mais alto, porque fui professor de meninos e tenho esse mau hábito. Além de tudo isso, sou um homem nervoso... – E discuti, discuti com unhas e dentes. Por fim ele disse-me: – Pois sim, Freitas, mas você o que não pode é conceber o *Hamlet* como eu, sob o ponto de vista de dissimulador, porque não tem a minha categoria. Só um príncipe sabe o que é dissimular...

E eu respondi logo:

– Se V. Majestade dissimula por causa da sua categoria, é porque é um diplomata; se é por organização, é porque é um histérico...
E ele mandou-me embora.

Quem os põe assim aos reis, ao D. Carlos, ao D. Luís, ao imperador do Brasil, são os grandes homens, o Victor Hugo, o Rossini, os que os incensam a torto e a direito. O D. Luís era inteligente e conhecia os clássicos musicais, mas, como não estudava, tocava mal. Pois um dia o Rossini, em Paris, depois de o ouvir, disse-lhe: – Vou organizar um concerto em minha casa, para que V. Majestade, que é um dos melhores músicos que conheço, seja ouvido e apreciado.

O D. Luís, como todos os fidalgos portugueses, gostava de conviver com gente baixa. Quando se iam embora os ajudantes e a corte, ficava com os particulares, com a gente que lhe chamava doutor Tavares, e então regalava-se de escândalo, de ditos, de má-lingua ordinária.

Não me admira que ele gostasse da Rosa Damasceno. Era uma mulher caline, muito meiga. Na intimidade devia ser adorável. E boa. Desde que foi amante de D. Luís, dava todo o dinheiro que ganhava no teatro.

A Maria Pia é uma mulher inteligente, apesar de pessimamente educada, sem mãe. Detestavam-se, mas que diplomatas, ela e o rei! Quando se anunciou o casamento do D. Carlos, D. Luís disse-me:

– Casa por amor. Fez a corte à mulher, escreveram-se, ele mandou-lhe flores e ia para a plateia dum teatro em Paris namorá-la para o camarote.

Não sei quem fala do Saldanha...

– Foi o diabo para o mandarem para Londres, quando se quiseram ver livres dele. O Governo perguntou para a Inglaterra e de lá responderam que não era *persona grata*. Foi preciso que o D. Fernando escrevesse à rainha Vitória, que acabou por ceder, dizendo: – Mandem lá esse velho pecador.

Fevereiro – 1909

O Júdice Bicker, oficial da armada e antigo governador da Guiné no tempo do Hintze:

– Não, não me falem em ditaduras nem em governos de repressão! Quando fui governador da Guiné, apareceram-me lá um dia cem homens mandados pelo Governo. E com eles uma simples lista de nomes, sem a mínima indicação de crimes. Nada. Era gente que o Governo me mandava e de que se queria desfazer. Que lhes havia de fazer na Guiné? Sentei- lhes praça, e desses criminosos, aos quais nunca tive ocasião de aplicar um castigo, seis meses depois tinham morrido cinquenta de febres!...

No outro dia – diz o Freitas – estive com a rainha D. Amélia. Está uma mulher amarela e feia, enorme, com as mãos do tamanho do Maximiliano de Azevedo. E, como lhe notasse os dedos cheios de jóias, estranhei, perguntei e explicaram-me:

– São os anéis de brilhantes que ela arrancou aos cadáveres do marido e do filho – e que traz sempre consigo.

Um empregado da Fazenda:

– Em cada um dos grandes bairros de Lisboa há milhares de processos de dívidas à Fazenda parados. Companhia que tenha votos paga quando quer e como quer. Só os desgraçados são penhorados. Isto representa muitas centenas de contos, que se perdem por empenho, por política, por desleixo.

O Pad'Zé contado pelo Vicente da Câmara:

– O extravagante Pad'Zé era no fundo um homem metódico. Quando chegava a Coimbra ia sempre com grandes ideias de aprumo e arranjo: uma cama para dormir, uma mesa para escrever, etc. Escusado será dizer que, meia dúzia de dias depois, dormia no chão. Mas à cabeceira lá estavam sempre muito arranjadinhos os seus livros e os seus papéis. Se no dia em que se matou, na

própria hora em que deitou a mão ao revólver, alguém o convidasse para uma ceia – adeus suicídio! adeus morte! trocava-a por uma guitarrada.

No dia em que fugiu para Badajoz, o D. João da Câmara encontrou-o: levava para o exílio um livro de Garrett, um par de meias e cinco mil réis emprestados.

Trazia sempre nas algibeiras invólucros de bombas e mostrava-os aos amigos, no Suíço. Na algibeira do médico que morreu na explosão foi encontrada uma carta sua, pedindo-lhe que lhe mandasse pelo portador “seis peras do Fundão”. Trazia-as às vezes pela rua numa malinha de mão, e, quando ia ao urinol, pedia ao Aníbal Soares, de quem era amigo íntimo, para lha segurar:

– Mas tem cuidado, que são ovos!... – observava sempre.

Dizem por aí que se matou, para não matar... Tinha-lhe caído em sorte, numa loja, executar um alto personagem...

25 de Fevereiro – 1909

Visita ao Coelho de Carvalho, que está doente, e mora num velho palácio, na Rua do Arco do Cego. Móveis Império, uma cama imponente com golfinhos dourados e espelhos, falsos quadros de mestres nas paredes de estuque, onde todos os caiadores de Lisboa pintam sempre o mesmo friso azul-ferrete, e salas que se sucedem com alguns móveis antigos isolados. São restos de grandeza duma existência de artista... Como sempre, fala-se em política. Não se fala noutra coisa...

– A policia tem o processo do atentado concluído, mas fica-se por aí.

Sabe-se que no dia 21, numa loja maçônica, foi proposto o assassinato do rei. O Alpoim esperava na rua, dentro dum carro, os seus amigos. Mal foi que o acordo com os franquistas gorasse. Sabe que o Alpoim teve uma combinação política com o João Franco? Disse-me ele a mim: – “O acordo esteve feito para uma ditadura liberal, mas o rei opôs-se. Foi quando eu e Sicrano e Beltrano decidimos perdê-lo...” – Posso garantir-lhe isto: ouvi-o a ele próprio... Quem os aproximou, ao Alpoim e ao Franco, foi o Silva Graça. Tinham até ajustado uma série de comícios de propaganda contra os adiantamentos. E foi por isso que o

João Franco pôde responder como respondeu ao Centeno, dizendo-lhe que tinha nas mãos provas dessa combinação.

Um tipo fino. Literato e homem de negócios tendo ganho fortunas e dissipado fortunas. Tem um castelo em Arade sobre rocha e mar e uma existência um pouco dispersa. E com isto curioso e alegre, fantasista acima de tudo, paradoxal acima de tudo. O seu escritório de advogado, que foi muito tempo no Ministério da Justiça, é hoje ali numa mesa do Martinho. Desconfio que mistifica os clientes – para se divertir... As dificuldades da sua vida são talvez invencíveis, mas a desgraça encontra-o sempre de pé, com o mesmo riso nas mesmas lindas barbas todas brancas enquadrando uma face moça, e óculos redondos de tartaruga, que lhe dão uma aparência de retrato de Holbein.

– Os óculos de Spinoza... – como ele lhes chama.

Março – 1909

O Armando Navarro:

– Daqui por cinquenta anos estamos absorvidos pela Espanha, sob a forma federativa. A autonomia municipal, a mais rasgada de todas as que conheço, e que o conservador e reacionário Maura acaba de dar à Espanha, é o primeiro passo...

6 de Março – 1909

Foi hoje o enterro do Taborda. Aqui há tempos caiu de cama e disse a alguém a chorar:

– Desta vez é certo! Sinto que vou morrer... E a vida é tão linda!

Tinha oitenta e cinco anos. Os jornais contaram dele esta coisa enternecedora: Duma vez foi recitar um monólogo a um asilo de raparigas da sua terra. O monólogo começava assim:

“Boas-noites, meus senhores...” Entrou no palco e disse a frase:

Boas-noites, meus senhores...

E as meninas do asilo, que o conheciam todas, levantaram-se e responderam à uma:

– Muito boas-noites, senhor Taborda!

A morte engrandece sempre, mas acho horrível acabar na Rua dos Calafates, entre a convenção e a mentira, andar por cima, andar por baixo, coroas secas, fotografias e recordações de bastidores. Um velho tem direito a morrer entre árvores, em plena natureza. Os bichos, quando sentem aproximar-se o fim, procuram um buraco para se esconder... São mais felizes.

Março – 1909

As declarações do Ferreira do Amaral na Câmara dos Pares vieram autenticar o que se dizia do rei. O Ferreira do Amaral afirmou: – “A reação envolve o rei.” – Acrescenta-se cá fora que é um jesuíta espanhol quem dirige o rei e o Paço, e parece certo que o Ferreira do Amaral o impedia por vezes de ir de livro e contas à missa – fazendo-o visitar no Porto três fábricas por cada missa que ouvia...

Espalha-se que foi a rainha que pôs fora o Ferreira do Amaral, e que ele quer lá voltar para lhe dar uma lição.

Apresentam-me hoje um velho janota, o visconde da Torre da Murta. É um velho magro e esticado, de luvas e chapéu alto. Cheio de pretensões e os cabelos todos brancos. Parece ligado por arames. Vive na miséria. A mulher enganou-o, deixou-o. Pagou-lhe as dívidas – e ficou pobre: são as Tomares que o sustentam. O velho conserva uma grande dignidade e só sai de luvas e chapéu alto. Mas quem sobretudo lhe vale é a criada, uma destas extraordinárias mulheres do povo, que nascem para os outros e que já disse que quando morrer lhe há de deixar as suas economias “para o senhor visconde não passar necessidades”. O senhor visconde vive num cubículo, e da sua passada grandeza restam-lhe meia dúzia de livros com magníficas encadernações.

Fuschini, que fui hoje visitar, está velho e tem uma doença de coração muito adiantada.

– Porque não escreve as suas memórias?

– Não sei, custa-me. Tenho pensado em escrever a minha autobiografia... Depois deixo-me disso.

E conta-me:

– Quando foi da conversão da dívida externa, fui eu e poucos mais que obstamos a que viessem três estrangeiros para Portugal mandar nisto. Creia... Chegaram a dizer-me:

– Não faça questão, que será um dos membros da Junta.

E diz:

– Ao tempo da ditadura do João Franco lembrei-me de reunir em Lisboa um congresso de todos os homens públicos. Procurei os republicanos, o Afonso Costa, que me prometeram o seu apoio. Estava de relações cortadas com o Hintze, mas mandei-lhe falar e ele fez-me ir ao Estoril. Disse-me o pior que é possível do rei e acrescentou: – Aceito a sua ideia... E tem casa? – Tenho. – E se a policia intervier? – Resistimos e apelamos para o povo. – Bem, vá falar ao José Luciano. – Procurei essa vil alforreca, que exclamou: – Mas isso é a revolução!... Preciso de falar primeiro com o Hintze. Tenho uma ideia melhor... – Dias depois o Hintze dizia-me: – O José Luciano não quer fazer nada, disse-me que era melhor esperarmos para Outubro, quando o rei regressar a Lisboa. – Também me lembrei de escrever um manifesto dirigido ao estrangeiro e assinado pelos estadistas portugueses. – Excelente, disse-me logo o Hintze, venha cá amanhã... Olhe, amanhã não, que é o enterro do Casal Ribeiro. Depois de amanhã. – No dia seguinte estava morto.

Eis a impressão geral: Foi a rainha quem tramou a queda do Ferreira do Amaral. O Júlio de Vilhena queria que saíssem apenas dois ministros regeneradores, substituindo-os por outros. Foi uma tramóia do Paço. Toda a gente diz que a rainha está feita com os reacionários. O D. Carlos, enquanto vivo, opunha-se-lhe e, logo às primeiras investidas

– festas de Santo António, etc. – pôs-se do lado dos que combatiam a reação. Agora manda. E conta-me que o Ferreira do Amaral entrou um dia destes no Paço a perguntar pelo rei. – Está com o seu diretor espiritual. – Então preciso de falar à rainha. – Está também com o seu diretor espiritual.

A rainha – dizem-no todos – arrisca-se um dia a ser desfeiteada. Acusam-na de deitar a perder o rei.

Barreira conta-me que vários republicanos têm insistido junto do general Baracho para se pôr à frente dum movimento.

– Bem sei, vocês querem que eu tire as castanhas do lume, para que os outros as comam!

O Cunha e Costa:

– O Ferreira do Amaral desarmava pela bonomia. Um dia constou ao Bernardino que para os lados do Campo Grande havia tumultos. Telefonou ao Amaral: – São os reacionários que querem repetir as cenas de cinco de Abril... – Vou indagar. – Meia hora depois: – Está? Sou o Amaral. – E muito placidamente: – Ó Bernardino, olhe que aqueles homens que os senhores mandaram para o Campo Grande ainda lá não chegaram... –!!! – Os republicanos do *Mundo*, quando lhes constou que iam ser atacados: – Senhor presidente do conselho, consta-nos isto... – A casa do cidadão é inviolável e todos têm o direito de se defender. – Ao Pimentel Pinto, cheio de dividas e que não paga a ninguém, respondendo à acusação de jantar com os makavenkos: Janto, janto, mas pago, meus senhores, pago sempre. – Ao Arroio, quando lhe dizia: – Enganaram-no, almirante. – É que eu sou um ingênuo.

Abril – 1909

Fazem correr por aí esta infâmia: que o Venceslau de Lima é amante da rainha D. Amélia.

O Eduardo Pimenta, que serviu com o Mouzinho em África:

– Um orgulho desmedido, uma decisão rápida, e uma insensibilidade, como nunca vi, ao frio, à fome, ao trabalho... Duma vez, por qualquer questiúncula, fomos obrigados a dar uma satisfação à Alemanha. Que cena! O Mouzinho arrancou do peito constelado todas as medalhas, todas as condecorações – todas. Só lá deixou a “Águia Vermelha” que obriga o alemão a conservar-se de pé diante dos que a têm. Pôs o boné às três pancadas e entrou por a casa do

cônsul dentro. Ergueram-se todos – e ele, à porta, sacudido, impertinente, enorme, disse a frase protocolar: – O Governo de Sua Majestade Fidelíssima encarrega-me, etc. – E, sem esperar pela resposta, outra vez levou dois dedos ao boné e rodou sobre os calcanhares, deixando-os estupefatos.

Contam-me que Mouzinho de Albuquerque conversando, numa quinta ao pé de Leiria, acerca da questão Dreyfus, depois de ouvir uma calorosa defesa do desgraçado, concluiu, vestindo o pardessus:

– Pois sim, pois sim, mas devia ter ficado na Ilha do Diabo!

Jaime de Séguier encontra o João Franco no estrangeiro. São amigos. E João Franco, que não queria, que jurara não tornar a falar em política, durante duas longas horas não conversou, não falou noutra coisa.

– Tinha previsto tudo. Tinha previsto a minha morte: o que eu não previra foi o assassinato do rei. Isso nunca me passou pela cabeça...

– Mas o que eu não compreendo é que dissolvesse as Cortes estando aliado com os progressistas...

– Tinha-lhes pedido ministros, recusaram-mos. Ficava enfraquecido. Isso é que não. Não podendo tê-los como amigos, então antes como inimigos declarados. Quem me fornece estas notas (Jaime Vítor) fala dum João Franco cheio de sensibilidade e de coração, capaz de ir até ao fim... – Pra diante! pra diante contra tudo e contra todos! – Era um convencido. Diz-se que os outros o empurravam. A verdade é que ninguém o podia deter: nem palavras nem ações o faziam recuar; ia como uma bala na sua trajetória. Contam-me que num dos últimos conselhos de ministros João Franco expôs a situação: o movimento revolucionário, as medidas que tomara, etc. Vasconcelos Porto, plácido e enorme, expôs a sua opinião e concluiu:

– Deixe-os vir para a rua, que eu conto com o exército. E depois de vencermos, governaremos...

Ao que João Franco respondera:

– Não, podendo evitar-se o sangue – evitemo-lo.

E Jaime Vítor conclui:

– A morte de D. Carlos trouxe-nos extraordinárias complicações. Ele, por exemplo, tinha seguro o tratado de comércio com o Brasil, que nunca mais se fará. No Brasil fizeram-se despesas extraordinárias para o receber.

Novembro – 1909

Guerra Junqueiro desalentado:

– Isto está liquidado, a ocasião passou. Agora o rei casa com uma inglesa e vem para aí um caixeiro qualquer da Inglaterra, que manobra por trás da cortina. Não reparou nisto?... Nas Câmaras passou uma lei que os autoriza a vender inscrições. É a bancarrota adiada por muito tempo. Daqui a anos o juro da dívida interna é reduzido, mas vai-se vivendo e paga-se ao estrangeiro, que é o principal.

Do João Franco diz:

– Mentia com o coração nas mãos... Então é que era ocasião. O Franco e o rei eram dois cães danados... A ocasião passou, a república passou.

O Carneiro de Moura:

– Os bispos e as beatas deram para a imprensa reacionária, para o *Portugal*, vinte contos. Já lá vão em pagodes!

Novembro – 1909

Conta hoje o Fuschini – sempre com a Alice Lawrence atrás, sempre a caminho da Sé, com o chapéu sobre os olhos e um rolo de papéis debaixo do braço, sempre sufocado quando sobe as escadas, porque o coração cada vez lhe trabalha pior, sempre irrequieto e interessante, apesar da idade e dos cabelos todos brancos:

– O Soveral é um homem de negócios.

O que ele quer é dinheiro. Já tive todos os fios dessa meada nas mãos... Obrigou agora o rei a ir à Inglaterra fazer uma figura triste. Pois posso garantir-lhe que há dois meses estive em Lisboa um correspondente do *Daily Mail*, que contou à

Alice que o próprio duque de Fife mandara ao jornal o seu secretário desmentir a notícia do casamento.

Alberto d'Oliveira contou-me que Soveral, o amigo íntimo de Eduardo VII, o homem de quem se diz que entonteceu certa princesa em Madrid, no principio da sua carreira diplomática passava às vezes sem jantar. Em Berlim, apesar de convidado pelas grandes casas dos enriquecidos, que se deslumbram quando conseguem ter à mesa alguma figura de prestígio, viveu muitos dias de chá e torradas para manter a sua grande linha.

O Avelino de Almeida, jornalista com a especialidade de padres e beatas:

– Quem deu o dinheiro para o Portugal foram as beatas. Um padre jesuíta é que andou metido nisso. Arranjaram dezoito contos. Só a viscondessa de Sarmento deu seis.

Um artigo curioso do Corriere de la Sera, assinado pelo Gomes dos Santos:

Dezembro – 1909

Segundo várias pessoas, há Efetivamente em Lisboa muitas agremiações carbonárias.

O A..., que se suicidou ontem, tinha-se alcançado em não sei quanto – outros passeiam por essa Lisboa. Um, o M., alcançou-se em dezoito contos. Castigaram-no reformando-o com o ordenado por inteiro.

Conta o Columbano que a seu pai Manuel Bordalo Pinheiro pediu um dia um companheiro de repartição:

– Tenho lá em casa na cocheira (do conde de Lumiares) um quadro muito negro que queria que você visse.

Manuel Bordalo foi buscar a tela, limpou-a da bosta dos cavalos, lavou-a da camada de negro... Era, nem mais nem menos, o retrato de Carlos I de Inglaterra, por Van Dyck, que o D. Luís depois comprou e está hoje na galeria do Paço da Ajuda.

O Avelino de Almeida:

– A verdadeira razão por que o *Século* se fez republicano?... É que no Paço, das últimas vezes que o Silva Graça lá foi, receberam-no mal, trataram-no de alto.

– Um homem muito honesto o Hintze – diz o Carneiro de Moura – um homem muito honesto que fazia assim: – Ó Vale Flor, empreste-me vinte contos. E o Vale Flor emprestava-lhos – e recebia do Estado compensações que valiam o dobro. Um homem muito honesto, o Hintze, que nunca tirou dos cofres do Estado o valor de cinquenta mil réis.

Ministério novo. O bloco foi comido. O Alpoim furioso, exclama, em pleno Chiado: – O rei mentiu-nos! o rei é um imbecil! o rei tinha-nos prometido o poder!

E o Vilaça conta:

– O José Luciano reuniu-nos ontem à noite, a mim, ao Beirão, ao Dias Costa, ao Moreirinha e disse-nos: – Se os senhores estão no partido apenas para serem pares do reino e para que os encha de favores, isto acabou, hoje mesmo se liquida o partido progressista. Não podem recusar as pastas que eu lhes indicar. – Todos se curvaram, o Vilaça, que perde dez contos por ano, e o próprio Dias Costa, que de forma alguma queria ser outra vez ministro.

23 de Dezembro – 1909

O Júlio de Vilhena deixou hoje de ser chefe do partido regenerador. Conta o João Pinto dos Santos que o Vilhena falou ao rei de cabeça alta, e por tal forma, que D. Manuel saiu afogueado dessa última entrevista, dizendo a alguém: – Só faltou bater-me..

Dezembro – 1909

O Mardel é um homenzinho pitoresco e anedótico que conhece Lisboa como as suas mãos. Ninguém como ele desenha um tipo ou vai ao passado buscar uma figura. Sabe tudo e inventa o resto. É um prazer ouvi-lo. Constrói genealogias, negoceia em *bricabraque* e escreve sátiras. Duma vez, a um figurão que se dizia filho natural de D. Pedro IV e que mostrava desvanecido a toda a gente o retrato do rei que tinha na sala, perguntando: – Hein, com quem se parece?... – escreveu ele a seguinte quadra:

Do Imperador, de quem diz que é filho,

*Tem o retrato na sala
Mas da p... que o pariu
Não tem retrato nem fala...*

Encontro em casa do Mardel o marquês da Foz, de barbas brancas e aspecto venerando, que desata a narrar conversas extraordinárias, surpreendidas a meninas do Sacré Coeur, sobre a masculinidade dos criados... Depois fala de arte, de mobília, quadros e maravilhas que comprou e vendeu. Vive hoje arredado em Torres Novas.

– Duma vez, quando se vendeu a mobília do palácio de Oeiras, dos Pombais, os que fizeram a liquidação pediram-me para lhes ceder um andar numa casa que eu tinha com escritos na Rua do Ferregial, para se fazer o leilão. Cedi e antes da praça fui lá, agradaram-me diferentes coisas e comprei-as. Custaram-me oito contos. Entre várias trapalhadas iam cinco vasos da China, cinco maravilhas, como nunca tinha visto. Eram precisas duas pessoas para lhes pegarem. Ao centro de cada vaso viam-se as armas de Pombal. Quatro coloquei-os à entrada da minha casa, o outro levei-o para a casa de jantar e pu-lo defronte numa estufa... Um dia reparei: por causa do calor o verniz estalara. Levantei-me, olhei: sob a casca aparecia outro desenho. Tirei com uma faca o craquelé – e debaixo das armas do Pombal apareceram as armas dos Távoras! Tão certo é que até os grandes homens estão sujeitos a estas misérias...

Depois trata da baixela do Paço, que no tempo de D. Luís estudou a fundo, e que então andava a trouxe-mouxe pelos armários. São peças magníficas, *signé* Germain, e que valem um milhão de contos. – Duma vez disse a D. Luís: – Deixe-me V. Majestade arranjar-lhe uma sala de jantar com a *boiserie* de Queluz e a sua baixela, que nenhuma corte da Europa apresenta uma sala assim. – Ainda hoje não há corte nenhuma, nem a da Rússia, que tenha uma baixela tão rica.

São mil e tantas peças admiráveis. É falso que lá esteja também a baixela do duque de Aveiro. Vi as contas todas, fotografei tudo...

– Um dia fui ao Leitão ourives, a esse artista... – e sorri com ironia – comprar qualquer jóia. Ia a sair quando dei com uma prata antiga a um canto. – Que é aquilo? – Está ali para derreter. – Deixem-me ver. – Eram três peças esplêndidas, com as armas do duque de Aveiro – uma salva enorme, a que faltava um bocado de asa, com desenhos magnificamente gravados, e duas enormes compoteiras de prata com festões de ervilhas, tudo marcado, assinado, admirável. –São para derreter? Então venda-mas. Quanto pesam? – Quinhentos mil réis. – Dou seiscentos. – Venderam-mas, levei-as para casa. Tinham feito uma tentativa para lhe apagar as armas. Quando depois as vendi deram-me alguns contos de reis.

Por fim fala de ninharias, disto, daquilo – e de algumas peças que tinham pertencido ao D. Fernando e “nas quais alguém fez mão baixa”...

Uma anedota que ele tem como absolutamente autêntica e que andou sempre na tradição da sua família:

– O D. João VI estava para morrer. O patriarca procurou a D. Carlota Joaquina para a reconciliar com o rei. Recebido na sala do trono, em Queluz, diz-lhe as palavras banais do costume – mas ela não cede. Pede, suplica – perde o seu tempo. A rainha está renitente. Então retira-se depois das contumélias da pragmática – e, ao sair, volta-se de repente e dá com ela a fazer-lhe um grande, um imponente, um majestoso manguito...

Há dias comprou por cento e cinquenta mil réis um quadro de Alberto Dürer, absolutamente autêntico e com a assinatura perfeita. – É o pendant do que está no Museu. E estou em vésperas de comprar mais quatro, entre os quais um Correggio. Suspeito, pela proveniência, que todos estes quadros pertenceram à galeria do duque de Aveiro.

Janeiro – 1910

Conta-me hoje o Henrique de Vasconcelos a morte trágica de Mariano de Carvalho. Estava doente, de cama, e a família saiu, deixando-lhe uma

campainha à cabeceira. Os criados aproveitaram a oportunidade e safaram-se também. Quando voltaram foram dar com ele morto, agarrado à campainha, num último desespero...

O juiz de instrução criminal, dr. Antônio Emílio, a um amigo meu:

– No dia vinte e oito de Janeiro os soldados apanharam junto a qualquer quartel da Municipal um homem com um caixote de bombas e duas pistolas automáticas. Meteram-no no calabouço – e confessa, não confessa.., o homem nada! Então o oficial chamou um soldado e disse-lhe: – Nós vamos ali para a porta do calabouço e tu diz-me a tudo que sim. Vamos lá. – E começou: – Carrega lá essa pistola para darmos cabo desse diabo, que vinha aqui para nos atirar bombas! –Quando o oficial abriu a porta do calabouço o preso atirou-se-lhe aos pés: – Não me matem que eu confesso tudo. – Então quem te entregou o caixote? – Foi o Alfredo Costa. –Veio a participação para o Governo Civil – mas só chegou às mãos do juiz depois da morte do rei...

O Juiz:

– Estamos sobre um vulcão. Prendi vários homens das associações secretas, podia prender mil. Já ninguém salva isto a não ser uma forte ditadura militar. E eu vou-me embora porque não quero incorrer nas iras populares.

O dr. Antônio Emílio ao Beirão:

– Ou vamos para a frente, ou os senhores metam-se em casa à espera que os chacinem.

E garante que a explosão de outro dia na Baixa, atribuída a gás extravasado, foi devida a uma bomba de dinamite.

Os brincos de brilhantes que o Pedro de Araújo deu à mulher do José Luciano quando o fizeram par, custaram cem mil francos. Diz-se, diz-se...

Fevereiro – 1910

O Paço está rodeado de piquetes. Forças vigiam a Tapada. Garante-se por aí que, enquanto os regicidas não forem presos, o rei não casa. O Maximiliano de Azevedo, oficial do Campo Entrincheirado, conta-me que as forças do Campo foram anteontem (1 de Fevereiro) postas sob as ordens do general de divisão e com ordem de marcharem sobre Lisboa ao primeiro aviso.

O que se diz por aí baixinho, de ouvido para ouvido, é tremendo. Diz-se o que O Povo d’Aveiro, que está tendo tiragens enormes, publicou nos últimos números.

O Santos Tavares d’*O Mundo* disse-me que janta duas vezes por semana com o Alpoim, e já se tem gabado que é ele um dos autores do Diz-se...

Colen, num jantar íntimo, onde esteve alguém que mo conta:

– No dia vinte e oito de Janeiro estava tudo preparado e seriamente preparado para a deposição de D. Carlos – marinha, tropa, organizações, tudo. E tudo falhou porque o Afonso Costa não quis dar o sinal sem que o João Franco estivesse morto.

Março – 1910

À reunião célebre do Castelo, onde se decidiu a morte do rei, assistiram trinta pessoas.

Paçô Vieira:

– A carta que o rei escreveu ao Hintze e que fez com que o ministério caísse, foi conhecida, antes de lhe ser enviada, pelos republicanos. Eu lhe conto: um dia estava em Paçô, quando o Hintze me chamou. Parti logo, corri logo a casa dele. Encontrei-o na sala de bilhar: tinha um papel na mão. – Desculpe e obrigado. Já não é necessário. Recebi hoje esta carta do rei que me levou a pedir a demissão. – Repliquei- lhe: – Sei perfeitamente o que diz essa carta. Posso repetir-lha quase frase por frase. – E diante do espanto do Hintze: – Vim no comboio com o

Afonso Costa que me disse, palavra por palavra, o que continha essa carta... – Assombro do Hintze. A cópia da carta fora mandada pelo rei aos republicanos – naturalmente ao Bernardino – antes de ser enviada ao Hintze.

Quantos Fialhos, todos diferentes, tenho conhecido pela vida fora! Este, de ventre e barbicha de bode, esta figura de que os mortos se conseguiram apoderar, agarrado à terra, conservador, discutindo com o padre da freguesia os melhoramentos da sua igreja, este é – enfim! enfim! – o descendente autêntico dos cavadores alentejanos. Custou...

As suas melhores obras – as que sonhou e nunca se resolveu a escrever – leva-as ele para a cova... De quando em quando ainda tem uma revolta:

– É horrível a minha vida na aldeia. Se não fossem os livros já me tinha suicidado. Cada vez preciso mais de ver gente e desta vida artificial de Lisboa. Na aldeia, em Cuba, não falo com ninguém, não tenho ninguém com que comunicar. São de bronze aqueles filhos da p...! E nem a mais pequena sombra de sensibilidade. E se imaginam que a gente não tem dinheiro, estamos perdidos!...

– Fuja.

– Não posso. Quem me há de tratar daquilo? E depois criei interesse às oliveiras que plantei, à vinha... Ah, mas as noites!... Tenho noites em que pego num livro e saio. Há uma estrada em volta de Cuba – e eu ali ando à roda toda a noite a falar sozinho como um condenado!

Centenário de Herculano. Missa nos Jerônimos pelo padre Matos. O S. Boaventura diz-me que, pela avó materna, é ainda parente de Herculano. – Que eram seus avós? – Pedreiros. – Efetivamente no retrato Herculano parece um pedreiro da minha aldeia; Efetivamente Herculano descende de pedreiros e toda a sua obra é a dum homem que mói e lavra com solenidade a pedra, a dum desses extraordinários montantes que metem o ferro até à raiz da fraga, racham o penedo, afeiçoam a laje, e acabam, enfim, por construir a catedral. Herculano edificou em granito – e no granito abriu pacientes e admiráveis labores... A seriedade, a obstinação, e até o amor à terra, ao azeite e ao pão, seu último ideal e refúgio, são característicos e o ideal também dessa legião de trabalho obscura, cuja alma, à força de lidar com a pedra, adquire dureza e grandeza também. Essas figuras, só osso e pele, descamadas, que partem de manhã com o saquitel e a boroa, que só pronunciam palavras graves, e ao dar

do meio-dia se descobrem e mastigam o pedaço seco de pão com um ar solene, – acabaram, enfim, por encontrar um descendente austero e grave, capaz de exprimir o universo – o que sentiram, o que sofreram e o que sonharam – e de edificar com alicerces para séculos. Tudo, até a falta de fantasia e imaginação, até o miúdo labor pacientemente trabalhado, até a casa simples, vulgar e mal repartida, até a companheira, até a austeridade, veio a Herculano dessa grande geração de pedreiros portugueses, que antes dele fizeram obra digna de homens e desapareceram para sempre no pó – mas puderam transmitir, filho atrás de pai, a solenidade e a grandeza, a quem um dia erguesse uma catedral mais vasta e com raízes mais fundas do que eles todos juntos. Mas todos trabalharam também, sabe Deus durante quantos séculos para a obra do pedreiro máximo de toda a sua geração.

José de Azevedo:

– Ano passado o rei chamou-me e pediu-me para votar o projeto da União Vinícola. Disse- lhe logo: – Não, meu senhor, não voto. E V. Majestade pede-me isso porque não sabe de que se trata. O projeto é ruinoso.

Abril – 1910

O Fernando de Serpa, agora em foco por causa das cartas que o Afonso Costa leu no Parlamento e se têm publicado *n’O Mundo* – esteve estes dias para se suicidar. A mulher não dorme e o irmão dela entrou hoje *n’O Imparcial* e disse ao José de Azevedo: – Se isto assim continua minha irmã endoidece, e se minha irmã endoidece eu mato o Afonso Costa. – Segundo ele, esse Fernando de Serpa, que se metia em tantos negócios, deve afinal quinze contos de réis e tem agora os seus vencimentos suspensos...

Porque o José de Azevedo não foi ministro com o Hintze:

– O Hintze tinha por mim uma grande admiração, mas nunca me fez ministro, porque a sua vida econômica andava muito atrapalhada e um dia em que me mostraram uma lista de pares que ele ia fazer, entre os quais estava o meu nome, eu disse: – Mas isso não é uma lista de pares – é uma lista de credores. – Soube-o logo e nunca me perdoou.

Quem roubou ao Paçô as célebres cartas de que Afonso Costa se serviu no parlamento foi o criado Américo. Soube-o hoje por acaso. O Urbano Rodrigues,

vendo um rapaz de dezesseis anos na redação d'*O Imparcial*, disse: – Este é o criado do Paçô, que vai muito ao *Mundo* e pertence às associações secretas.

– O José Luciano foi sempre um homem pernicioso – diz o José de Azevedo.

– Enquanto for uma sombra há de mandar – conclui o Fuschini. E acrescenta: – Quem manda é o seu salão, onde se fazem os negócios mais escuros e porcos deste país.

– Esse ministro italiano que aí está – conta o José de Azevedo – foi um dos que mais concorreu para salvar Dreyfus. Paulucci, então secretário de legação em Paris, viu os documentos da embaixada e convenceu-se da inocência de Dreyfus. Falou ao embaixador, seu tio, que lhe disse: – Proíbo-te que te metas nisso. – Não se importou. Procurou Bernard Lazare, que o recambiou para o José Reinach. – Isso é extraordinário. Vamos ter com o Max Nordau e com Zola. Reuniram-se e examinaram os documentos da legação italiana. Dos papéis não só se depreendia que era outro o traidor, mas ressaltava nítida e clara esta preciosa informação: o adido encarregado da espionagem alemã possuía a esse respeito vinte e nove cartas absolutamente decisivas. Max Nordau partiu para Berlim e pediu ao imperador da Alemanha a publicação das cartas. O imperador opôs-se. Paulucci não desanimou: foi a Roma, bateu à porta dum cardeal, pediu-lhe que o partido católico tomasse a defesa de Dreyfus inocente, o que assegurava ao catolicismo um papel triunfante no mundo; falou enfim a Leão XIII, a quem arrancou boas palavras. (E daí veio o combate da França republicana contra o clericalismo. Que outro não seria o papel da Igreja se Leão XIII se manifesta!) Nem assim Paulucci desanima. Insiste com o tio: – Pois meu tio tem nas suas mãos documentos que provam a inocência de Dreyfus e pode dormir descansado! Apresento-me como testemunha. – O embaixador conseguiu que todos os secretários fossem testemunhas no processo. Paulucci tinha doze mil e setecentos documentos (cópias) da questão Dreyfus, que arderam no último fogo da embaixada italiana no Campo de Santa Clara. Paulucci dizia muitas vezes: – Andei dois anos com febre!

José de Azevedo:

– Fui eu que maquinei e atirei com o ministério Ferreira do Amaral a terra. Tinha-me feito um agravo que, se é direto, mo pagava num conflito pessoal. Fui eu que fiz tudo. O José Luciano não queria. Procurei-o na Anadia. Obstinava-se.

Mas eu fui ao Porto – e venci. Uma tarde o Campos Henriques recebeu uma carta do Paçô, que encontrara o Tavares Festas no comboio (o Tavares Festas vinha de casa do José Luciano), carta em que lhe dizia: “Ouvi que vai formar ministério com estes nomes...”. O Campos Henriques mostrou a carta à mulher: – Olha o que me diz o Paçô... – E riu-se. No dia seguinte era chamado ao Paço e organizava o ministério, tal qual o Paçô lhe dizia na carta. Ordens de José Luciano.

1 de Maio – 1910

José de Azevedo diz a respeito do escândalo do Crédito Predial: – Não são sessenta contos que faltam, são oitocentos! A escrita está toda viciada. Venderam-se obrigações, deram-se juro entrando-se pelo capital, enfim um descalabro medonho, que se não podia fazer sem autorização dos governadores.

É um político reservado e frio? Não sei. E um homem audacioso e inteligente, que parece calmo. Mas há nele uma parte em carne viva. Sente-se a ferida sob aquela aparência forte. Escreve sem uma emenda, linguado atrás de linguado; nem hesitações nem dúvidas e um prazer que sintetiza nestas palavras: – Babo-me... Não escrevo, babo-me... – Não crê senão em si mesmo, e não deve ter um amigo, como todos os que contam apenas com as suas próprias forças. A mulher dum diplomata que viajou com ele, dizia: – As maneiras encantaram-me, os olhos meteram-me medo. – São os olhos dos Brocas.

– Sou das raras pessoas que têm assistido ao suplício dos chineses. Fui com o meu criado, a cavalo – e por sinal que desmaiou. Cortam-lhes primeiro a carne dos antebraços, depois a das pernas, depois os seios, depois os braços e as pernas pelas articulações; dão-lhes enfim um golpe no coração e acabam por os decepar. Pois durante todo o suplício atroz, os desgraçados não deram um único grito, um só gemido: erguiam a cabeça e bufavam ou mijavam-se. Mais nada. Um deles prestou-se, sorrindo, a que o fotografassem, enquanto o carrasco levantava a espada para o degolar...

Uma frase camiliana duma tia, irmã de Camilo: – Sobrinho, Deus não existe... ou embarcou!

E esta de Camilo, que tinha vindo a Lisboa muito doente, e a quem Sousa Martins, para o sacudir, começou ralhando muito. Camilo, para o José de Azevedo, depois de o médico sair:

– Vê, meu sobrinho, vê, não me perdoam o Eusébio Macário, estes filhos de boticário!

Camilo para o José de Azevedo, mostrando-lhe o filho, que já estava no primeiro período de loucura: – Veja esse desgraçado... Era um rapaz inteligente... – E depois duma pausa dolorosa: – E tudo isto porquê, sobrinho? Por ter lido as obras do Teófilo Braga.

Junho – 1910

Nos quartéis continua a fazer-se uma larga propaganda republicana. Distribuem-se aos soldados versos e folhetos.

Exemplo:

PROPAGANDA ELEIÇOEIRA DO BLOCO PREDIAL – (Música A MARSELHESA)

*Ide escravos quebrar os grilhões,
As algemas da fome homicida;
Armas prontas contra esses ladrões,
Que nos roubam a bolsa e a vida! (bis)
Nova aurora de Paz, Redenção,
Vá dourar nossos vales e cerros,
Libertando os cativos dos ferros,
Dando aos pobres a luz e o pão.*

*Avante! Lusitanos!
Largai a servidão!
Unir! Unir! contra os tiranos,
Salvemos a Nação!
Avante Lusitanos,
Salvemos a Nação.*

TARECO

E o folheto “Os Barbadões”:

“O rei D. João I da gloriosa dinastia de Avis, enamorou-se da filha de Pêro Esteves, sapateiro alentejano, conhecido pela alcunha O Barbadão; destes

amores nasceu um filho que foi conde de Barcelos e primeiro duque de Bragança; casando este com uma filha do condestável Nun'Álvares, deu origem à nobre casa que há 267 anos reina em Portugal.

A casa de Bragança foi-se engrandecendo à custa de doações régias, bens nacionais que os reis cediam em usufruto apenas, e que o capricho do soberano ou a conveniência do Estado podiam fazer voltar ao seu legítimo proprietário: A Nação.

Não foram os serviços relevantes que engrandeceram esta casa, mas as intrigas contínuas, salientando-se entre todas a que levou o glorioso infante D. Pedro à chacina de Alfarrobeira.

Com a revolução de 1640, que libertou Portugal do jugo da Espanha, o oitavo duque de Bragança foi aclamado rei com o nome de João IV; beato e poltrão liga-se aos jesuítas e, para salvar a pele e o título de rei, não hesita em negociar por intermédio do padre Antônio Vieira (jesuíta) a entrega do seu país à França, ou novamente à Espanha, a troco de o reconhecerem como rei do Brasil; a sua pessoa era tudo, o seu país era nada, Os melhores servidores do Estado foram lançados em prisões ou conduzidos ao cadafalso (o ministro Lucena, o marquês de Montalvão, Matias d'Albuquerque, vencedor de Montijo, etc.). O seu reinado foi coroado pelo presente que fez à Inglaterra, como dote de sua irmã, das cidades de Bombaim e Tânger, ricas flores de laranjeira que a infanta portuguesa levou presas ao seu vestido de noiva!

Seu filho Afonso VI, que no trono lhe sucedeu, corria de noite as ruas da cidade, com a sua púrria fidalga, assaltando os cidadãos indefesos; era doido, e disso se aproveitava seu irmão Pedro II para lhe tirar a coroa e... a mulher, com o consentimento do papa; este (Pedro II), dominado pelos jesuítas também, desterra o conde de Castelo Melhor, glorioso ministro (que por três vezes salvou Portugal da dominação espanhola), e celebra com a Inglaterra o vergonhoso tratado de Methwen, que nos tira o comércio do Oriente e nos impossibilita de montar fábricas e oficinas.

João V, que lhe sucede, gasta o ouro que do Brasil lhe vem, na construção de conventos, em festas de igreja e em presentes ao padre santo; deixa perder, sem enviar socorros, as nossas colônias da Índia, Ceilão e Oceânia, porque o dinheiro era pouco para presentear as freiras de quem fez amantes e o papa de quem se fez laçao.

José I faz morrer no cadafalso toda a família Távora, por meio de horríveis tormentos, com o pretexto de serem cúmplices na conspiração do duque de Aveiro, o que se não provou, sendo a causa verdadeira a oposição que essa família fazia aos seus amores adúlteros com a marquesa; nada escapou ao seu

furor sangüinário: nem velhos, nem mulheres, nem crianças. Para dignamente coroar o seu reinado, abandona aos mouros as cidades que possuíamos em Marrocos, e que tanto sangue português custaram.

Maria I tira o poder ao Marquês de Pombal, entrega-o aos frades e endoidece; seu filho João VI, que em seu nome governou e lhe sucedeu, foge covardemente para o Brasil abandonando o povo de que era rei, quando os franceses invadiram o país; Junot entra em Lisboa à frente de 70 soldados!!! Portugal revolta-se contra os franceses, e o rei entrega-o aos desprezos de Wellington e às brutalidades de Beresford; os ingleses, protegendo-nos, fazem-nos pior mal que os invasores: arrasam as nossas províncias, queimam as nossas fábricas, conquistam a Madeira, e impõem-nos os vergonhosos tratados de 1810, ainda piores que o de Methuen. O general Gomes Freire, por tentar libertar o país das garras inglesas, é enforcado em S. Julião da Barra; outros 17 mártires pagam com a vida, no campo de Santana, a sua dedicação patriótica. A revolução popular de 1820 salva Portugal do leopardo britânico, obriga o rei a voltar ao seu posto e liberta o exército do opróbrio de ser comandado por oficiais ingleses.

D. Miguel foi quem primeiro estabeleceu em Portugal um governo de força, à semelhança do que desejam atualmente alguns idiotas barriguistas; nada lhe faltava: as alçadas, as forcas, o cacete, 80.000 homens de tropa e um povo fanático e imbecil; contra si, em todo o país, apenas tinha alguns liberais desarmados; o seu retrato figurava nos altares, e as mães pediam-lhe a honra de lhes desflorar as filhas. Prende, enforca ou manda fuzilar toda a gente de que suspeita, mas, com toda a sua força, deixa que uma esquadra estrangeira lhe escarre na cara e no País, sem que um só tiro partisse a repelir a afronta. Este ídolo poderoso cai do seu pedestal de sangue, é corrido do trono pela revolução triunfante: seu numeroso exército pouco a pouco o foi abandonando, vindo para o lado do povo liberal, e o bronco tigre, que ao começar a guerra civil tinha 80.000 homens às suas ordens, perde a batalha de Asseiceira com os 5000 homens únicos que até esse momento lhe ficaram fiéis.

Pedro IV, o que tem a estátua no Rossio, revolta o Brasil contra Portugal, faz-se seu imperador e manda fuzilar no Rio de Janeiro os soldados portugueses à traição; corrido do Brasil, volta a Portugal a tentar fortuna, dirigindo a guerra civil contra o irmão; enquanto esta se não decide a seu favor, não tem vergonha de oferecer à Inglaterra, em troca do auxílio desta, o pouco que nos restava do nosso império indiano.

Maria II para se aguentar no trono chama marujos ingleses e 30.000 soldados de Espanha; faz invadir a sua pátria e assassinar o seu povo, para satisfação do seu orgulho de rainha liberal.

Pedro V não pôde passar sem irmãs de caridade, e deixa que mansamente de novo se estabeleçam entre nós as congregações religiosas; novamente um almirante estrangeiro (Lavaud) nos faz o mesmo que Roussin fizera em tempo de D. Miguel.

Luís I arvora o cinismo em governo e faz reinar a bandalheira; deixa que na conferência de Berlim nos roubem a maior parte do nosso território Africano, e conduz o país à bancarrota que estala pouco tempo depois da subida ao trono de seu filho Carlos. Este, esbofeteado pela Inglaterra, curva-se rasteiramente, chama piolheira à nação que lhe paga, e... rouba-a; rouba-lhe o seu dinheiro e rouba-lhe a liberdade; no seu reinado perdemos vastos territórios nas nossas colônias de Moçambique, Angola e Guiné. O seu último ministro João Franco, que queria pôr tudo isto no chão atirou com ele ao chão. Seu filho Manuel II que lhe sucedeu, com sua bela e radiosa mocidade, já deu a seu povo uma esplêndida amostra do muito amor que lhe tem: a chacina de 5 de Abril (14 mortos e 100 feridos!); em troca o seu primeiro ministério entendeu que o povo lhe devia dar mais ordenado; ainda não roubou como o papá, mas paga-se melhor; passa a sua vida de rosário na mão, envergando a roupeta de jesuíta, seguindo os conselhos das fraldas femininas reacionário-palatinas.

Até hoje 14 reis da casa de Bragança têm governado o País, e como se vê são os legítimos representantes duma nação de idiotas, barriguistas e poltrões; também não resta dúvida que esta dinastia é, como tem sido, a mais sólida garantia da integridade do nosso império ultramarino. Grandes são os benefícios que a Nação lhe deve: uma dívida colossal de oitocentos mil contos, nenhuma indústria, nenhum comércio, uma agricultura atrasadíssima, um povo tuberculoso e analfabeto, esmagado com impostos à mercê dos pontapés estrangeiros; nem exército nem marinha; estradas ao abandono e *bufos* com fartura, tais são as fontes de riqueza que os Braganças nos deixam, e tudo isto por pouco dinheiro, baratinho: 365 contos por ano só para ele, mais 60 contos para a mama, outros 60 para a vovó e 16 para o titi; tem também para alfinetes 160 contos a mais por ano que o generoso Amaral lhe deu; pagamos também à sua guarda real de arqueiros, à orquestra da sua real Câmara, e ao seu *yacht*, e como isto é pouco, damos-lhe dinheiro pela honra que nos faz em alojar os seus cavalos e carros nas nossas casas e pela licença que nos deu de utilizarmos em serviço do Estado os nossos palácios; tudo isto, bem entendido, nada tem com os rendimentos da casa de Bragança que desfruta. Quando casar, se S. M. nos der essa felicidade, dar-lhe-emos mais 60 contos para os alfinetes de sua esposa; e se tiver meninos? então morreremos de alegria e daremos 20 contos anuais por cada pimpolho.

Como vêem, não é pagar cara a certeza que temos de ganhar o reino do céu pela mão do nosso radioso soberano, com a bênção de Pio X, as indulgências de Merry del Val e as preces solenes do sr. patriarca e do reverendo bispo de Beja.



Oliveira Martins

Oliveira Martins, que foi ministro de D. Carlos, diz na sua história de Portugal: Força é reconhecer que na família dos Braganças não vingou a semente da nobre raça dos Nun'Álvares; viu-se em todos eles a descendência do crasso sangue alentejano da filha do Barbadão.

Portugueses! façamos votos pela conservação desta gloriosa dinastia – Oremos – Padre-Nosso – Ave-Maria.”

Fui hoje a casa do Fernando Marfins de Carvalho consultá-lo. Não sai ainda com medo aos republicanos. É pequeno, inteligente, arguto. Está lívido.

– A rainha D. Amélia é que quis forçosamente que o ministério João Franco fosse abaixo e até se opunha a que se lavrassem os decretos como habitualmente.

– E o rei?

– O rei, como dizia o Tattenbach, não é um homem... Oh, vivemos dias horríveis! Olhe, tenho provas morais absolutas de que os republicanos quiseram assassinar o João Franco quando ele viesse de Carnide no automóvel. Há na estrada uma azinhaga: de repente uma carroça surgia, fazia parar o automóvel e os assassinos caíam-lhe em cima...

Julho – 1910

Do João de Meneses:

– Possuo documentos (que não de aparecer a seu tempo) e que provam que foi a rainha D. Amélia, de acordo com a condessa de Paris e a duquesa de Montpensier, quem introduziu as ordens religiosas no país. Foram elas que deram dinheiro para os jornais e o resto.

A dissidência, o assassinato do rei, o caso do Crédito Predial, foram golpes profundos e certeiros vibrados na monarquia. Está Efetivamente tudo minado... E os ataques dos republicanos ao juiz de instrução criminal demonstram que lhes tocou na ferida... Mas quem há aí que se queira comprometer a sério pela monarquia, sobretudo depois do exemplo de João Franco? – A um ministro foi preciso escrever-lhe uma ordem necessária “porque a mão lhe tremia...” O que resta de pé não passa de ficção. Quem manda, quem governa, mesmo na oposição, são os republicanos, que o Alpoim leva pela mão até às questões importantes. – O exército é nosso. – E o João Chagas, para convencer um oficial incrédulo, manda desfilar certa noite no Rossio os soldados dum regimento, que, por senha, um a um lhe fazem todos a continência. Sucedem-se os governos, mas a força é outra, que se sente por trás do cenário... O José de Azevedo desafiava-os:

– Venham para a rua! – Fiado em quê? O pacto de Vila Viçosa Efetivamente existe? Já o João Franco dizia também com arrogância: – Se podem fazer a república façam-na depressa, porque daqui a dois anos garanto-lhes que a não fazem. – Mas será este rei um chefe? – pergunta necessária e decisiva, a que os próprios monárquicos respondem desta forma *n’O Liberal*:

“O rei de Portugal está exautorado, está reduzido a uma chancela de quem lhe bate os pés. “Podia ser um rei, e é um simulacro da realeza.

“Em tempo algum se curvaram os reis perante ameaças de qualquer natureza e ainda menos quando tendentes a esquecer os nossos protestos e juramentos a que está ligada a própria dignidade e a honra duma nação.



Teixeira de Sousa

“Pode asseverar-se que o sr. D. Manuel não chegou a ser rei. No momento em que se esqueceu do que devia à sua dignidade e à de nós todos, que lhe confiamos um cargo que é incapaz de conservar sem o deixar cair, o sr. D. Manuel deixou de ser rei.”

A excitação política não tem diminuído, e o Teixeira de Sousa, no poder, ignora tudo o que o juiz de instrução repete a quem o quer ouvir: – Estamos sobre um vulcão!

– A audácia dos republicanos todos os dias aumenta: – Lisboa é nossa! – exclama Chagas. – Se os republicanos fizessem um comício no alto da Avenida e viessem por ali abaixo, a república estava feita! – afirma o Silva Graça. E o Porto e a província? – pergunto eu ao Chagas. – Que me importa a

provincia! Que importa mesmo o Porto! – A república fazemo-la depois pelo telégrafo. – Outro diz-me: – A Marinha está toda conosco. Tem havido ocasiões em que a esquadilha do Algarve nos pertence, desde o oficial mais graduado até ao último fogueiro. O difícil tem sido contê-los... – Todos os dias corre um boato e a agitação popular aumenta pela carestia de vida. Que vai sair daqui? Uma grande revolução, o terror, mortes?... – Não, sosseguem, quando se fizer a república – já o anunciou há anos o pontífice máximo Guerra Junqueiro – o que se há de ouvir não é um grande ruído de espadas, é um grande ruído de talheres...

PREÇO DA VIDA

Pão – quilo	90
Carne de segunda qualidade	300
Carne limpa	600
Vitela	800
Carne de porco	480
Toucinho	320
Banha	320
Açúcar pilé	240
Bacalhau	200
Massas	150
Arroz	120
Manteiga	800
Ovos – dúzia	250
Feijão branco – litro	70
Petróleo	90
Leite	100
Feijão frade	50
Feijão da ilha (manteiga)	100
Azeite	400
Carvão – arroba	300
Uma pescada	500
Um vestido de senhora	30\$000
Um fato de homem	20\$000
Um par de botas	4\$000
Média do aluguer dum andar, por semestre (casa para uma família da mediania)	120\$000

A SOCIEDADE ELEGANTE

Rodeiam a rainha o Figueiró e a Figueiró, e algumas relações íntimas da Figueiró e Sabugosa; e o rei, o Ficalho, alguns velhos com ofício na corte, como o marquês de Alvito, o conde de Vila Nova de Cerveira, que, ao que se disse, morreu por ser preterido pelo conde de Sabugosa, por influência da rainha – o que é redondamente falso: D. Pedro de Noronha, vulgo o Paço de Arcos, morreu de velho. Era um homem sem cultura, e tinha oitenta e seis anos quando foi preciso nomear novo mordomo-mor por morte do Ficalho. Acompanham o rei no *yacht* o Fernando de Serpa, o Manuel Figueira, o Pinto Basto (Nico), Malaquias de Lemos, o Queirós, que passou por ser a alma danada do Paço, e que na realidade tinha um certo jeito para disciplinar soldados, montar a cavalo, dirigir esperas de touros – e mais nada; algumas vezes o major Santos, feitor da Bacalhoa, e o Soveral que, quando estava em Lisboa, era o menino bonito da corte, onde tinham influência o Bernardo Pindela, o Caldeira, comandante do *yacht*, e poucos mais.

A seguir ao Paço podem citar-se os Palmelas, em casa de quem se dava beija-mão aos criados e às criadas, se isto não é uma lenda como outras... Era uma pequena corte. Ela, a duquesa, viveu sempre entre coisas belas; ele, o duque, era um apagado guarda-livros. Só recebiam raros parentes, e a duquesa toda a vida detestou os Sousa Holstein. No tempo de D. Luís ainda muita gente nobre mantinha uma grande linha, que se foi pouco a pouco apagando: os Penafieis, que então fizeram uma vida brilhante; o marquês de Viana, cujo palácio se vendeu ao marquês da Praia. – Aquela gente nem sabe acender um lustre, dizia o velho marquês ao falar desses morgadotes da ilha... “– Os condes de Lumiares davam belas festas no seu palácio. Abriam-se as janelas, apagavam-se os milhares de lustres e continuava-se a conversa até à missa das almas na capela próxima. Chamavam-se essas festas “rosas divinas”. Debutou aí, nas salas de Lisboa, Luís de Soveral. No rés-do-chão do seu palácio davam pequenas partidas os Castelos Melhor. Tocava o seu amigo Bontempo e juntavam-se alguns políticos, entre os quais o Manuel Vaz Preto.

No fim do reinado de D. Luís já a maior parte dos palácios de Lisboa ou tinham sido alugados ou mudado de dono. No palácio de Tancos estava o colégio do dr. Sicuro; no dos viscondes de Asseca instalou-se o visconde de Ouguela e depois uma fábrica; o dos condes de Murça transformou-se numa escola; o do marquês de Abrantes – que ocupava apenas um recanto – foi alugado pela legação da França; o dos condes barões, no largo do mesmo nome, passou a uma família de judeus, barão de Vila de Foz Côa; o dos Almadãs Carvalhais, senhores de Ílhavo, à Empresa Editora; no do conde da Ribeira, de quem o rei dizia que era o homem mais honesto do seu tempo, e que morava na casa dos Mordomos, instalou-se o colégio Arriaga. Já os Angejas, representados pelo conde de

Peniche, tinham deixado o palácio de S. Lázaro, que depois ardeu, e o visconde de Sampaio mudara para a Rua de S. Vicente. Os condes de Valadares e Povolide haviam vendido ao Burnay o palácio das Portas de Santo Antão e retirado para a província. O palácio dos condes de Paraty é hoje escola municipal; no dos condes da Ponte, à Boa Morte, habitou o general Palmeirim, e no dos condes de Farrobo mora Monteiro Milhões, que também comprou as Laranjeiras, vendidas depois sucessivamente até caírem nas mãos do conde de Burnay. O palácio dos Castelos Melhor passou às mãos do marquês da Foz, que ali deu algumas festas suntuosas. Mas a mais brilhante, a que deixou grande impressão na gente da época, foi o célebre baile das Chagas, na antiga residência, antes de mudar para o palácio da Avenida. Nesse baile se exibiram todas as preciosidades que o marquês adquirira – quadros, baixe-las Germain, etc. Romperam-se os tetos da sala de baile, para se construir uma galeria onde tocaram os músicos, acompanhados pelo coro de S. Carlos. Aí começou também o marquês a arruinar-se. Gastou, gastou... Só as grades de ferro do corrimão do palácio da Avenida custaram noventa e cinco contos. O marquês chegou a ter cem contos de renda.

Muitas outras famílias ilustres ocupavam, retiradas da vida mundana, os seus palácios: o conde das Alcáçovas, na Rua da Cruz dos Poiais, o marquês de Pombal na Rua Formosa, os marqueses de Penalva, etc. Os condes de Sabugosa, numa residência que o conde tornou encantadora, recebiam ainda com brilho. Na Rua Formosa existia também o salão da sr.a D. Maria Kruz Brito, que no seu gênero foi o único comparável aos salões da Restauração e 2º Império, de Paris. Sua filha, a condessa de Ficalho, no solarengo palácio dos Melos de Serpa, aos Caetanos, reunia a fina flor da elegância em certos dias da semana (segundas-feiras). É o palácio ainda hoje ocupado por D. Maria de Melo, condessa de Ficalho. O destruído e inabitável palácio da Rosa, solar dos viscondes de Vila Nova de Cerveira, marqueses de Ponte de Lima, ressurgiu pelos esforços do atual marquês de Castelo Melhor, visconde da Várzea, pelo seu casamento com a herdeira das casas Castelo Melhor e Ponte de Lima, e ali se deram e dão esplêndidas festas.

Citam-se como as mulheres mais lindas dessa época – fim do reinado de D. Luís e princípio de D. Carlos – a duquesa de Palmela, a condessa de Penamacor, a condessa de Ficalho, a condessa de Vila Real e Melo, e a formosíssima D. Ana de Sousa Coutinho, filha do Conde de Linhares, portanto neta da Senhora Infanta D. Ana de Jesus Maria, dama da rainha, e pelo espírito, pelo talento, a condessa de Rio Maior (mãe), a marquesa sua nora, filha dos marqueses da Bemposta Suberra (Saint-Léger) e tantas outras sumidas ou desaparecidas no turbilhão da vida.

Uns pobres, outros mortos, outros arredados, deram lugar a esta sociedade mais mesclada, a gente de dinheiro, a gente que enriquece, alguns nobres de

mistura, alguns fidalgotes feitos à última hora, e a uma certa roda que se diverte, citada nos jornais, e que constitui em toda a parte o que se chama a sociedade elegante. Uma senhora de espírito dividia a sociedade portuguesa em aristocracia, *smart set*, alto pirismo (pirismo, é claro, vem de Pires), baixo pirismo e povo. “Esta ideia veio-me – diz ela – dum visita que recebemos um dia e que muito nos impressionou: num grupo de automobilistas do Monte Estoril nossos conhecidos, tinha vindo a E., aquele sítio apartado à beira-mar, onde já o nosso pai costumava passar o Verão, uma menina da boa sociedade de Cascais. Essa menina, dizia minha irmã cheia de estranheza, que nunca tinha vindo àquela casa, esteve durante toda a tarde exclusivamente a namorar um dos tais automobilistas, e nem antes nem depois, nem nunca, esboçou para com os donos da casa um leve sorriso de agradecimento! Porquê numa menina tão fina tanta “falta de chá!...”? Porquê entre elas e as meninas finas nossas conhecidas com mais intimidade, tamanha diferença?... Foi assim por comparações estabelecidas e deduções tiradas, que concluímos em dividir as classes da sociedade atual em aristocracia, *smart set*, alto pirismo, baixo pirismo e povo.

“É inútil explicar o que se entende por aristocracia e povo. Cada uma destas classes, no seu extremo oposto, está suficientemente definida por sua própria natureza. Baixo pirismo é nome novo para a baixa burguesia, classe de que tanto, com tanta graça, e tanta verdade, se ocupou Gervásio Lobato. Alto pirismo... alto pirismo, somos nós por exemplo, as manas da descoberta, muito bem acompanhadas por todas as nossas amigas e por quase todos os nossos conhecimentos, mais ou menos endinheirados (há de tudo!), de maior ou menor bom gosto e cultura. Classe numerosíssima, em que está incluída toda a boa gente que cuida de ser bem educadinha e agradável e que trata de sustentar, por um alevantado valor cívico –que muitas vezes é inconsciente...! – as regras, os preconceitos, as convenções, de que uma sociedade bem organizada não pode prescindir.

“Há alguns grupos no alto pirismo, muitíssimo agradáveis – se nele incluímos tanta gente!... – em que se cultiva ainda a boa conversa, em que, sem sombra de pedantismo, se discutem livros, ideias, arte, e em que ninguém sente saudades de jogar o bridge. Mas há outros grupos, em que nas festas os homens não estão na mesma sala em que estão as senhoras, festas em que só dança, e pouco, a gente muito nova, e em que as meninas, nada interessantes, mas com aquele ar de timidez e de recato que tanto agrada aos portugueses à volta dum viagem pelo estrangeiro, namoram pelos processos arcaicos, sob os olhares mais ou menos adormecidos da mamã. Festas essas em que, a alturas tantas, nós, com a certeza absoluta de que o relógio está parado, começamos a sentir verdadeiro ódio pelas begônias artificiais – ainda se encontram! – que ornamentam a *étagère*, e que cresceram em leque de dentro dum espécie de musgo seco, muito mal imitado; festas em que só pela muita força da boa

educação recebida nos obrigamos a trocar umas palavras vazias de interesse, por uma contorção difícil e dolorosa do corpo, com a senhora gorda que está sentada no borne atrás de nós! (Também ainda se encontram muitos bornes!!)

“São estes grupos do alto pirismo, é preciso dizer a verdade toda, que nos enchem precocemente a cabeça de cabelos brancos.

“A *smart set* (cá está a tal menina que apareceu na F...) foi certamente organizada em Cascais. Deve ter nascido na Parada... – e foi fundada provavelmente por um pequeno número de aristocratas neurastênicos e comodistas, aos quais logo, muito contentes, se agregaram por facilidades de convivência e porque os souberam imitar, alguns membros do alto pirismo. Hoje é uma classe bastante numerosa e certamente a mais chique. Distingue-se das outras por várias coisas; por exemplo: desprezo absoluto pela prudente instituição do *chaperon* (esses entretêm-se com o *bluff*) – desprezo absoluto pelas boas maneiras, pela cortesia corrente (só se cumprimentam as pessoas que passem perto e essas mesmas com marcada indiferença) – ignorância completa das regras da gramática (isso seria “falar difícil”!) e da ortografia. Cultivam só o corpo diplomático e a religião; vestem bem, jogam muito, dançam muito e bem, e flirtam na perfeição. Votaram ao ostracismo algumas palavras que nós dizemos e que são pessidônias como: chávena, trem, farmácia, carnaval, etc., etc., etc. Tratam-se todos por “você”: alguns têm muita piada e usam todos um ar muito chateado. (É da praxe, o calão.) A *smart* diverte-se.., mas não sabe sorrir.”

Esta sociedade, que anda todos os dias nos jornais, vem do alto até abaixo, da aristocracia ao povo, forma uma lista infindável, tem um cronista célebre, Luís Trigueiros, e pode ser vista às tardes no *Dia* e de manhã no *Diário Nacional*. Dessa lista destacam-se algumas senhoras: Branca de Gonta Colaço, poetisa distinta, voz de ouro, herdada do pai, bonita a valer e sempre apaixonada pelo marido, o artista Jorge Colaço; Madalena Trigueiros de Martel Patrício, pequenina, vivíssima compleição de artista, gostos aristocráticos, fazendo versos em francês e duma alegria comunicativa; Elisa Batista de Sousa Pedroso, pianista eximia, sempre em concertos, em récitas de caridade, em festas que dá em sua casa e onde reúne uma sociedade mesclada de artistas, diplomatas, aristocratas e políticos; Sara da Mota Vieira Marques, voz rica e ciência no cantar, só rivalizando com a ciência de receber: o seu salão pode considerar-se um dos poucos refúgios dos últimos dez anos, no dizer dos seus amigos; Adelaide Coelho da Cunha, esposa do diretor do *Diário de Notícias*, grande organizadora de festas, no seu palácio a S. Vicente de Fora, festas dramáticas duma grande riqueza de apresentação e *mise-en-scène*; a malograda Ada Weinstein, a esposa do conhecido banqueiro, recitando maravilhosamente, vestindo com suprema distinção, bonita, elegante, cheia de charme; Cândida da Nova Kendall, formosura triunfante, que passou pela sociedade lisboeta como

um meteoro louro, cantou como um rouxinol, e voou para terras de Santa Cruz, sua pátria: ela a bem dizer tinha duas pátrias: Baía-Paris; Alda Decken Lino, figurinha de madona, de bandós negros e olhos transparentes, mulher do arquiteto Raul Lino; Maria Emília Macieira Lino, cantora e organizadora de soirées artísticas com representações de autos de Gil Vicente; Alice Munró dos Anjos, dando festas na sua casa da Praça dos Restauradores, onde se dança alegremente, presididas pelas suas filhas, a linda condessa de Arnoso e a simpática condessa de S. Lourenço; Luzia Patrício de Balsemão, grande linha de elegância, certa em todas as premièeres; Irene Gilman, filha de Tomás Ribeiro, loura, inteligente, maliciosa e dançando maravilhosamente; Cristina Resende da Silva, duma beleza e elegância patricias; Elisa Baerlein; Conceição de Carvalho, filha de Mariano, organizadora de festas artísticas, para que escrevia peças, em casa de seus sogros os viscondes de Carnaxide, bonita e inteligente; Zulmira Franco Teixeira, pequenina, duma requintada elegância, fazendo versos, como sua irmã a condessa de Almeida Araújo, etc., etc.

A sociedade lisboeta tinha dois pontos principais de contacto – Cascais e o Teatro de S. Carlos. Era aí que os ricos, ou os que aparentavam, procuravam impor-se a certa roda, que dificilmente os recebia.

De 1880 para cá as empresas sucedem-se em S. Carlos como os ministérios progressista e regenerador, e Valdez disputa com Freitas Brito a vinda a Lisboa das grandes celebridades. Se Valdez traz Masini, Patti, Devriés, Vidal, Castel Mary, Devoyod, Cotogni, a trágica Ristori, a Regina Pacini, Novelli, De Bassini, que passou por amante duma rainha (ver Fialho), os irmãos Andrades, etc., Freitas Brito apresenta Varesi, Gayarre, Rapp, irmãos De Reské, Navarini, Tetrzzini, Theodorini, GabrieleSCO, Nevada, Kaschmann, Sarah Bernhardt, Marini, Ristori, Salvini, Rossi, Dereins, Sherie, Belincioni, Ferrani, Darclée, Tamagno, Borghi-Mamo (Ermínia), barítonos Aldighieri, Pandolfini, Saloni, Arkel, maestros Gula, Delmau, tenor De Marchi, Morconi, Sarasate, e tantos outros. Os partidários de Freitas Brito pateavam sempre na época de Valdez, os de Valdez na época de Freitas Brito – o que não os impedia de se juntarem em jantares semanais, a que assistiam os dois empresários. A estas duas empresas segue Pacini, que faz fortuna. E nessa época que S. Carlos se transforma num grande salão. Vêm a Lisboa os reis e presidentes de repúblicas. O número de récitas aumenta, a assinatura aumenta, Pacini dá cinquenta récitas de assinatura, vinte e quatro extraordinárias e doze extraordinaríssimas, a que o público chama dos Sebastões, e no palco desfilam Belincioni, Krucinisky, De Lerma, Renaud, Tita Ruffo, Lassalle, etc., etc. Segue-se Anahóry, com a carruagem, o charuto, Wagner – e o desastre.

Aí está todo o mundo literário e elegante, nos camarotes ou na plateia, toda a Lisboa como se diz nos jornais: Carlos de Freitas Jácome, antigo diletante, e que se julgava pai da Patti, Freitas Rego, o Príncipe Negro, conquistador irresistível, D. Luís da Câmara, o conde de Mesquitela e Antônio de Brito, que formavam um grupo, de que Bordalo fez três medalhões, para distribuir pelos assinantes de S. Carlos; Joaquim Pessoa, do *Diário de Notícias*, apaixonado da Baresi; José Sáragga, crítico do *Jornal do Comércio*; o fantástico Eduardo Cheira; Mr. Garaty e mulher, assinantes crônicos de S. Carlos, ele muito baixo, ela muito alta; dr. Patrocínio, professor de matemática, com uma paixão assolapada pela cantora Pasqua; Antônio da Costa e Silva, um dos mais elegantes rapazes de Lisboa; Alfredo Anjos, enamorado da Devriés, e que na noite do seu benefício lhe mandou compor um deslumbrante jardim natural para o 3º ato do Fausto; Francisco da Fonseca Benevides e esposa, o autor do estudo histórico O Real Teatro de S. Carlos de Lisboa (récitas ímpares numa frisa, récitas pares numa torrinha), Freitas Branco, Silva Canelas, Jaime Artur da Costa Pinto, que foi diretor da sociedade lírica que se fundou em S. Carlos com o Pacini pai; Mota Marques, que casou com a cantora Mecocci; May Figueira, o exótico marquês de Franco, e Silva Carvalho, todos três adoradores do corpo de baile; Custódio Borja, José Bacelar e Ottolini da Veiga, com mania de canto e voz de baixo – e que duma vez, corrido pelo público, a quem fizera um manguito, fugiu no comboio para o Porto, ainda vestido de frade, com o fraque enfiado por cima –; Eduardo Cordeiro e Augusto Ribeiro, enorme e sempre com muitos calos; Dantas Baracho; Eduardo Tavares; Espregueira e mulher numa frisa; José Martinho da Silva Guimarães; o Guerra, pai das meninas Guerras; o barão da Regaleira, Antônio Duarte da Cruz Pinto, Agostinho Franco, José de Alpoim, Rufino de Almeida, o padeiro gordíssimo de S. Carlos, etc., etc., e numa torrinha, que ficou na tradição, a 115, o Antônio Manuel Teixeira, depois secretário de S. Luís de Braga, o Luís Campeão e o Oliveira, chamado das cautelas de 25: era daí que partiam sempre os aplausos ou as pateadas monumentais.

Nos camarotes e nas frisas, as lindas sobrinhas do marquês de Franco, Falcarreiras; a lindíssima baronesa da Regaleira; e a mais bela mulher de todos os tempos, já velha e sempre decotada, a duquesa de Ávila e Bolama; Espregueira, que foi a primeira que se apresentou com vestidos sem ombros, ostentando magníficos colares de brilhantes; Moreira Marques; a condessa de Figueiró; a condessa de Taveira, acompanhada pelo marido, sempre de casaca com botões amarelos; a condessa de Edla, o gentilíssimo pajem do *Baile de Máscaras*, – de cantora a rainha –; Potier, loira ideal, que casou com o filho de Monteiro Milhões; a duquesa de Palmela; a condessa de Alferrarede; a condessa de Alverca; a viscondessa de Idanha, a de S. Luís de Braga, etc., etc., e no camarote de boca de 3ª ordem nº 70 – esta Lisboa foi sempre monumental! – a Antônia Moreno com as suas espanholas, pilar do Estado, necessário e decerto muito mais útil que a Junta do Crédito Público. Essa mulher acabou deixando por testamenteiro Frederico Arouca, que repudiou a fortuna que ela

lhe legou, depois de passar para alguns camarotes brasonados de fresco uma ou outra das suas mais lindas pupilas...

“Cascais, com a adjacência dos Estoris, – diz-me Henrique de Vasconcelos – era a corte na intimidade, em robe-de-chambre, mais fáceis as relações, mais acessíveis e amáveis, tu cá, tu lá. Quase tudo gente do rei, que ia para lá cedo, por meados de Setembro, cansados de Sintra onde D. Carlos raro pernoitava, fugindo, a pretexto de tudo e de nada, à convivência da rainha e da Figueiró. A separação do rei e da rainha, segundo me informaram, proviera desta dama, que lançou entre eles a cizânia. Conheci-a ainda linda e elegante, um pouco roliça, de olhos aveludados e lábios vermelhos: nos últimos anos engordara, e banalizara-se. Tinha a fúria do domínio, e rodeava-a uma corte em que ela mandava e da qual fazia parte um diplomata mais tarde em evidência. Passava por ter relações anormais com a rainha... O marido, pouco esperto, só tinha como ideal ser ministro plenipotenciário e par do reino. Em Cascais, a rainha não se vulgarizava. Saía a cavalo enquanto pôde montar. Tinha varizes nas pernas – informou um dia o D. Afonso. No meu tempo não andava de barco, passeava de carruagem, descendo às vezes para andar a pé. Dava as suas recepções à tarde, principalmente em véspera de festa, para serem apresentadas pessoas que desejavam ir aos bailes, e que em Cascais mais facilmente obtinham o convite e a apresentação preliminar indispensável, que o conde da Ribeira, quando estava de serviço, facilitava extraordinariamente. A Figueiró voltava para Sintra logo que acabava o serviço.

O D. Carlos fazia vida higiênica de madrugador, tirava fotografias, pintava ligeiramente algumas marinhas, sentindo o mar. Logo de manhã, saía de carro ou a cavalo, com chuva ou com sol (demorava-se até meados de Novembro em Cascais), ou ia à procura de senhoras que ele perseguia. Tivera, pelo menos um ano, numa vila do Monte Estoril, uma amante, mas isso não o dispensava de querer que o julgassem homem de boas fortunas. Escrevia a miúdo a outras damas, em caligrafia disfarçada, cartas em prosa e verso à mistura, quase sempre em francês. Eram muito tolas. Vi algumas e podia ter guardado uma, que rasguei. Serviam-no dois alcoviteiros ilustres, que o faziam encontrar-se com as mulheres que lhe agradavam. Outro chegou a dar um baile, para que o rei conhecesse uma senhora da burguesia média atrás de quem andou anos.

lam ao Sporting Club, mais conhecido pela Parada, jogar o ténis. Não havia escolha nos parceiros. O almirante Capelo, o explorador, ficava com o sobretudo do rei no braço, enquanto ele jogava. D. Carlos era um tímido, falava pouco, nunca olhava de frente: seus pequenos olhos claros evitavam sempre os dos outros.

A Parada era a capital do reino de Cascais. Aí se reunia a flor da Aristocracia e o ingresso como sócio não era fácil. Só nos últimos tempos é que o Tompson, a

quem chamavam moço fidalgo, facilitou a entrada. Aos domingos davam-se *salsifrés* à noite, e todos os anos um grande baile, a que assistia o rei, que distribuía os parceiros e dançava uma contradança. A rainha, se ia não se demorava. Nos dias de semana, poucas pessoas lá estavam, preferindo os cassinos à beira-mar, principalmente o Estoril.

O rei, todas as tardes, ia para a Boca do Inferno e quedava-se ali, se encontrava algumas senhoras que o interessassem. Por isso chegaram a chamar ao D. Carlos o balão cativo...

O rei mal recebia os ministros, de que se desfazia logo que lhe era possível. Não se demoravam em Cascais, não os convidava para assistir, sequer, às partidas. Teve duma vez, como hóspede, o Soveral. Não lhe conheci nenhum outro.

O D. Afonso ia cedo para o Monte Estoril, para a vila sobre o mar, que ali possuía a mãe. Descia à praia, com uma grande simplicidade de maneiras. Falava pouco, era bom rapaz, e a maior manifestação intelectual que lhe conheci foi anticlerical. Vestia-se sumariamente: uma camisola azul, casaco e calça da mesma cor e boné. Assim andava, de manhã até à noite. Às vezes ia ao mar, e os barqueiros gostavam dele. Nunca tinha vintém. Os ajudantes ou oficiais às ordens não lhe emprestavam dinheiro, porque sabiam que ele não lhes pagava.

Não era dado a senhoras – preferia as outras... Certa condessa é que conseguiu ser amante dele, porque conhecia todas as maneiras de conquistar um homem. Deu um baile para que convidou o infante e a fina flor. O marido estava encantado. Nenhuma moral em nenhum deles. Ele era muito cioso da sua nobreza e gostava de parecer. Ela queria gozar a vida. O A..., que foi seu amante, contou-me que em Madrid ela dissera duma vez ao marido, que não tinha um ceitil quando casou: “Tu, para chulo, és caro demais!”

Em Cascais era difícil chegar a vias de fato com uma mulher. Meio pequeno, coscuvilheiro, maldoso, maldizente. Não se falava senão nesta ou naquela, em escândalos, repetindo-se os ditos de ouvido para ouvido ou acentuando-se as infâmias. A M... foi apanhada no pinhal dos Olivais numa atitude equivocada... A S... faz namoro descarado ao rei... Mas as coisas arranjavam-se para Lisboa. Vinham ao dentista, às compras, etc. A forçada e grande intimidade estabelecida, de manhã na praia, à tarde na Boca do Inferno, onde toda a gente ia, apesar do vento e da poeira, na Parada ou à boquinha da noite no passeio Maria Pia, junto à cidadela, onde às vezes fazia uma ventania infernal, à noite nos cassinos, ou nalguma partida de bridge, a vida quase em comum e os namoros travados, o ar do mar que desequilibra os nervos e torna os amores exigentes, fizeram tecer muitas aventuras escandalosas. Um ainda fugiu a

tempo com a mulher, que, já madura, esteve em vésperas de cair.... Nunca mais voltou a Cascais.

As ceias nos bailes eram pugnas. Vi isso até no Paço. Uma descendente de D. João IV, vi-a eu agarrar-se a um bufete, com unhas e dentes. Em certas casas, as ceias nunca chegavam. Uma madrugada, num baile do M..., chegou a iniciar-se a luta... A alta sociedade era, em regra, pelintra. As grandes famílias tinham gasto as fortunas, e muitas não queriam, ou não podiam, dar bailes. Só tinham dívidas. Não era possível deixar de ir a S. Carlos e de satisfazer outras exigências. Havia-os com atrizes com dezesseis anos de assinatura... Fora o Palmela e poucos mais, não recebiam, porque de todo não podiam. E, se o faziam, era sem cerimônia. Não havia dinheiro! não havia dinheiro!

Descaiam muito os fidalgos, mas obstinavam-se sempre em parecer. Um oficial jogador e pai de uma série de filhos, mandava a miúdo incomodar D. Carlos... Todos os seus fâmulos lhe extorquiam dinheiro, quanto podiam. Choravam, punham-se de joelhos, contavam-lhe misérias reais ou falsas. Tive, em Cascais, semanas, uma arca com prata para fugir a uma penhora iminente... Um grande fidalgo, no fim de algum tempo, despediu os criados – mas nunca pagou a nenhum. Outro chegou a não ter que jantar, porque o merceeiro não lhe fiava, ninguém lhe fiava, mas bebia todos os dias garrafas de champanhe.

Havia mancebias antigas e tão respeitáveis como o casamento, assim, por exemplo, F... e F... Já ninguém convidava uma sem o outro.

Quer que lhe fale também da gente que fingia de nobre, da burguesia vaidosa e que fazia mexerico para ser convidada? A mulher dum grande industrial conseguiu entrar na casa dum fidalgo, onde ia toda a gente, da grande e da baixa. Convidou- a para jantar, para o teatro, e andava contente como um cuco. Um dia não a convidou mais. Chorou. Isto foi-me afirmado por uma amiga que o viu. Era uma dama muito linda, com um soberbo colo, mas com o cérebro duma arara...”

Aí fica o quadro levemente esboçado por um frequentador de Cascais. Tudo isto é frívolo e trágico. Lembremo-nos que desta maledicência, dos ditos das bocas que sorriem, da ninharia e do encanto, se gerou em parte a atmosfera donde devia sair o descrédito da rainha e o assassinato do rei.

O MUNDO POLÍTICO

Novembro – 1918

Os acontecimentos dos últimos reinados afiguraram-se-me sempre faltos de lógica e de nexos. Estão talvez muito perto de nós ainda: precisam de perspectiva que os coloque nos seus devidos lugares. Só o historiador poderá criar mais tarde, com documentos e memórias, e certa aparência de verdade, o romance da nossa vida. Nós, por ora não sabemos nada, nem mesmo dar resposta plausível às perguntas que nos obsidiam... Porque foi, por exemplo, morto D. Carlos? E fora de dúvida que até os monárquicos receberam com alegria a sua morte. “Não vi lágrimas” – diz Júlio de Vilhena. Eu avanço mais: só vi aplausos. E no entanto já hoje se pode afirmar sem erro que D. Carlos não foi morto pelos seus defeitos, mas pelas suas qualidades. Respirou-se! respirou-se! – o que não impede que, a cada ano que passa, esta figura cresça, a ponto de me parecer um dos maiores reis da sua dinastia. Já redobra de proporções e não se tira do horizonte da nossa consciência. O rei tinha na verdade defeitos, mas – diga-se! diga-se! – não foram os seus defeitos que o mataram, foram as suas qualidades. Só o assassinaram quando ele tomou a sério o seu papel de reinar, e quando, com João Franco, quis realizar dentro da monarquia o sonho de Portugal Maior. Foi esse o momento em que, pela primeira vez na história, os monárquicos aplaudiram um crime que os deixava sem chefe, e se abriram de par em par as portas das prisões, congraçando-se todos os políticos sobre os corpos ainda momos dos dois desventurados.

O D. Luís pôde ir até ao fim do seu reinado, porque ele próprio o disse – “um príncipe é um dissimulador”. Mas D. Carlos é que não foi nunca um dissimulador. D. Carlos desprezava os políticos. Dizia: – Tu ouve-los falar? Se leses as cartas que me escrevem, enchias-te de nojo. – Essas cartas existem... Na verdade toda a gente dizia mal da política e desprezava os políticos: só ele os não podia desprezar. É autêntico também que no seu desdém chegou a envolver o país. Toda a gente, desde o literato ao homem rude, dizia mal do país. Tempo ouve em que foi moda dizê-lo. Só ele não devia dizer mal do país. Realmente pediu muito dinheiro aos políticos, mas os políticos pediram muito mais dinheiro à nação, dando cabo dele com as suas clientelas. E ninguém lhes tomou nunca contas: todos morreram honrados. Hintze passou por ser um homem íntegro. José Luciano também. Pessoalmente decerto, mas com o que ambos eles esbanjaram reconstruía-se o país de alto a baixo. O partido regenerador tinha tal fama que se dizia em Lisboa: “quem não é regenerador é ladrão de si mesmo”. Na realidade não havia a esse tempo – porque hoje tudo mudou de figura – senão um partido em Portugal capaz de sacrifícios, o partido republicano: os outros, para me servir da frase tão justa de Homem Cristo, eram apenas “quadrilhas políticas”. Ser político em Portugal foi a mais rendosa de

todas as indústrias. “Logo que chega ao poder um chefe de partido não pensa senão em explorar o país em proveito das suas clientelas. O Estado é a presa dos políticos... Se eu pudesse encontrar um homem íntegro que pudesse modificar tudo isto dar-lhe-ia todo o meu apoio.”

Parecia que o próprio país na verdade só queria comer: – Pedem tudo! pedem as maiores poucas-vergonhas! – exclamava o Alpoim; e o dr. Antônio Cabral escrevia:

“No tempo da monarquia essa mesma maioria acomodática e pedinchona, só conhecia o caminho dos ministérios para ir importunar os secretários de Estado com solicitações de empregos, de benesses, de estradas, de favores, até de escândalos. Não ia levar aos ministros uma ideia, um plano, a lembrança dum benefício para os pais. Ia procurar interesses, buscar comodidades, exigir condescendências, sem se lembrar de que tudo isso custava, muitas vezes, dinheiro ao Tesouro Público e só causava prejuízos à nação.

Depois, quando a tempestade bramia e as moscas varejeiras zumbiam em torno da montureira política, essa mesma maioria, de larga goela e incomensurável ventre, era a primeira a gritar contra as imoralidades que provocara, contra os atropelos da lei que impusera, contra os erros de administração que imperiosamente reclamara! Para essa maioria prudente., e de muito comer, os culpados de tudo – criminosos execrandos! – eram o rei, os ministros, os deputados, todos, enfim, que tinham na mão as rédeas da governação pública. Ela, a maioria exigente e difícil de contentar, era inocente e de tudo lavava as mãos.

Ela, a maioria composta dos influentes, dos caciques, dos compadres, dos despóticos senhores dos pais, que hoje se encolhem, transidos de pavor, e então barafustavam do alto do seu pedestal de mandões; ela, a maioria que ordenava, que dispunha de votos, que sabia impor-se com arrogância – ela, de nada era culpada e escondia o rosto pudico na alva clâmide de vítima dos maus políticos!...

Veio, por fim, a queda no abismo, em que se evidenciou a traição de muitos e a incompetência de tantos. A maioria dos portugueses, se não delirou de contentamento, remeteu-se ao cômodo e discreto silêncio em que se comprazem os covardes e os maus cidadãos, para só o interromper com murmúrios de reprovação, soprados nos centros de conversa contra os políticos., que ela empurrara para o mau caminho e ajudara a despenhar no precipício.

Oh! a maioria dos bons cidadãos de larga pança!...”

Hintze e José Luciano tinham-se congraçado no reinado de D. Carlos, e só eles podiam tudo, só deles dependiam lugares, favores, vaidades e interesses. Antônio Cabral está certo que foi pelos seus méritos – que não são poucos – que chegou a ministro?... Ai de quem lhes desagradasse. Ao irrequieto Fuschini entretiveram-no com as obras da Sé para o arredarem da política; ao José Dias Ferreira, que foi dos raros homens de governo comezinho do seu tempo, nem sequer o ouviam nas Câmaras. Toda a gente lhe voltava as costas quando falava. O José Luciano e o Hintze sucederam-se, de acordo, no governo do país e no governo do Crédito Predial, com idêntico sucesso!

Ambos eles eram pessoalmente muito boas pessoas, ambos eles tiveram um fraco extraordinário pelos tratantes. O Hintze, o homem que não ri, o casaca de ferro, era um homem um pouco cansado e com um lindo sorriso para toda a gente: –Pois sim, pois sim... – Trato encantador. Nas Câmaras era vê-lo! Ninguém apresentava assim as questões: tinha tudo catalogado, arrumado, disposto, e os papéis saltavam-lhe da carteira por arte mágica. O José Luciano, mais bonacheirão e ao mesmo tempo mais cáustico, conhecia como poucos os homens que lhe tinham passado em fita pelo salão da sua casa, com as suas vaidades, as suas misérias, os seus rancores e os seus vícios, e tocava-lhes sempre no ponto fraco. Pessoalmente honestos – quem o duvida? – mas tendo cada vez mais imperiosa a necessidade de satisfazer clientelas cada vez mais sôfregas – ambos acabaram de corromper o país, já meio corrompido, até à medula. Importa pouco que o D. Luís de Castro diga: “Hintze vendeu todo o seu património e o de sua mulher para servir o reino e o rei” (*Dia*, Fevereiro, 1917). Sim, mas Hintze distribuiu a rodos o dinheiro da nação, e colocou toda a gente, a começar pelos seus.

Não resistiu. Delapidou, principalmente depois da cisão João Franco, sem conta nem peso nem medida. Anselmo Vieira diz: “José Maria dos Santos entregou à viúva do Hintze, no dia do enterro, 21 contos de letras vencidas. Ora a questão do álcool entre o Norte e o Sul foi sempre adiada pelo Hintze, o que fez ganhar 300 contos ao José Maria dos Santos.” Na sua frase pitoresca a política portuguesa estava condenada porque era um regimen de válidos e badamecos. E cita este e aquele e aqueloutro, que todos juntos, não valiam um estadista. O Hintze não resolvia um problema, arredava-o, e as complicações aumentavam sempre; se tinha a escolher entre dez homens, escolhia sempre o pior... O honradíssimo capitão Machado, duro como o sílex, chegou a par, porque, quando atacavam o José Luciano na câmara alta, dizia sempre: – Viessem eles cá para os deputados e quem os ensinava era eu. – O pobre monsenhor inútil que se chamou Santos Viegas achou outro truque para o Hintze o elevar à mesma categoria; quando o chefe do partido regenerador falava, caía num assombro, de que não havia arrancá-lo!... – “Chegaram a ministros seres destituídos de todo o miolo. O honradíssimo Pequito, santíssima criatura, foi um dia para uma comissão, a que o José Dias presidia, com o Contrato dos Tabacos,

que ele só tinha assinado e mais nada. Havia um artigo redigido de forma que cinquenta milhões de francos ficavam encobertos, para se poderem pagar as dívidas da Casa Real. José Dias pediu explicações, o outro embrulhou-se, José Dias insistiu, o outro ficou de boca aberta, com cara de pasmo – até que o velho rábula lhe disse com soberano desprezo: – Compreendo, compreendo... o sr. ministro da Fazenda precisa de ouvir os seus colegas para depois responder... – Se o José Dias tem deixado passar aquela trapalhada talvez D. Carlos não fosse assassinado.”

A política portuguesa chegara a estar apenas nas mãos e dependente da vontade dos chefes. O José Luciano dizia: – O meu partido não é que me leva ao poder – sou eu que levo o meu partido ao poder. – Dois homens e clientelas. Alguém se filiou jamais num destes partidos por principio, por ideal? ou foi por interesses, e, mais simplesmente, por simpatias pessoais?

E assim a força desses dois homens chegara também a ser fictícia: – não provinha do país – provinha do rei... As Câmaras mero cenário; os discursos, as atitudes, teatrais: o que havia a decidir não se decidia ali. Tudo estava resolvido, preparado de antemão, nos salões, nas antecâmaras, nos gabinetes ou nos corredores, entre os chefes. O resto era um espetáculo com as suas regras e os seus figurantes, absolutamente inútil – absolutamente falso – absolutamente fora de toda a realidade...

As Câmaras... Por lá passou Junqueiro, que de lá saiu um dia dizendo: – Vão àquela parte –; por lá passou o grande, o pobre João de Deus, que nunca pôde abrir a boca, e outros homens ilustres. De lá saiu Fuschini, que se foi embora fazendo-lhes um manguito, quando Arroio numa sessão célebre lhe disse: – Ajoelhe a meus pés! –; Oliveira Martins, exausto de trabalho; o romântico Chagas, cujas últimas palavras foram estas: – A vida é uma comédia. – Já não os ouvi, mas vi e ouvi ainda o paquidérmico Antônio de Azevedo Castelo Branco, o esguio e taciturno Beirão, sempre alheado, o grande orador Antônio Cândido, o canarim Elvino de Brito, que manejava a palavra como quem maneja um florete, e que o Hmtze tratava de alto, o anedótico Baracho, cujos discursos não tinham fim, o Campos Henriques, lírio pendente, o teatral Arroio, o José de Azevedo, o Eduardo Vilaça, tão amável para todos, tão afável que ficou para sempre o Vilacinha, o Chanceleiros, com a sua grande gaforina branca, o severo e taciturno Dias Costa, que morreu de desgosto, tendo cumprido o seu dever como um soldado, a nobilíssima figura do conde de Arnoso, que vejo sempre diante de mim, bradando por justiça, e que acabou envolto em treva, jungido à sua dor, o Jacinto Cândido, um pouco apagado, mas resistente e teimoso, o João Franco, o decorativo Venceslau de Lima, o Pimentel Pinto, do alto dos seus tacões, o Albano de Melo, tão admirador do José Luciano que chegou a ponto

de se parecer com ele na atitude, na voz e até no rosto, o D. João de Alarcão, o senhor D. João VI, e, na outra Câmara, a um lado o pitoresco cônego José Dias, apoplético e jovial, lá das bandas de Monção, o torrencial Oliveira Matos, que, a primeira vez que falou, fez rebentar os cós das calças ao Chagas, que perguntava entre espasmos de riso: – Mas quem é este homem? onde foram buscar este homem? – e a quem ouço ainda invectivando o ministro da guerra: – Herói de Trajouce! Herói de Trajouce! –; os Cabrais, um polido e soturno, que o Hintze estimava, o outro, Antônio, de bigodes assanhados, como um galo de combate; o José de Alpoim, impulsivo, terrível na réplica; o João Pinto dos Santos, um sistema de filosofia para cada caso fútil do dia, já branco, de punhos sólidos, e sempre o mesmo aprumo, a mesma linha, a mesma conduta; o Moreirinha, o Centeno, e o juiz Francisco Medeiros, que pouco antes de morrer (estou a ouvi-lo) me disse assim: – Tenho pena de não ter roubado como os outros... – E, diante do meu espanto, concluiu: – Quando morrer deixo a minha filha pobre e os outros estão ricos. – E a outro lado, o elegante, o frívolo conde de Paçô Vieira, o lustroso conde de Castro Soila, o Anselmo Vieira, sempre a debater finanças, sempre à espera das grandes ocasiões, sempre esquecido à última hora na lista do ministério, o estrábico Dias Ferreira, falando baixinho para dois fiéis que lhe restavam, o imponente Costa Pinto, o Matoso dos Santos, sempre enfronhado em algarismos, o Sérgio de Castro, o D. Alberto Bramão e outros jornalistas da *Tarde*, o Schwalbach aparecendo, desaparecendo, atarefado, e tantos sumidos lá para o fundo na obscuridade e no silêncio. Nos dias de votações importantes e decisivas reclamava-se o auxilio de algumas figuras, já recolhidas à tranquilidade da província, bispos, políticos velhos e reformados, que eram conhecidos na gíria da política por este nome pitoresco – as mulas de reforço...

Juntem a este mundo o mundo dos jornais, os meios políticos onde tudo se comenta e desfigura, e o mundo financeiro, com alguns tipos que é necessário anotar rapidamente: primeiro os Móseres e o Foz, predominando com o Mariano, a casa Torlades e outros grupos; a casa Burnay e o impenetrável John, e, nos últimos tempos da monarquia, a casa Weinstein, Alfredo da Silva e a casa alemã Ernst George. Entre essas figuras conheci uma dum alto pitoresco: Gomes Neto, sem instrução, mas dum grande senso prático. Não raro o encontravam em mangas de camisa no escritório. Escrevia em largos quartos de papel e depois dizia: – Ponham- lhe lá a gramática! – Acabou já velho e amoroso, fazendo todos os dias compras de legumes e peixe, na Praça da Figueira, que depois ia distribuir de *coupé* por casa das amantes, pescada aqui, pescada ali... – Juntem a isto as redações dos jornais, em forja rubra a certas horas da tarde ou da noite, os ditos, as noticias espalhadas, a corte ao senhor conselheiro... Era pior o que se dizia do que o que se fazia... Era o descrédito lançado sobre tudo e todos, a tal ponto que um dia, mais tarde, quando um juiz monárquico (Paçô Vieira) foi despachado para a província, o delegado disse-lhe muito a sério: – Mas como queria V. Ex.a que se sustentasse um regímen em que as filhas do

José Luciano eram apalpadeiras da alfândega com cem mil réis por mês? – Nos comícios assevera-se que a rainha D. Amélia comprava no estrangeiro vestidos por vinte e quatro contos. Pior, pior... Depois da república o Eduardo Vilaça encontrou-se com João Chagas em Paris e perguntou-lhe com ironia: – Então esses famosos inquéritos da república, com que fizeram tanto espalhafato, não deram nada? – Ao que o outro, lépido, respondeu: – Vocês que querem? Tanto se acusaram de ladrões uns aos outros, que a gente acreditou...

– Um homem! um homem! – reclamava o D. Carlos. Um momento de hesitação e de dúvida na sua vida... Dois caminhos na frente: um cômodo e largo, de transigências fáceis, o outro perigoso mas útil para o seu país. Decidiu-se pelo pior. Ia jogar a vida.

Ele era, como toda a gente, um misto de qualidades e defeitos... Há homens que se nos afiguram duma só peça. Desconfiem deles: andam mascarados... Timidez e orgulho. Todos dizem: – Era encantador. – Todos estão de acordo neste ponto: ninguém o podia aturar. Um oficial afirma: Tratava os políticos como lacaios, tratava a gente do povo com extrema bondade. – Um dia escreveu um bilhete nas costas do Hintze, que se curvou para lhe servir de secretária; outro dia, já a cavalo para uma ferra de touros, atirou com a capa a um velho general seu servidor: – Guarda lá isso! – De outra vez dispôs o ministério à chuva para lhe tirar o retrato. Tratava-os com desdém. Sacrificou sempre os homens que se lhe dedicaram, o Martins e o Mouzinho, por exemplo. O Carlos Lobo de Ávila tinha-lhe dado uma fórmula que o lisonjeou e o deitou a perder. Era um valente. Escrevia cartas anônimas à mulher. Media tudo pela mesma bitola – e, se o deixam viver, tinha sido um dos maiores reis da sua dinastia. Acabou à bala quando ia matá-lo o fígado: comia e bebia enormemente e pesava-lhe em cima esta tara: era filho duma histérica e dum sífilítico. Este misto, num homem inteligente como ele, só tem uma explicação: timidez e orgulho – timidez e orgulho...

Efetivamente resolveu-se a lutar contra os interesses dos partidos e dos homens, desencadear paixões; era lançar-se num combate de que não podia esperar senão contrariedades e a morte. Salientaram-lhe logo todos os defeitos. Tudo que se fazia de mau era sempre o rei que o fazia. Obscureceram-lhe de propósito as qualidades. Esqueceram que D. Carlos colocara o país numa situação externa admirável, e que os dois ou três atos de homem de Estado do seu tempo lhe pertencem, como a única ação grande da república pertence a Bernardino Machado, que conseguiu levar as tropas portuguesas para a frente europeia – quando os ingleses reclamavam apenas o nosso esforço em África. As viagens a Paris, a Berlim, a Londres coroam o ano de 1895. A aliança inglesa é um fato. Vai começar uma grande época. Aponta a África a uma plêiade

brilhante de oficiais, que ele próprio incita, compreendendo que o grande Portugal é outro, e que esta faixa de terreno, com um clima agrícola horrível, só pode ser uma vinha e um lugar de repouso e prazer. De lá, desse novo Brasil – dos extensos planaltos de Angola, que duas vezes por ano produzem trigo – tem de nos vir o ouro e o pão. O resto é visão de pequenos estadistas de trazer por casa. Só ele concebe e incita. Só ele fala e sonha num Portugal Maior, num Portugal esplêndido. O plano estabelecido e iniciado fecha-se com um ponto culminante: o tratado de comércio com o Brasil, que D. Carlos teve realizado, e que, ao que parece, tarde, dificilmente, ou jamais se conseguirá. Foi este homem que assassinaram como ladrão a uma esquina de Lisboa...

Porque foi morto, afinal, o rei?... Um velho filósofo meu amigo traduziu um dia toda a ânsia contemporânea naquela grande frase, que não me canso de repetir: – Nós também queremos comer... Somente, para ser justo e completo, a uma verdade devia juntar outra verdade: – E não cabemos todos!

Não, os partidos não cabiam todos, não podiam caber todos, e estavam completamente desacreditados. A grande força de João Franco foi, na realidade, de protesto. E quem falhou, diga-se já, não foi o rei, foi João Franco; quem não esteve à altura do seu papel, não foi D. Carlos, foi o ditador. João Franco tinha atrás de si um partido pouco numeroso (as clientelas haviam de vir...), mas resistente, tenaz, entusiástico. Os franquistas de ontem são ainda franquistas. Não perdem a fé, e nem agora nem nunca despegam um olho do Fundão, embora lancem o outro, com prazer, ironia ou desdém, sobre o ridente panorama da vida... É preciso que realmente esse homem disponha de qualidades excepcionais para conseguir tal poder de dominação. Era um impulsivo: grande fraqueza e grande força. Procurava os obstáculos para os dominar e gastou uma energia desmedida a resolver ninharias. Em Lisboa dizia-se com espanto: – Este homem só levanta carrapatas! – Ora caçava no seu terreno, ora no terreno dos republicanos. Homem de Estado, ia talvez ter ocasião de o mostrar – depois da morte do rei. Aí é que era vê-lo!... Valente e calmo foi-o decerto. Vi-o eu numa ocasião grave da sua vida. Os republicanos (Ribeira Brava, talvez) tinham obtido a sua prisão logo depois do Cinco de Outubro. De Sintra levaram-no para um gabinete da Boa-Hora, para onde entrou o Melo e Sousa, e depois outros amigos de João Franco – o Antônio Costa, ex-par do reino, e um velho de casaco amachucado, o visconde do Ervedal da Beira. João Franco conversava animadamente. Estava pálido e com os olhos febris. Cá fora o França Borges, refestelado numa poltrona, gozava a sua vingança e o seu triunfo, separado do cacifro por uma porta escancarada. – Prenderam-me, e nem a família me deixaram prevenir! – O juiz Meireles e um delegado de pêra ruiva e gravatinha vermelha vinham de quando em quando trocar não sei que impressões com ele. – Processado por abuso de poder e crime de burla... Artigo 491 do Código Penal. – Pela porta aberta vi o João Franco de pé, sereno e pálido: parecia enorme, junto dos dois bonifrates. E

quando o juiz lhe disse, acabado o interrogatório: – É talvez melhor sair por outra porta, porque o povo mata-o!... – o homem teimou, o homem cresceu dois palmos: – Eu só saio por a porta por onde entrei. Se estou livre deixem-me sair por aí fora! – Estava preso, obrigaram-no enfim a descer umas escadinhas, a meter-se às escondidas no automóvel, que o esperava na calçada que sobe quase a pique para a Biblioteca, enquanto alguém – juro-o – prevenia a furiosa onda popular, que correu aos gritos de – morra! morra! – a esperá-lo em baixo, à esquina. Um burburinho. Tiros de pistola. Dois marinheiros apontaram as espingardas, defendendo o automóvel, que só a custo arrancou – enfim! enfim! – pela calçada acima. – Morra o João Franco!... – E as vozes coléricas gritavam:

– Morra! matem-no!... – Era este o homem que, com o rei, estava em frente dos partidos progressista, regenerador, dissidente e republicano. Os ataques sucediam-se e agravavam-se. Os monárquicos, dificilmente sustidos pelos chefes, ameaçavam ingressar no partido republicano, que todos os dias ganhava em número, coesão e audácia. O próprio José Luciano perdia a serenidade:

“Há uma coisa que aos governos nunca deve esquecer, que a lição da história a cada instante repete: à revolução do alto, pode muito bem suceder que responda a revolução de baixo.” (*Correio da Noite*, 14 de Maio de 1907).

O presidente do conselho blasona e conta com o auxilio, sem dúvida poderoso e eficaz, do Rei, e zomba da opinião pública, que tanto pretendeu captar antes do subir ao poder? Faz mal, porque há de chegar, e oxalá que chegue a tempo, o momento em que El-Rei se recorde das suas palavras de há um ano.

A responsabilidade do decreto, ainda que aparentemente só ato do poder executivo, recai mais uma vez sobre o Rei, a quem todos hão de pedir a responsabilidade da sua assinatura.”

(*Correio da Noite*, 15 de Maio de 1907).

E a 24 de Maio vociferava: “A monarquia precisa dos monárquicos... a monarquia precisa dos monárquicos, mais do que estes precisam da monarquia.” Todos os dias novos boatos, todos os dias nova causa de excitação. Barafunda, prisões, protestos. Numa reunião célebre, por um triz que os regeneradores não passam em massa para o campo republicano. E o *Correio da Noite*, no acesso do delírio, apelava já para a linguagem bíblica: “O que tem ouvidos para ouvir ouça; o que tem olhos para ver veja...”

“Do alto deve descer o exemplo, e quando as ações dos que governam são de perversão e de crime, de corrupção e de suborno, de desbarato dos dinheiros públicos e de abuso do poder, os atos dos governados não podem ser de veneração e de paz, de obediência e de acatamento.

.....

Com torrentes de sangue se conquistou a alforria do povo, com oceanos de lágrimas se lavou a mancha do absolutismo.” (*Correio da Noite*, 1 de Junho de 1907).

Que faziam os dissidentes, o mais avançado dos partidos monárquicos? Os dissidentes conspiravam. As dissidências anteriores, a do Mariano, a do Navarro, tinham fracassado: a do Alpoim ia dar como resultado a revolução. – Foi o senhor que fez a república. – E ele dizia, com o olho esperto a luzir: – Levei-os pela mão. – Julgando conquistar o poder, perdeu-o para sempre. “Baralhou para dar”, como aconselhava o Marçal Pacheco – mas enganou-se no trunfo. Depois que se separou do José Luciano nunca mais acertou, na frase do Moreira de Almeida... Era um grupo tremendo: o João Pinto dos Santos, tenaz e resoluto como as armas; o prático Centeno, mola distendida sabe Deus até onde; o Queirós Ribeiro, o Pedro Martins; o sagacíssimo Egas Moniz, a quem ninguém consegue ouvir os passos – mas que toda a noite, todo o dia, roda nos meandros da política, conspirador e político até à medula; o Moreira de Almeida, capaz de falar e de escrever um dia inteiro, sem um desfalecimento, enfiando todas as formas e todos os estilos, de tal maneira que muitas vezes o Antônio Enes ou o Alpoim duvidavam se os artigos, que ele fazia, lhes pertenciam, apanhando no ar as questões, e com um grupo de amigos a *latere*, que conheciam a fundo as colônias e as finanças; mais este e aquele, e outras raízes lançadas ao acaso, e ligações no Porto com um “mercante esportíssimo”, como nas discussões ouvi chamar a Lima Júnior. O chefe deste grupo unido e compacto era extraordinário... Agitação perpétua. Orador admirável, sobretudo na réplica, em que perdia a retórica e ficava incisivo e nu como uma espada. Um passo a mais e seria um escritor ilustre: não teve um momento de seu para rever as provas. Com a paixão, a cólera, o arrebatamento, um grande coração. Nunca lhe conheci ódios, e muitas vezes lhe ouvi defender até o seu maior inimigo, o José Luciano. Ao próprio D. Manuel ele diz: “... O José Luciano vale mais do que todos os progressistas e regeneradores juntos, contando com ele próprio Alpoim.” (Documentos políticos). E quem conheceu o Alpoim sabe que as notas que o rei escreveu são mais que exatas, são fonografadas. É ele a falar deste e daquele, dos amigos, dos inimigos – de Deus e do Diabo. Uma ambição do poder que o leva arrastado, mais pela luta em si, necessária a um temperamento excessivo, do que por vaidade ou vanglória. Princípios, poucos – meios, aqueles que os adversários, a tenacidade e o rancor de José Luciano lhe deixavam. Acusaram-no de tudo – acusaram-no da morte de D. Carlos... “Até disseram, Senhor, que fui eu que matei El-Rei D. Carlos!!!” (Documentos políticos). Resistiu sempre; morreu a conspirar. Nos seus últimos anos não sei que tristeza o envolve... A figura parece maior, as palavras simplificam-se- lhe, os sentimentos também. Engrandece. Raros teriam, como ele teve, a

sinceridade de escrever: “Na minha defesa, que teve de ser espetaculosamente rude por vezes e duma ação subterrânea por outras, excessos cometi de que me penitencio – mais do que se imagina”... E repete e insiste: “Em muitos atos da minha vida de luta, por vezes injustamente combatido, tenho sido exagerado – e errei. De muitas coisas estou repeso, e delas hoje se admira a minha inteligência e peço perdão à minha própria consciência e até aos homens!”. Quantos há aí capazes desta grandeza? Quantos – tendo todos juntos concorrido para a morte de D. Carlos – o acusaram a ele só, com a tinta do *Correio da Noite* ainda fresca?

“Aqui d’El-Rei – se nos pode ouvir El-Rei – contra quem mandou assassinar o povo de Lisboa.” (*Correio da Noite*, tarjado de luto). Aparecem hoje, segundo ameaças do Governo e segundo as suas notas oficiosas sempre irritantes à imprensa, decretos esmagadores. Tanto pior para o Rei e para as Instituições. As responsabilidades desses decretos, ainda que aparentemente só do poder executivo, recairão mais urna vez sobre o Rei, a quem todos hão de pedir a responsabilidade da sua assinatura. (*Correio da Noite*, 20 de Junho de 1907).

Quem reina agora em Portugal não é o senhor D. Manuel, é sua Majestade o Medo. Que quadro para um Saint-Simon, que descrevesse os políticos e a corte, o que se diz e o que se adivinha, o que ressalta dos Documentos Políticos, e o que se conserva na sombra como um baixo-relevo de ódios e de interesses! Enredam, intrigam-se, perdem-se todos juntos. A política portuguesa gira sobre este fulcro: “O José Luciano, não podendo governar por se achar impossibilitado..., e não querendo substituir-se para não perder o comando, de que é muito cioso” emprega até ao fim todos os esforços para inutilizar o Júlio de Vilhena. Só pela vã ambição de mandar? O velho é perspicaz e teimoso, o velho conhece, como poucos, os homens e entende que só ele pode e sabe governar. É teimosia e grandeza. Não abdica, não pode. Toda a vida foi obedecido. Aferra-se. O que ele quer é ser o “Deus *ex machina* da nossa política sem se mexer da sua *chaise longue*”. Que tipo! Governou sempre, mandou sempre, conservou-se sempre lúcido. E tanta serenidade, que até no dia em que lhe assaltaram a casa dos Navegantes, é o único que não perde o sangue-frio, e, quando o querem esconder numa banheira, teima em ficar na cadeira de rodas. Tem a lógica do diabo e uma manha, um conhecimento dos homens, a que os outros não chegam. Desde o principio que todos se congregam para enfraquecer o partido regenerador. “Isto – diz a velha raposa – é uma luta de políticos que se querem inutilizar e desacreditar uns aos outros.” E assim – nenhum deles se lembrou que só os republicanos lucravam. Até os franquistas. “Os franquistas, por intermédio do Martins de Carvalho, forneceram aos republicanos todos os elementos que puderam coligir para descrédito dos rotativos” (F. do Amaral ao rei). Até os nacionalistas. Entretanto o rei ouve-os e

toma notas... A sua vontade é acertar. Passa a vida a acertar, o que não é bem a missão dum chefe, mas a dum relojoeiro. Não creio que os homens se governem só pelo interesse ou pelo terror, como queria Napoleão, mas creio que não se governam com panos quentes, e que mais vale tomar uma decisão má do que não tomar nenhuma. O povo, como o soldado, precisa de sentir um chefe, e adivinha-o logo. Tudo no rei são boas intenções. Mal ousa dar um passo, não se resolve nunca – e atrás dele está a mãe, que quer educá-lo para rei, mas que tem diante dos olhos o quadro horroroso... Apesar disso é ela própria que o incita a passear à luz do dia, como uma vez quando o trouxeram a galope, entre uma escolta de cavalaria, do Rossio ao Paço... Arrisca-o. Procura congarçar toda a gente. E odiada... A D. Maria Pia, histérica e perdulária, agradeceu sempre: até os seus ditos se repetiam: – O senhor é um merda! – ao D. Luís, quando ele aceitou as imposições do Saldanha; até os seus vestidos, a sua ostentação, a atmosfera da rainha extravagante, que só sabia que existiam contos e patacos, os chapéus que mandava vir de Paris, aos trinta e quarenta, em cada estação; até a sua desordem elegante de histérica, tudo nela atraía e se desculpava. Nem os jornais republicanos a atacavam. E quando foi para o exílio, já doida, com um pão debaixo do braço e uma manta pela cabeça, só ela deixou saudades. Era a Rainha. A D. Amélia não. Essa senhora, de quem alguém disse: – É um grande homem de bem! – subiu todo o calvário da vida. Era religiosa – o que só a honra –, chamaram-lhe beata. Andou nos folhetins e nos panfletos. Os seus criados detestavam-na. Ao passo que a rainha D. Maria Pia, falso anjo da caridade, pouco fez com o seu espalhafato e foi adorada, a D. Amélia, que combateu metodicamente a tuberculose, espalhando o bem a mãos cheias, fundando a Assistência Nacional, com os seus sanatórios e dispensários, as Cozinhas Econômicas, o Hospital do Rego, o Instituto de Socorros a Náufragos, e contribuindo para a fundação do Instituto Bacteriológico, etc., foi sempre odiada, caluniada, insultada. Nem dentro de sua casa lhe era possível conversar. Um dia, para falar em segredo com um ministro, chamou-o para o meio da sala: – Aqui, porque senão, vem tudo amanhã no *Mundo*. – E vinha. Até o homem dos telefones era carbonário... Estou em dizer que é o acaso que governa a vida: a razão não é, com certeza.

Ponham agora à roda destas figuras os políticos e as paixões falando cada vez mais alto. É o momento em que todos à uma querem ser chefes! Querem ser chefes o Teixeira de Sousa e o Alpoim, querem-no ser o Venceslau de Lima e o Campos Henriques, e até o pobre, o inculto Pimentel Pinto, que Antônio Cândido fez um dia ministro, tem um deslumbramento e sonha na candidatura. Ele é “o Vilhena muito afetuoso, muito lisonjeiro e muito ávido de poder”; ele é o Teixeira de Sousa, “todo agrado, contanto que ele entre no Governo numa situação que não seja inferior à do Campos Henriques” – retrata-os o Venceslau, que é o único que sobe, como um balão cheio de vento, no conceito de quase todos os políticos, que se revêem nele como num espelho. – E o José Luciano teima: “O Vilhena está quase abandonado pelos seus marechais.” Todos à uma

proclamam ao rei e ao mundo que esse homem é incompetente. É um homem de talento – afirma um ex-ministro graduado – mas nunca vi incompetência maior como político. – Por quê? É o que resta saber. Ele é dos poucos que sabe o que quer, que tem um plano e que o apresenta (Antes da República); – é também o único com superioridade mental organizada. Pequeno, sempre pendurado no charuto, conserva, até nas ocasiões críticas, serenidade e firmeza. Mas todos concordam na sua inferioridade política...

Se só pelo triunfo é que se demonstra tino político, como quer alguém – na verdade Júlio de Vilhena falhou completamente. Nem todos os meios lhe serviam e em Portugal não existem correntes de ideias ou de princípios que levem um homem ao poder. O que se chama opinião não se pronuncia. Os chefes de partido são simples chefes de bando. O Paço é que faz ou desfaz os políticos, ou outros meios obscuros, de que cada um se pode servir, como no tempo de Luís XIV. Escolheram-no para chefe numa ocasião em que nenhum dos outros o podia ser, mas atrás dele estava a tenacidade do Teixeira de Sousa, a politiquice de Campos Henriques e a astúcia de Venceslau. Esse sim, chame V. Majestade o Venceslau – diz o Alpoim. – O Venceslau sim – concorda o José Luciano. Ele é o homem do Paço e dos políticos. Começa a ser indispensável. O outro tropeço não lhes sai da frente. Era a ocasião de governar quem governasse, mas ao José Luciano só lhe convém “governos mistos em que ele mande, ou que, pelo menos, ponham o cofre das graças à sua disposição” (P. Pinto). E todos ou quase todos só pensam no Venceslau, que promete muito, que sorri a toda a gente, e que não tem nada lá dentro. É o otimista necessário. Impõe-se pela parte decorativa, pela boa educação, pela maneira como contenta o mundo. As vezes chega a oferecer o governo a um, tendo-o já oferecido a outro... (J. de Vilhena). Só o lunático não entende... Ele bem protesta: “Quem o conhece tem obrigação de saber que nunca foi um aventureiro ambicioso, nem um intrigante ordinário, capaz de empregar processos menos corretos para obter quaisquer posições.” Mas foi exatamente isso que o perdeu! Num país onde não há opinião, não pode haver chefes de partido. Que diferença entre ele e o Teixeira de Sousa, espadaúdo e forte, abundante, abrindo logo os braços a toda a gente: – Tu que queres, filho?! – De outro feitio era o Campos Henriques, procurador encartado do Norte, escrevendo a meio mundo e satisfazendo a outro meio (água mole em pedra dura...); de outro feitio, enfim, era o palaciano Venceslau de Lima, o favorito, que censurava as cartas do rei e lhe escrevia os borrões. Nenhum homem mais *souple* nem mais agradável, sempre a mastigar e a sorrir. Está nas antecâmaras quando o rei conferencia, e há um momento em que só ele põe e dispõe, em que aconselha ao rei: – Chame-me a mim, para eu declinar! – E o rei chama-o. As duas grandes figuras do reinado, vinham a ser o Venceslau de Lima e o Soveral. O próprio José Luciano estava condenado...

Tudo isto se passa sob o olhar irônico ou severo dos republicanos e diante do fantasma da república. Nem assim os interesses e as ambições abdicam. Nunca, nem no Inferno, abdicaram! Acima de tudo está o ódio do José Luciano, estão as paixões do Alpoim, que sonha no poder, e que na manhã de 5 de Outubro ainda dizia: – Agora, sufocada a revolução, o rei não pode deixar de me chamar a mim... – Interesses e homens, tendo cada um “a sua polícia”, como diz o Teixeira de Sousa. E o rei no trono, no palácio onde as paredes têm ouvidos, sempre a rabiscar papéis, incitando-os às vezes (J. de Vilhena), sem prever o mundo de cóleras que está para vir à superfície. Quando à noite se apanha só, abre a gaveta e desata a escrever aquele interminável romance político, que caminha a galope para o remate da fuga e do exílio. E as vozes, cada vez mais altas, obstinam-se: –Não pode haver ordem nem tranquilidade com o Alpoim no país – exclama um. – Ele é um espírito claro e nada mais! –protesta outro. – E uma cambada! A própria dissidência que é? É um inferno! – conclui o Alpoim. – E um idiota! O mal foi elegê-lo para chefe. – E o Ferreira do Amaral observa acerca dum grupo: – São pescadores de águas turvas...

Quem há de conter os homens e os acontecimentos? O rei? O rei escreve, escreve sempre... O Crédito Predial desaba. – Foi então que os burgueses, vendo-se roubados, nos deixaram fazer a república... – asseverou Junqueiro. Ao poder sobe enfim o fatídico Teixeira de Sousa. Os acontecimentos precipitam-se. Atrás dos homens está uma força monstruosa que parece empurrá-los a todos – até ao rei, que, de quando em quando, pára de escrever e sorri enlevado para os dois bonecos que tem em cima da cômoda, a caricatura dum marinheiro inglês e a caricatura do Soveral – e vai levá-los a todos, sob o olhar impassível do destino, para o desenlace fatal.

Todos estes homens tinham defeitos. Alguns eram até ridículos. Mas, apesar de tudo, não ultrapassavam determinada linha, apegados a preconceitos e a fórmulas, de que não havia arrancá-los... Vai o senhor D. Manuel, não tarda, porque a monarquia há de voltar – tudo sucede vertiginosamente neste país – conhecer outros, com muito menos escrúpulos, que o hão de encher de desgostos. V. Majestade verá.

NOTAS

O rei chama nomes ao Arroio, o Arroio chama-lhe corno...

“Volta-se para o Governo do seu país, e pede-lhe que se lembre da recepção de Afonso XII, em Paris, e que ponha Sua Majestade a coberto de qualquer manifestação que possa porventura nascer da atitude da rainha. Limem-se as dificuldades, empreguem-se todos os esforços, nossos e alheios; lancemos mão da nossa situação privilegiada com a Inglaterra; ponhamos todos os elementos disponíveis em ação, para que o céu serene. Por exemplo: que está fazendo o sr. Soveral em Paris? Façam-no recolher imediatamente a Londres.”

... – É um tipo esgalgado, de astrônomo, com uma grande penca – o nariz do Beirão – motivo fácil de caricatura. Homem de costumes simples, alheado e indiferente a corrilhos, agarrado aos seus livros...

Um dos seus sobrinhos escreveu um artigo interessante, do qual extrato os seguintes períodos:

“No seu espírito flutuava uma bondade inata que se traduzia por uma profunda afabilidade na vida íntima e por uma indulgência estranha no julgamento dos homens. Jamais acreditou em malévolas intenções e nunca da sua boca saiu uma insinuação maliciosa. Confiava sempre na bondade dos outros, não hesitando, nos momentos de agitação popular, em atravessar serenamente as ruas da capital revoltada, como sucedeu em 5 de outubro e 14 de maio. E quando a família, naturalmente receosa, lhe solicitava para não sair, respondia sempre com toda a tranquilidade: “a mim ninguém me faz mal, pois eu nunca fiz mal a ninguém”

“As suas férias passava-as a estudar. Ora meditava trabalhos de jurisprudência, ora, para descansar, apreciava as mais belas obras de literatura. Dotado de uma memória privilegiada, sabia de cor longos trechos de versos, e até nos últimos horríveis momentos da sua existência, arquejando no leito de dor, ora recomendava pontos importantes dos processos que trazia entre mãos, ora citava frases de grandes poetas e filósofos referentes á hora suprema que rapidamente se aproximava. E quando a noite caía, tudo envolvendo no seu manto de tristeza, era com uma ansiedade estranha que esperava, na longa vigília dolorosa, a chegada do sol radiante. E foi com uma precisão rara que previu a hora da sua morte. Mais três dias, mais dois dias e tudo estará acabado. E, de fato, assim sucedeu!

“Apaixonava-o o estudo da astronomia, e nos últimos tempos antes de morrer, apesar da sua avançada idade de 75 anos, vergado sobre obras da especialidade e, nas horas silenciosas das serenas noites de verão, passeando na sua quinta dos Covas, ou encostado às amplas janelas da sua biblioteca, que tanto amava, reconhecia uma a uma as constelações e descobria entre os inúmeros astros que recamavam o firmamento, aqueles que os seus autores haviam indicado.

– Os outros não os conheço, mas aquela cara do homem das barbas nunca mais me sai dos olhos.

Parece que o que salvou a rainha foi o cocheiro poder arrancar, bater nos cavalos, por ordem da condessa de Figueiró, e aquilo seguir, com os mortos e a rainha louca de dor: – Mortos! mortos! e ninguém para os salvar! – Num gesto maternal debruçava-se cobrindo o filho com o próprio corpo.

– Quem matou o rei... “O grupo foi em parte organizado durante o dia 31 e às 3 horas da madrugada do dia 1 de Fevereiro, em uma quinta dos arredores de Lisboa, decidiu-se que fossem só cinco indivíduos a executar o plano do Boulevard Poissonière.” – Para quê?... por JOSÉ NUNES.

“Se na tarde do 1º de Fevereiro de 1908 não se desse mais que o primeiro tiro que se deu, e esse foi de carabina, ficariam vivas todas as pessoas reais, exceto o rei. Não obstante o tiroteio ter-se desenvolvido momentaneamente, assaltando-se ao mesmo tempo a carruagem, foi então que, sobre o pai e o filho, se dispararam mais tiros, alguns deles mortais.” – Para quê?... por JOSÉ NUNES.

... Ao menos responda-nos a esta pergunta: o Buíça e o Costa teriam cúmplices? E o sr. Laranjeira, sorrindo, afirma:

– Tinham vários amigos... – E hesita. – O que lhe posso garantir, é que o Buíça não foi o herói principal; quem preparou tudo foi o Alfredo Costa na “Loja Obreiros do Trabalho”. O Costa tinha uma grande influência sobre vários rapazes de valor e de audácia. Também sem receio de ser desmentido lhe posso asseverar que o Alfredo Luís da Costa foi assassinado por mão oculta, quando vinha preso e vivo, para o posto da Câmara Municipal. Note que as suas últimas palavras foram estas: – Ai minha mãe, que me traíram! – E o chefe Basílio, um dos que o conduzia, não pôde ver quem lhe descarregara a arma, matando-o... No meu modo de ver, os noveleiros encartados dizem coisas sobre coisas, sem conhecerem o fio à meada, e é exatamente o que tem prejudicado tudo e todos.”

Revelações sobre o regicídio – Entrevista com o sr. Rodrigues Laranjeira publicada no Imparcial de 1 de Julho de 1910.

– O Soveral é um homem de negócios.

“Apurou-se que o ex-ministro em Londres, de Julho de 1892 a 12 de Novembro de 1910, recebera o seguinte:

1892-1893	10.833\$890
1893-1894	12.841\$593
1894-1895	16.699\$006
1895-1896 (10 de Junho a 30 de Setembro)	2.163\$750
1896-1898	17.264\$456
1896-1897 (26 de Abril a 26 de Julho)	2.441\$625
1898-1899	15.618\$168
1899-1900	15.835\$443
1900-1901	12.976\$500
1901-1902	14.211\$412
1902-1903	21.807\$881
1903-1904	15.963\$505
1904-1905	35.481\$112
1905-1906	21.437\$118
1906-1907	25.749\$787
1907-1908	20.447\$868
1908-1909	11.802\$562
1909-1910	12.487\$687
1910-1911 (de 16 de Julho a 12 de Novembro)	3.515\$680
	289.679\$044

Recebeu mais:

<i>Pela rubrica de adiantamentos</i>	5.743\$815
<i>Pela rubrica de suprimentos</i>	226\$035
<i>Pela rubrica de adiantamentos</i>	450\$000
<i>Pela rubrica da visita aos Reis de Inglaterra, 1904-1905</i>	21.042\$935
<i>Total – Réis</i>	317.041\$828

– *As despesas legais autorizadas eram de 10.950\$000 réis por ano. Vê-se como eram excedidas!*

– *Segundo o ofício do ex-ministro Vilaça para o ministro da Fazenda, pedindo mais dinheiro para Soveral, este, no almoço e ornamentação da legação, na visita do rei Carlos, consumira mais o seguinte:*

Almoço, libras 325-12-0
Vinho, libras 49-6-6
Decorações, libras 1.760-1-0
Total, libras 2.134-19-6

– Averiguou-se, pelo ofício do ex-diretor geral da Tesouraria, Perestrelo, que, pelo mesmo motivo da visita do rei Carlos, Soveral recebera mais:

Em 30 de Novembro de 1904, libras 1.500
Em 10 de Dezembro do mesmo ano, libras 1.000
Total, libras 2.500

Todas estas quantias, em libras, ou em réis, foram calculadas ao câmbio par. Como naquelas épocas houve subido ágio sobre o ouro, e calculando esse ágio numa média de 15%, vê-se que notável aumento há nas despesas descritas!

Soveral recebeu mais, pela verba de despesas diversas extraordinárias no ano económico de 1909-1910, sem qualquer justificação, réis 1.934\$855; e pela verba destinada à viagem a Londres do rei D. Manuel, réis 4.468\$900.

Na liquidação e pagamento dos direitos de mercê, emolumentos e selos, houve enorme trapalhada durante muitos anos, donde resultou Soveral esquivar-se ao cumprimento das leis fiscais.

Deve os direitos de mercê e emolumentos e selo pelo título de Conselho, pelo título de Marquês, pelo cargo de secretário da legação em Londres, pelo cargo de ministro em Londres, pela grã-cruz da Torre e Espada, etc.

Quando foi ministro dos Negócios Estrangeiros, teve a habilidade de em 17 meses, só à sua parte, consumir em despesas reservadas, réis 37.757\$ 515, sem deixar no Ministério qualquer documento, explicando ou justificando o emprego de qualquer verba!” – Intransigente, de 31 de Março de 1911.

“Um caso singularíssimo pôs recentemente a polícia na pista duma conspiração de aventureiros que punham o seu braço ao serviço do radicalismo, prontos para tudo quanto lhes fosse ordenado em nome... da utopia. Uma longa série de crimes políticos que datam do regicídio e cujos autores até agora tinham ficado envoltos no mistério, coloca em evidência os fatos pretéritos e abre um caminho seguro para a liquidação das responsabilidades.

Hoje ninguém duvida da existência duma sociedade secreta que, sob a aparência de loja maçônica, é o verdadeiro poder executivo do partido revolucionário, o braço sempre pronto a ferir, a espada que cai traiçoeiramente sobre as vítimas designadas pelos dirigentes da política radical.

Ninguém ignora em Portugal as circunstâncias em que se desenrolou o regicídio. Na confusão da tarde trágica, a polícia cai sobre dois dos regicidas e mata-os em legítima defesa. Mas permanece sempre firme a convicção de que os regicidas não eram somente Buíça e Costa, que pagaram com a vida o seu delito! Esta convicção fundava-se em fatos de ordem material e moral, sobre os quais não havia dúvida de espécie alguma. A prova moral da existência de outros cúmplices reside na impossibilidade de o atentado haver sido organizado e levado a efeito apenas por dois homens. A prova material forneceram-na numerosíssimas testemunhas que viram a carruagem real ser alvejada, simultaneamente de vários pontos, e observaram a fuga de alguns dos cúmplices do regicídio, um dos quais, perseguido pela polícia quando fugia, com o revólver fumegante em punho, conseguiu perder-se de vista ao voltar uma rua, confundindo-se depois com a multidão espavorida que fugia do lugar do crime.

É um vulgar princípio de investigação judiciária que os delinquentes se devem procurar entre aqueles a quem o delito aproveita. Ora quem podia aproveitar com a carnificina da família real? Se houvesse produzido uma mudança política, aproveitavam evidentemente os republicanos, cujo triunfo teria sido desta arte facilitado. Se tivesse originado apenas (como realmente produziu) uma substituição de governo, resultaria proveitosa para os mesmos republicanos, aos quais João Franco havia fechado todos os caminhos. Vendo presos os seus principais chefes e ameaçada toda a sua organização, os republicanos esperavam reconquistar, com um golpe de mão, as posições primitivas. Não há outras hipóteses a considerar, visto que o crime não podia ter sido perpetrado por uma conspiração de monárquicos, nem representa um caso individual de terrorismo, porque os regicidas não eram anarquistas.

O Buíça e o Costa eram republicanos militantes: trabalhavam nas últimas filas dos revolucionários. Livres pensadores, pertenciam à sociedade de propaganda donde, de resto, têm saído todos os criminosos políticos. Homens de ação, pertenciam a uma loja secreta, a “Montanha”, misto de instituição maçônica e de comitê revolucionário, sem local fixo e sem estatutos, que se reúne a um simples convite de jornais da seita, ninguém sabe onde, e que se compõe de homens capazes de tudo. Tudo deixa crer que o regicídio foi aí deliberado e que, como é costume, os executores foram tirados à sorte, visto que apenas o sorteio explicava a escolha dum dos regicidas, cujo passado se não ilustra com atos de grande coragem individual.

Mas sobre o regicídio, que inaugura a conhecida série de delitos políticos, não mais se tratou de fazer luz. Não se chegou a apurar quem foram os cúmplices da emboscada e, se porventura se tentou esclarecer o caso, acabaram por concluir que era melhor guardar silêncio sobre ele. No entretanto, ocorriam novos fatos

que vieram documentar melhor a existência duma organização que liquidava pelo assassinio as dificuldades suscetíveis de embaraçar o movimento revolucionário. Poucos meses depois do regicídio, um humilde engraxador apresentava-se à policia perfeitamente apavorado e narrava que dois republicanos lhe tinham proposto lançar uma bomba no coche que devia conduzir D. Manuel ao Parlamento. A declaração era verdadeira? Ignoro-o. Mas a policia prende os dois mencionados instigadores, um dos quais é fulminado por uma congestão cerebral no gabinete do juiz. Este, quando se prepara para colher do denunciante novos esclarecimentos, vê o engraxador morrer envenenado num hospital no meio de horríveis aflições. O desventurado declarava que morria por haver dito a verdade. Por falta de provas o processo foi arquivado, o que pôs de bom humor a imprensa revolucionária, que já se dispunha a desviar a opinião pública com um diversivo.

Poucos meses depois outro crime vem afirmar a existência da seita. Alguns militares, acusados de terem tomado parte no movimento revolucionário de 28 de Janeiro, foram condenados a penas graves pelo tribunal, graças ao depoimento dum sargento chamado Lima, que se insurgiu e referiu o fato aos seus superiores. O sargento passeava um dia em Setúbal, para onde fora transferido, quando um revolucionário se lançou contra ele e lhe cravou um punhal no coração. O assassino, preso quando fugia, alega uma história inverossímil de rivalidade que as investigações policiais desmentiram. Quanto à opinião da autoridade e dos que conhecem de perto as cenas, referidas anteriormente, da quadrilha revolucionária, é clara e expressa: o sargento foi condenado à morte por ter denunciado a existência da conspiração.

Dois suicídios misteriosos – um sob o comboio de Cascais, outro na redação dum jornal revolucionário – parecem ter íntimas relações com a existência da Mão Negra local.

Diz-se que os suicidas, designados para certos cometimentos, preferiram escapar pela morte às intimações duma implacável organização secreta. Não faço aqui menção do caso das bombas explosivas com que ultimamente pretenderam alvejar algumas igrejas, depois da execução de Ferrer. Não há provas da intervenção da Mão Negra, mas simples indícios de presunção. Mas o que acabou de esclarecer o pais sobre a existência duma formidável e perigosa associação secreta foi o recente crime de Cascais, a que os jornais independentes dedicaram longas colunas.

Vão decorridos alguns meses depois que na administração das alfândegas se descobriu um importante furto de armas, que estavam para chegar ao seu destino. A ausência dum operário da fábrica de armas provou a sua responsabilidade no furto, logo confirmada pela captura dum cúmplice – um dos implicados na revolução republicana de 28 de Janeiro – que era o receptor das

armas roubadas. Já a polícia averiguou o destino das armas, que se reservavam, com a complacência dos empregados aduaneiros, ao movimento revolucionário, quando no meio dos rochedos das arribas de Cascais, a oito quilômetros de Lisboa, se encontra assassinado misteriosamente o empregado da alfândega, autor do furto.

Com os documentos que lhe encontraram nas algibeiras e com as indicações fornecidas pela família do assassinado, a polícia reconstituiu facilmente o crime. O pobre empregado, vendo descoberto o furto das armas, dirigiu-se aos que o tinham impelido e suplica-lhes que o salvem. Deram-lhe dinheiro para transpor a fronteira com promessa de o sustentarem no estrangeiro e o homem refugiou-se em Badajoz, território espanhol. Mas o dinheiro falta; as promessas não são mantidas e o refugiado escreve aos que o haviam levado ao crime, suplicando socorro. Como não obtivesse resposta, ameaça-os com declarações. A Mão Negra destaca para Badajoz um dos seus agentes, que o conduz a Lisboa enganado com a promessa de continuar a viagem para África; na primeira ocasião levam-no a Cascais a fim de seguir ocultamente para o seu novo destino e matam-no, arrastando-o para o mar e precipitando-o do alto das ribas.

O assassino foi preso na fronteira, quando tentava refugiar-se em Espanha, e conduzido a Lisboa, sob rigorosa escolta. Aqui, depois de alguns dias de apertados interrogatórios, apanhado em contradição, não sabendo explicar as manchas de sangue que tinha no fato, confessa finalmente que cometera o crime – e que, além de ser antigo empregado num centro republicano, é membro da associação secreta a “Montanha”, como os regicidas, como os autores dos outros crimes políticos. E a existência da Mão Negra averiguada e confessada.

Os jornais da seita, republicanos e revolucionários, perante esta sensacional descoberta, mantiveram a princípio o maior silêncio; jornais que costumavam ocupar colunas com o mais insignificante acontecimento, evitaram, por todos os modos, referir-se a este. Depois, desesperados por não poderem conservar-se calados, começam a agredir violentamente e, por último, a ameaçar a imprensa independente que, mostrando-se bem informada, se ocupou dos fatos com uma certa largueza. E enquanto a imprensa vermelha assim procedia, a polícia vinha a saber que os revolucionários tinham projetado fazer evadir o preso e teve a finura de o transferir do depósito de segurança para uma caserna militar, onde está de sentinela à vista.

Por outro lado, diz-se que as declarações relativas ao crime de Cascais revelaram uma nova pista para a descoberta dos regicidas e a polícia afadiga-se no intuito de descobrir e prender os membros da Mão Negra. Alguns jornais lembram, a propósito deste fato, a fuga precipitada de certa personagem para o estrangeiro. A Mão Negra é uma espécie de comitê executivo, dentro do qual se

encontra todo o elemento revolucionário. Disporá o Estado de força para resistir a esta formidável organização que nem sequer hesita ante o crime?

A experiência da fraqueza dos governos que se sucederam no poder após o regicídio não autoriza a responder tranquilamente a esta interrogação..."

O que se diz por aí baixinho, de ouvido para ouvido, é tremendo. Diz-se o que O Povo d'Aveiro, que está tendo tiragens enormes, publicou nos últimos números.

"Escrevem-nos de Braga:

Joaquim de Sequeira Lopes, negociante, e Manuel Coelho dos Santos, penhorista, são pessoas de bem e residentes em Espinho.

Sequeira Lopes foi em Novembro de 1907 para Lisboa curar uma moléstia hospedando-se em casa de seu irmão Frederico, negociante, chefe graduado do alpoínismo. Dali escrevia semanalmente ao Coelho, com quem tinha negócios, quando na capital começou a agitação para derrubar o Franco, dando em cada carta uma notícia política, que o Coelho lia em toda a parte onde se lia política. Na quarta-feira ou quinta da semana do regicídio, essa notícia era deste teor: Disseram hoje a Frederico, no escritório forense... que João Franco seria assassinado em 24 horas. Quando chegou a Espinho a carta que continha esta notícia tinham passado as tais 24 horas, por isso o valor da notícia estava prejudicado. Deu-se o atentado no sábado e na quarta-feira seguinte a carta habitual dava esta notícia:

Os revolucionários, vendo-se perdidos pela prisão dos chefes, reuniram-se secretamente, republicanos e dissidentes de ação, e resolveram a morte da família real. Propôs-se que os executores fossem tirados à sorte, mas o professor Buíça protestou, oferecendo-se voluntariamente, sendo o seu alvitre secundado por muitos que se prontificaram a auxiliá-lo.

Estes apontamentos foram dados ao ministro Campos Henriques logo depois da formação do gabinete Amaral. Foram em carta anônima, mas acompanhados dum grande número de testemunhas que viram e leram as tais notícias, figurando nelas o coronel reformado Raul de Passos, de Elvas, que na ocasião residia em Espinho e dava a semelhantes notícias um grande valor para a investigação.

Campos Henriques, o que demitiu o juiz Alves Ferreira e chamou o outro da Meda, fez de conta que nada era com ele. Nesta pista ninguém mexeu."

“A reunião, afirma-se, teve lugar na Costa do Castelo. Tomaram parte nela quadrilheiros da quadrilha republicana e de todas as quadrilhas monárquicas...

Quem quiser conhecer a história contemporânea tem de ler e consultar a coleção d’O Povo d’Aveiro. É indispensável. Essa voz tremenda e colérica prega, há anos, sem um desfalecimento, meia dúzia de verdades essenciais ao país. Além disso Homem Cristo é o maior jornalista português e um panfletário que só tem outro na nossa literatura que se lhe compare – José Agostinho de Macedo.]

O Fernando de Serpa, agora em foco por causa das cartas que o Afonso Costa leu no Parlamento e se têm publicado n’O Mundo – esteve estes dias para se suicidar.

Essa extraordinária sessão, em que o Parlamento parecia estar no banco dos réus e o Afonso Costa, teatral, surgia como um acusador triunfante!... O ministério tinha desaparecido. Fugira! Ninguém sabia do que se ia tratar: esperava-se pior, muito pior... A impressão real, patente, autêntica, era de que ele ia fulminá-los com provas à vista, acusando-os dum crime... De que crime tremendo? Quando leu os documentos houve uma impressão de alívio, quase a exclamação: – Era só aquilo?... – E quando baralhou e se enganou nos nomes da pessoa que acusava – ninguém soube aproveitar o momento, o erro, a oportunidade... Ninguém se quis comprometer... A defesa feita pelo Paçô foi frágil, risonha, quase “pedindo desculpa”...

As cartas eram de Fernando de Serpa para Antônio Júlio Machado. Estavam na secretária do Paçô, na Companhia de Moçamedes.

O pacto de Vila Viçosa Efetivamente existe? Já o João Franco dizia também com arrogância: – Se podem fazer a república façam-na depressa, porque daqui a dois anos garanto-lhes que a não fazem. – Mas será este rei um chefe? – pergunta necessária e decisiva, a que os próprios monárquicos respondem desta forma n’O Liberal:

Carta publicada n’O Norte de 1 de Setembro de 1918 pelo ilustre escritor Bourbon e Meneses:

Meu Senhor:

Tenho a honra de comunicar a V. Majestade que, nos termos assentados, escrevi ao seu encarregado de negócios em Berlim para fazer-lhe saber a conveniência

que haveria em retro-trair a data da visita de V. Majestade para 20 de Novembro e nesta orientação lhe expus, para levar ao conhecimento do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, os argumentos e razões que me pareceram apropriados ao fim que se pretende. Julgo que isto merecerá a aprovação de V. Majestade.

Quanto ao assunto da nossa conversação no Paço das Necessidades, entendi hoje aproveitar a oportunidade de vir o marquês de Villalobar dar-me uns informes que é natural que V. Majestade já conheça pelo conde de Sabugosa, para entrar com ele em conversa oficiosa sobre a conveniência de estreitar em bases definidas as nossas relações políticas, visto os dois países sofrerem de um mal comum – a invasão da onda democrática. Neste sentido lhe fiz um longo arrazoado que ele recebeu com agrado a o ponto de me perguntar se queria que levasse isso ao conhecimento do seu soberano ou apenas do Presidente do Conselho. Fiz-lhe notar que esta ideia era apenas pessoal e minha, que sobre ela não tinha consultado o governo e que V. Majestade nem de leve suspeitava deste meu ponto de vista, que a minha ideia era de que as duas nações por um instrumento secreto se comprometessem a um mútuo auxilio, no caso de irromperem movimentos revolucionários que pusessem lá e cá em risco a segurança das instituições.

Ele concordou em que o interesse era comum e por isso recíproca a vantagem e lhe parecia que seria grato ao coração de S. Majestade o Rei D. Afonso o lembrarmos dele em tal conjuntura, independentemente das estipulações da nossa aliança com a Inglaterra. Entendi pôr neste pé a questão, porque tinha oportunidade e corresponde a uma necessidade que não é só nossa mas também deles. O ministro compreendeu bem a minha ideia e disse-me que a ia transmitir a Espanha, a Canalejas, afirmando-me que poria nisto todo o seu empenho. Fiz-lhe sentir que seria bom pôr só a questão em princípio e quanto à extensão e detalhes do acordo seria para regular depois quando V. Majestade e o governo conhecessem o assunto. Não quis ir mais longe para me não envolver em dissertações sobre acordos económicos que me parecem pouco convenientes agora para nós. Eis o que fiz e o que me parece que deveria fazer-se por enquanto, pois que este assunto, quanto às outras nações, carece de oportunidade e entrados na via de explicações correríamos o risco de prejudicar os interesses que temos em vista.

O que se me afigura necessário e conveniente é ligar os dois países numa defesa comum, visto que as vantagens e riscos são comuns e não julgo difícil chegar-se ao desejado fim, tanto mais quanto as suas informações se referem a um movimento revolucionário nos dois países, com dinheiro vindo de França.

Muito prazer terei se o meu parecer merecer a subida honra da aprovação de V. Majestade, pois que outro não é o meu desejo se não de corresponder à sua confiança com a prática de atos meus que sejam acertados.

Mostrou-se o Marquês de Villalobar muito empenhado em saber o quer que fosse do casamento de V. Majestade. Continuei afirmando-lhe que nada sabia, porque o que se estava ainda fazendo em Inglaterra era à l'insu do governo, mas que logo que soubesse cousa digna de ser-lhe comunicada, não lhe faltaria com essa confidência.

Disse-me ele que o seu empenho de saber correspondia às sucessivas perguntas que de Espanha lhe fazia o seu Soberano.

Forse che si; forse che nò.

Beijo respeitosamente as mãos de V. Majestade e em tudo aguardo, com o devido respeito, as ordens que se dignar dar ao seu ministro e súbdito obediente

Lisboa, 19-7-910.

(a) José d'Azevedo Castelo Branco.

Importa pouco que o D. Luís de Castro diga: "Hintze vendeu todo o seu património e o de sua mulher para servir o reino e o rei" (Dia, Fevereiro, 1917). Sim, mas Hintze distribuiu a rodos o dinheiro da nação, e colocou toda a gente, a começar pelos seus.

Do Correio Nacional, na sua seção Ecos:

O sr. Hintze Ribeiro é duma grande generosidade para com a sua família. Demonstra-o a seguinte lista, cuidadosamente confeçoada sob informes do Diário do Governo:

Para o elevado lugar de inspetor dos impostos no Porto foi transferido o sr. dr. José Paulo Menano, de 24 anos de idade, casado com uma cunhada do sr. Hintze.

Há tempos, foi colocado no lugar de diretor do hospital das Caídas da Rainha o sr. dr. Augusto Cymbron Borges de Sousa, cunhado do sr. Hintze.

O sr. Manuel Hintze Ribeiro, irmão do sr. Hintze, foi graduado em inspetor superior da alfândega de Ponta Delgada, passando de 1.170\$000 a 1.700\$000, mais do que ganha um diretor-geral.

O sr. Antônio Moreira da Câmara Coutinho, sobrinho do sr. Hintze, foi nomeado diretor da alfândega do Porto, com quatro contos de réis anuais, o ordenado dum ministro, quase.

O sr. Manuel Rebelo Borges, 2º oficial da alfândega de S. Miguel, foi nomeado diretor da mesma casa fiscal, com um conto seiscentos e vinte mil réis.

É uma fortuna para o país que a família do sr. Hintze não seja mais numerosa. Aliás, não haveria contribuintes cuja pele chegasse para pagar tantos encargos...

O rei chegou ao Arsenal já sem vida; ao príncipe custou-lhe muito a morrer. Foram ungidos depois de mortos. O padre não teve escrúpulos, porque os médicos garantiram-lhe que a vida podia prolongar-se por meios artificiais.

“A carruagem da Família Real estava inteiramente isolada na Praça; ninguém se lhe aproximava, de modo que pude com toda a facilidade saltar para o estribo sem perigo de que algum polícia, que por ali estivesse, pensasse muito naturalmente em mandar-nos cumprimentar por uma bala, o que certamente não deixaria de suceder se algum agente da Ordem se lembrasse, como aliás seria justo, de vigiar a carruagem e de suspeitar de dois indivíduos que haviam corrido para o landau real e que o seguiam: tendo de mais a mais, como deixo dito, o Marquês de L... saltado para um estribo e eu para outro.

Assim atravessamos o corredor do Arsenal, onde me caiu da mão a bengala, que não levantei para não abandonar o braço de El-Rei, onde procurava as pulsações que não senti. Ao pararmos dentro do Arsenal, em frente da sala dos curativos, apercebi-me de que o capote de El-Rei tinha o cordão do ombro cortado por uma bala. El-Rei tinha o aspecto de ter morrido de congestão cerebral.

Vi-lhe as feições congestionadas e os lábios quase pretos.

Para a carruagem, que havia parado, subira do lado oposto àquele em que eu estava, a sr.a condessa de Figueiró, chorando e gritando, abraçada ao Príncipe, que dava os últimos sinais de vida, amparado pelo Visconde de Asseca e Marquês do Lavradio.

Não vi, ou não me lembro, como e por que lado da carruagem, foi descido o corpo do Príncipe, pois não me ficou memória do que se passava em redor de mim, absorvido como estava em tentar reanimar El-Rei.

Recordo-me, porém, nitidamente de que em seguida, Henrique Rollin, Guilherme Ferreira Pinto e eu, auxiliados por um criado da Casa Real, descemos a muito custo o corpo de El-Rei, do assento para o fundo da carruagem, que estava inundada de sangue, e daí levantamo-lo em peso para dentro da casa dos curativos, onde o Príncipe Real estava já estendido numa maca de ferro de tela crua.

Depusemos o corpo de El-Rei sobre um colchão no sobrado, colocando-lhe sob a cabeça uma almofada, tudo sem lençol nem fronha.

Desapertei o pescoço de El-Rei e nesta nova posição a fisionomia do monarca perdeu completamente o aspecto congestionado, e por vezes lhe assomava aos lábios um fio de sangue, que tentei vedar com algodão em rama.

H. Rollin, Ferreira Pinto, Leote do Rego, eu e um empregado na biblioteca da Ajuda, cujo nome não ocorre, conservamos amparado o corpo de El-Rei que procurávamos em vão reanimar, enquanto, perto de nós, D. Amélia Campos, o Marquês do Lavradio e o Visconde de Asseca prodigalizavam idênticos e não menos inúteis cuidados ao príncipe.

A D. Amélia entrou no Paço toda ensanguentada. As meias tinham-se-lhe colado às pernas, o sangue secara, e foi preciso arrancar-lhas.

Daí a uns 10 minutos, vi junto de mim o médico dr. Moreira Júnior que, depois de nós lhe assegurarmos que o pulso de El-Rei há muito não se sentia, o auscultou e me pediu fósforos, que lhe dei, e me fez abrir os olhos de el-rei, diante dos quais passou repetidas vezes a chama do fósforo, e lhe aproximou a mesma chama das extremidades dos dedos da mão direita, que eu segurava, depois do quê declarou que o monarca estava morto.

– E o Príncipe? – perguntei.

– Está morto também.

Em seguida lembrei a Henrique Rollin que era conveniente guardar e que ele arrecadasse os objetos que El-Rei tinha consigo e encontramos: um relógio oxidado, que estava do meu lado, na algibeira das calças, preso à cinta por uma corrente de ouro, um lenço e um charuto, e nas algibeiras do outro lado achou-

se-lhe um saco de couro, de revólver, vazio, e não me recordo se mais objetos, mas creio que nenhum outro. Não se viu carteira.

Depois começamos a despir o corpo para que o médico verificasse as feridas e tendo-se-lhe retirado a capa e o dólman e um colete de forte casimira branca pintada de pequenas flores, apareceram por debaixo duas camisolas iguais sobrepostas de malha cor de flor de alecrim, que cortamos à tesoura, e então tendo eu e o empregado da biblioteca da Ajuda sentado o corpo de El-Rei, segurando-o cada um de nós por um dos pulsos, com a mão livre nos revezamos a levantar-lhe a fronte e verificou-se que uma das balas entrara justamente ao meio das costas no ponto da comissura das espáduas e saíra pela barba por baixo do queixo, deixando um orifício em cruz exatamente como uma lancetada; mais acima, perto da nuca e também ao meio, havia outro buraco de bala.

As costas das camisolas estavam ensopadas em sangue.

Foram as feridas lavadas e procedeu-se à aplicação de ligaduras e em seguida, sem se tirar do colchão, depusemos El-Rei sobre uma cama de ferro que ali se armou.

Trouxeram dois tocheiros e um crucifixo que se colocaram numa banca ao centro, e veio um eclesiástico, acompanhado de sacristão, que rezou o Ofício, junto de cada um dos dois mortos.

Cobrimos depois o corpo de El-Rei com a bandeira portuguesa e eu, por alvitre de H. Rollin, procurei o sr. infante D. Afonso para lhe pedir que mandasse vir fato e roupa para vestir El-Rei e o Príncipe, ao que Sua Alteza me respondeu que telefonasse eu para as Necessidades, recomendando que trouxessem para El-Rei a farda de generalíssimo.

As Rainhas encaminharam-se para a casa dos curativos para verem os mortos e eu dirigi-me ao Conde de Figueiró, para que demovesse SS. MM. de irem ali presenciar aquele espetáculo, o que conseguiu.

Esteve depois o Presidente do Conselho, que se demorou alguns momentos diante de cada um dos cadáveres.

.....
*Lisboa, 3 de Fevereiro de 1908.
A.A.M.*

É um grande homem de bem! – subiu todo o calvário da vida. Era religiosa – o que só a honra –, chamaram-lhe beata. Andou nos folhetins e nos panfletos. Os seus criados detestavam-na.

[Introduziu a ordem no Paço. – Até o preço do peixe quer saber! – dizia-se cá fora com indignação. Quando do 5 de Outubro todos os criados diziam bem do rei – todos diziam mal da rainha. O pequeno quadro que se segue explica talvez muita coisa:

“Havia famílias das proximidades do Paço que se alumiam só com as velas do palácio real, compradas por vil preço. As contrabandistas andavam pelas casas dos seus fregueses oferecendo roupas, desde os vestidos da rainha e os fatos do rei até às roupas brancas, meias de seda e sapatos de cetim com a coroa real, para não oferecer dúvidas acerca da procedência. Destes fatos tivemos conhecimento de ciência certa, por vivermos nesse tempo perto do Paço e nos terem vindo oferecer por mais duma vez os despojos do saque, que não aceitamos por várias razões, sendo uma delas a falta de vocação para receptadores de roubos. A vocação nasce com a pessoa. Da ucharia do Paço banquetevam-se os parentes dos empregados e cremos que ate os amigos.

A audácia do latrocínio chegou ao extremo. Indo um dia o rei D. Luís caçar à Tapada e tendo morto três coelhos, ao chegar ao Paço lembrou-se de os mostrar à rainha.

Mandou-os buscar, mas apenas lhe apresentaram um, porque os dois restantes tinham desaparecido durante o breve percurso da Tapada até à Ajuda.

Nos próprios charutos do rei todos os dias dava um ataque epilético que os obrigava a saltar das caixas sem que se soubesse para onde tinham desertado. Chegou o descaramento a ponto de não deixarem um charuto para o rei fumar.”

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014